



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE GRAJAÚ
CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS HUMANAS- GEOGRAFIA**

TAYWAN MORAIS CLEMENTE GUAJAJARA

POVO TENETEHARA E O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

**GRAJAÚ-MA
2022**

TAYWAN MORAIS CLEMENTE GUAJAJARA

POVO TENETEHARA E O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como pré-requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Correa Duarte

GRAJAÚ-MA
2022

AGRADECIMENTOS

Concluir esta etapa não foi tarefa fácil, e para que isto fosse possível, muitas pessoas foram essenciais, por este motivo sou grato a cada uma delas. Agradeço primeiramente a Jesus Cristo, minha fortaleza, lugar seguro em meios às adversidades, agradeço aos meus amigos e familiares. Agradeço a minha mãe Mariestelândia Feitosa de Moraes, que além de ter sido minha primeira professora, desde cedo nos mostrou como superar as batalhas da vida e nos ensinou que através da educação poderíamos chegar a lugares que nunca imaginávamos alcançar, agradeço às minhas irmãs Tainá, Yanoana e Yanawira que sempre acreditaram em minhas escolhas e no meu potencial, sou grato também a minha esposa Érica dos Santos Clemente, que sempre me apoiou nesta trajetória e que presenciou e viveu ao meu lado os momentos mais difíceis durante esta jornada acadêmica, agradeço aos meus filhos Tawane e Taywnan, que foram e continuam sendo minha fonte de inspiração para continuar as lutas, que este material os sirva de alguma forma futuramente, hoje são crianças, mas um dia crescerão, e verão este material como fruto, de uma batalha que foi vencida.

Agradeço ao meu estimado orientador Professor Dr. Samuel Côrrea, que mesmo com as muitas ocupações sempre se colocou à disposição dos seus discentes orientandos, sempre buscou meios para que estes alcançassem seus objetivos durante as pesquisas, nunca negou-se a nós ou omitiu-se sobre o que realmente precisaríamos saber ou fazer, e através de suas exigências nos moldou quanto a acadêmicos.

Agradeço aos meus tios, tias, primos e primas, por me incentivarem e contribuírem durante as pesquisas, agradeço ao meu tio Tito Gomes Guajajara, professor bilíngue, como líder e pai de família é uma grande inspiração, agradeço também a sua digníssima esposa, minha tia Ezilda Ribeiro, que me acolheu em seu lar como um de seus filhos e que sempre esteve em oração e na torcida pelo nosso sucesso. Agradeço ao meu tio Marciliano Clemente Guajajara, cacique da aldeia Morro Branco, e com ele toda a sua família, esposa e filhos que sempre me motivaram a lutar pelos meus objetivos.

Não posso me esquecer de mencionar aqueles que um dia estiveram conosco, mas que partiram desta vida nos deixando o seu legado, menciono meu Tàmuz “avô” Kali Guajajara, cantor Tenetehara que através de seus cânticos, muito alegrou as festividades em inúmeras comunidades, menciono também, Guilherme da Silva Clemente Guajajara, meu querido pai, que nos deixou em 2007, deixando um grande legado na luta pelo seu povo, luta essa que continua ecoando através daqueles que o conheceram. Que o tempo não apague a história que estes deixaram e que as novas gerações se inspirem pelas pessoas que foram.

Dedico este material, a toda comunidade Tenetehara/Guajajara, esse povo que sobreviveu às intempéries da vida durante a história, que resistiram às mudanças e transições dos séculos, que sempre lutaram para manter viva a sua identidade quanto a indígenas Teneteharas. Que este material seja de grande utilidade tanto para esta geração como para aquelas que não de vir.

Namume'u kwaw heremiapo kwer purupe ihe. Xo Zanezar Zezuz ywyrá Kanetar rehe imàno awer zo amume'u wanupe. Nereko wer kwaw Zezuz iàmàtyry'ym wazàwe. Wanemiapo kwer na'ikatu kwaw ihewe wà. Zezuz iàmàtyry'ymar naheko wer kwaw ihe ài wà. Heremiapo kwer na'ikatu kwaw wanupe no.

Karat 6:14

Longe esteja de mim gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.

Gálatas 6:14

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. DO PRIMEIRO CONTATO COM O NÃO INDÍGENA.....	12
1.1 População indígena no Brasil do contato com o europeu aos dias atuais.....	14
1.2 Como viviam os indígenas por volta de 1500	14
1.3 Indígenas do período colonial até a Proclamação da República	16
1.4 Diminuição da população indígena	18
1.5 População indígena hoje.....	20
CAPÍTULO 2. DOS POVOS INDÍGENAS NO MARANHÃO	23
2.1 Breve histórico sobre os povos indígenas no Maranhão	23
2.2 Etnias indígenas do Maranhão.....	23
2.3 Awá Guajá	24
2.4 Ka'apor	25
2.5 Canela	26
2.6 Gavião.....	27
2.7 Krikati.....	28
2.8 Timbira kranyé	29
2.9 Gamela.....	31
CAPÍTULO 3. CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO TENETEHAR	33
3.1 Primeiros contatos com os não indígenas.....	33
3.2 Organização cultural.....	34
3.3 Política Tenetehara	35
3.4 A Família	35
3.5 Da economia	36
3.6 Crenças	37
3.7 Ze'egete, a língua do povo Tenetehara.....	38
CAPÍTULO 4. DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	39
4.1 Aculturação.....	39
4.2 Questões que guiaram a pesquisa	40
4.3 Aldeias Morro Branco e Boa Esperança.....	41
4.4 Aldeias Bacurizinho e Ipú	48
4.5 Compreendendo os motivos do êxodo Tenetehara.....	68
4.6 Elementos que não fazem parte da cultura Tenetehara	69
4.7 Aceitação dos Teneteharas quanto aos elementos que não fazem parte da sua cultura	70
4.8 Comparação entre as aldeias localizadas na zona rural e urbana	71
4.9 Qualidade de vida das famílias Guajajaras na zona urbana e rural	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	79

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar os fatores responsáveis pelo processo de aculturação do povo Tenetehara/Guajajara através do êxodo, uma vez que estes fixaram residências nas redondezas da cidade de Grajaú Maranhão, além disso, busca-se a identificar as influências culturais sofridas por estes ao longo do contato com o branco, expondo qual o ponto de vista ou opinião dos Tenetehara em relação a essa aproximação. Através deste estudo será possível entender como se dá à aceitação dos Tenetehara no que se diz respeito à adequação ou adaptação do seu modo de vida à cultura alheia. Serão analisadas as diferenças entre as famílias Guajajaras que estão às margens da cidade como nas aldeias Morro Branco e Boa Esperança, para aquelas que permanecem na zona rural, Bacurizinho e Ipú. Verificar-se-á também a qualidade de vida em relação a situação socioeconômica das famílias Guajajara localizadas na zona urbana, além de se fazer um contraste com o padrão vivido atualmente por aqueles habitam na zona rural.

Palavras chave: Tenetehara, Guajajara, Aculturação.

ABSTRACT

The objective of this work is to study the factors responsible for the Tenetehara/Guajajara exodus, because they established residences in the surroundings of the Grajaú city from Maranhão state, in addition, seek to identify the cultural influences suffered by the Tenetehara during their contact with the white people, exposing the Tenetehara point of view or opinion about this approximation. Through this study it will be possible to understand how the Tenetehara behave in relation to the adaptation of elements from another culture. The differences between Guajajaras families that are close to the city and those that remain in the rural area will be analyzed. The villages that are close to the city are Morro Branco and Boa Esperança, the others like Bacurizinho and Ipú are in the rural area. The quality of life will be verified in relation to the socioeconomic life of Guajajara families located in the urban area, making a contrast with those who live in the rural area.

Keywords: Tenetehara, Guajajara, Acculturation.

INTRODUÇÃO

O povo Tenetehara, também denominado de Guajajara, é a etnia mais numerosa do estado do Maranhão e uma das maiores do Brasil, um povo que mantém viva a memória e a prática de sua cultura. Estes estão situados em 11(onze) regiões do Maranhão, a maioria localizada às margens dos rios Mearim, Grajaú, Zutywa e Pindaré. Não há clareza quanto a um número exato de quantos Guajararas existem atualmente, contudo, de acordo com os dados da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) de 2014, estima-se uma população de 27 mil pessoas.

Os Guajararas constituem um povo e podem ser também categorizados como “Etnia”. A etnicidade pode ser definida como:

[...] uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classificam as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores (BARTH, 1997, p. 141).

Segundo Barth (1997) a identidade étnica não se define de maneira puramente endógena, ou seja, não se leva em consideração apenas fatores internos, mas também externos, por influência daqueles que não fazem parte do grupo étnico. É com base nessa afirmação que surge a necessidade de explicar alguns fatos relativos ao meio social e cultural do povo Guajajara - o que se percebe, de início, é uma certa diferença cultural no interior do próprio grupo étnico. Nosso entendimento é que essas diferenças acontecem por influência do contato com o não indígena. As diferenças são perceptíveis em quase todo o modo de se organizarem, como: festas tradicionais, comportamentos e até mesmo a língua falada pelo povo, o “Ze’egete”. Outra razão que nos levou a desenvolver esta pesquisa é o processo de migração dos Teneteharas de um espaço geográfico rural, para as margens da zona urbana, o que possibilita o contato recorrente com o não indígena, ampliando as influências exógenas sobre a cultura nativa, fazendo com que estes grupos se tornem diferentes em certos aspectos dos demais que habitam regiões mais remotas da terra indígena.

A pesquisa realizada é de caráter “empírica”, baseada na observação de maneira participante, ou seja, participativa, por meio da qual o pesquisador ajuda a comunidade a tomar decisões no que diz respeito ao grupo pesquisado. Os lugares escolhidos para a observação foram as aldeias Morro Branco e Boa Esperança, localizadas na zona urbana; e aldeias Ipú e Bacurizinho, localizadas na zona rural.

A questão fundante levantada para servir de ponto de partida dessa pesquisa pode ser assim expressa: Porque muitas famílias Guajajaras migram para as margens da zona urbana onde estão mais sujeitas à influência da cultura não indígena? Por hipótese, entendemos que esse fenômeno esteja relacionado com a busca de melhores condições socioeconômicas.

Para além da relação de causalidade acerca do movimento migratório em tela, interessa-nos também, investigar o modo de vida das famílias Guajajaras no entorno do meio urbano, a saber: Há necessidade realmente desses Guajajaras mudarem de logradouro? Esses Guajajaras que migram para as margens da zona urbana, preservam sua matriz cultural, continuam praticando seus ritos, crenças, festas após se estabelecerem próximo dos não indígenas? Se não continuam da mesma forma, o que mudou? Quais são os hábitos agora adquiridos, quais as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade? São essas as questões que guiaram a pesquisa. O plano de fundo estruturante da pesquisa são as interações e tensões entre o plano material (as condições socioeconômicas) e o plano cultural (as práticas simbólicas e sociais) no qual as famílias Guajajaras então situadas.

Que hipóteses poderiam ser apresentadas diante de uma pesquisa que aborda migração de um grupo em seu contexto? No escopo do presente estudo as hipóteses básicas são: primeiro, que os Teneteharas migram da zona rural para a urbana devido o fator econômico, isso os levam à busca de melhorias; segundo, que os Teneteharas saem de seus respectivos lugares de origem em razão dos conflitos internos; terceiro, a migração está relacionada ao processo de aculturação, ou seja, os Teneteharas renunciam a alguns pontos culturais como língua e rituais na tentativa de se inserir de alguma forma em outro meio, que no caso seria a cultura não indígena.

O objetivo geral dessa pesquisa é estudar as variáveis socioeconômicas que impactam a vida da população Guajajara e as estratégias de preservação cultural que contribuem para a manutenção das comunidades que sofrem influências do não indígena, bem como descrever como se dá esse processo de influência de uma cultura majoritária, sobre uma minoritária.

Os objetivos específicos são: compreender os motivos que levam o êxodo Tenetehara para perto do não indígena; identificar quais os principais pontos que não fazem parte da cultura Tenetehara e que influenciam muito sobre eles; entender como se dá a aceitação dos Teneteharas quanto àquilo que não pertencem a sua cultura; analisar as diferenças entre famílias Guajajaras que estão às margens da cidade para aquelas que permanecem na zona rural e por fim, verificar a qualidade de vida em termos socioeconômicos das famílias Guajajaras emigradas para o entorno do meio urbano em contraste com o padrão vigente no interior da Terra Indígena.

Registramos que esta pesquisa tem carácter qualitativo. Segundo John W. Creswell a pesquisa qualitativa:

[...] ocorre em um cenário natural, o pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes (CRESWELL, 2007, p. 186).

Além disso, pode-se afirmar que:

A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos. Os métodos de coleta de dados estão crescendo e cada vez mais envolvem participação ativa dos participantes e sensibilidade aos participantes do estudo. Os pesquisadores qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados e tentam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo. Eles não perturbam o local mais do que o necessário. Além disso, os métodos reais de coleta de dados, tradicionalmente baseados em observações abertas, entrevistas e documentos, agora incluem um vasto leque de materiais, como sons, e-mails, álbum de recortes e outras formas emergentes. Os dados coletados envolvem dados em texto (ou palavras) e dados em imagem (ou fotos) (CRESWELL, 2007, p. 186).

Dentro da pesquisa qualitativa foi utilizado o método “Autoetnográfico”. Para melhor compreensão sobre este método vejamos dois pontos importantes, primeiro: etimologia do termo “autoetnografia”. “Autoetnografia” vem do grego: auto (self = em si mesmo), ethnos (nação) e grafo = (escrever) (SANTOS, 2017). Sendo assim entendemos que a “autoetnografia” nos leva a construir relatos sobre um povo ao qual o pesquisador pertence a partir da ótica do próprio pesquisador. Segundo, precisamos entender que o método autoetnográfico está baseado em uma tríade metodológica: orientação metodológica, orientação cultural e orientação do conteúdo. Na orientação metodológica a base é etnográfica e analítica; na orientação cultural a base é a interpretação dos fatores vividos do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos os quais são objetos da pesquisa e dos fenômenos sociais investigados; e, na orientação do conteúdo, a base é a autobiografia aliada a um carácter reflexivo.

Sem sombra de dúvidas a reflexividade assume papel importante na autoetnografia. Pode se afirmar que o que caracteriza melhor o método da autoetnografia é:

[...] o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. (SANTOS, 2017, p. 219).

É importante ressaltar que o motivo da escolha deste método deu-se pelo fato de que o pesquisador, não é diferente dos seus sujeitos de pesquisa, conhecendo muito bem o povo Tenetehara, seus rituais, costumes e língua. Com base nesse pensamento, é possível fazer uma ligação com o que Ribeiro (2017) aborda, sobre o lugar de fala, onde aquele ao qual pertence a um grupo menor na sociedade assume o papel de representatividade, reivindicando voz e visibilidade ao grupo ao qual pertence, transmitindo suas experiências vividas, objetivando também a difusão do conhecimento real sobre o seu grupo, quebrando assim paradigmas e estereótipos.

Tendo em vista que o tipo de pesquisa e a metodologia foram especificados, partimos para as técnicas de pesquisa e materiais que foram utilizados durante o trabalho de coleta das informações para a construção do TCC. Os materiais utilizados foram: caderno de anotação para registro de impressões a partir da observação do pesquisador, câmera fotográfica e de vídeo para registro de momentos tanto culturais como o dia a dia, formulário com questões para abordagem daqueles que serão entrevistados e áudio gravador como meio de facilitar na coleta de informações durante as entrevistas.

Os capítulos no corpo da pesquisa estão organizados da seguinte forma: No primeiro capítulo, é abordado o contexto histórico dos primeiros contatos dos indígenas com os europeus, através da chegada de Pedro Álvares Cabral no Brasil em 1500; no segundo capítulo é explanado de forma breve sobre os povos indígenas que habitam o estado do Maranhão, tanto aqueles que pertencem à família Jê como os de origem Tupi; No terceiro capítulo é relatado sobre o contexto histórico do povo Tenetehara; no quarto capítulo encontram-se as entrevistas da pesquisa, os resultados expostos e por fim as reflexões sobre o determinado trabalho através das últimas considerações.

CAPÍTULO 1. DO PRIMEIRO CONTATO COM O NÃO INDÍGENA

Na construção de um estudo em que o tema central está voltado aos indígenas, se faz necessário rememorar seu primeiro contato com os europeus, visto que este evento desencadeou uma série de acontecimentos nos quais os direitos da população indígena são, de forma recorrente, aviltados. O primeiro contato registrado na historiografia do indígena com o não indígena aconteceu por volta de 1500 durante as expedições marítimas europeias, especificamente através de Portugal na expedição comandada por Pedro Álvares de Gouveia (Cabral), que pensando estar dirigindo-se às Índias, localizado no continente asiático, foi arrastado por correntes marítimas mudando sua rota. Isso o levou a avistar terras brasileiras que em um primeiro momento antes de desembarcarem, estando ainda longe batizou a terra com o nome de Monte Pascoal, a respeito dessa expedição o cartógrafo Thofehrn (1957), em “Determinação da intencionalidade; propósito e percurso da viagem de Pedro Álvares de Gouveia (Cabral) ao Brasil pelo método' cartográfico” diz que:

PEDRO ÁLVARES, saindo de Lisbôa, no dia 9 de março de 1500, com destino às índias, procurando evitar as calmarias da costa d'África, afastou-se do litoral, sendo tanto desviado de sua rota, para Oeste, por temporais e correntes marítimas, que, em 22 de abril daquele ano, avistou terra firme, à altura do que chamou de Monte Pascoal. (THOFEHRN, 1957, p. 17)

Porém esse nome de Monte Pascoal foi apenas temporário, somente até antes de desembarcarem em porto seguro, após pisarem em terra firme a terra foi chamada de Ilha de Vera Cruz e posteriormente de Terra de Vera Cruz, o nome Brasil surge a partir de 1503 (FAUSTO, 1996). É em meio a esse contexto que surgem os primeiros contatos dos europeus com os indígenas, os nativos das terras brasileiras. Esses no primeiro contato foram chamados de Índios, um termo genérico utilizado pelos europeus por pensarem que tinham chegado às Índias no continente asiático.

Os primeiros a terem contato com os europeus foram os Tupiniquins que dominavam praticamente todo o litoral brasileiro, desde o atual estado da Bahia, Foz do Rio Doce no atual estado do Espírito Santo e parte do norte do estado de São Paulo. Bueno (1998) em “História do descobrimento do Brasil” estima que o número de tupiniquins era de aproximadamente 85 mil. É importante ressaltar que nos primeiros contatos havia também outros povos. Bueno (1998) relata sobre a tentativa de Cabral em comunicar-se com os nativos, enviando em terra, Nicolau Coelho, o judeu Gaspar da Gama que foi habitante da Índia e mais dois homens, um proveniente da Guiné juntamente com um escravo da Angola, estes eram capazes de falar

várias línguas, porém não tiveram sucesso ao tentarem comunicar-se com os indígenas, pois eles jamais tinham ouvido tal língua, assim como também nunca tinham visto selvagens de cor parda. Sobre este primeiro contato Bueno (1998) diz:

No instante em que o escaler tocou o fundo arenoso, os nativos se aproximaram do bote, “todos rijamente, trazendo nas mãos arcos e setas. Nicolau Coelho fez sinal para que pousassem os arcos. E eles os pousaram”. E então, mesmo que não pudessem ouvir o que gritavam uns para os outros, portugueses e indígenas fizeram sua primeira troca. Sem descer do barco, Coelho jogou à praia um gorro vermelho, típico dos marujos lusos, um sombreiro preto e a carapuça de linho que usava na própria cabeça. Os nativos retribuíram dando-lhe um cocar “de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaios”, além de um colar de contas brancas, talvez búzios, talvez pérolas miúdas. De certa forma, estava iniciando-se ali uma aliança entre aquela tribo e os portugueses. (BUENO, 1998, p. 90).

Os povos indígenas no Brasil eram classificados em dois grandes grupos, os tupis-guaranis e os Tapuias, os Tupis eram aqueles que carregavam na língua e cultura características próximas, como por exemplo os Tupinambás e os Guaranis. Já o grupo Tapuia eram aqueles que falavam línguas com características diferentes, são exemplos os Goitacazes, Aimorés e Tremembés. Sobre esses indígenas que já habitavam estas terras, Fausto (1996) em “História do Brasil” afirma que:

Podemos distinguir dois grandes blocos que subdividem essa população: os tupis-guaranis e os tapuias. Os tupis-guaranis estendiam-se por quase toda a costa brasileira, desde pelo menos o Ceará até a Lagoa dos Patos, no extremo Sul. Os tupis, também denominados tupinambás, dominavam a faixa litorânea, do Norte até Cananéia, no sul do atual Estado de São Paulo; os guaranis localizavam-se na bacia Paraná-Paraguai e no trecho do litoral entre Cananéia e o extremo sul do que viria a ser o Brasil. Apesar dessa localização geográfica diversa dos tupis e dos guaranis, falamos em conjunto tupi-guarani, dada a semelhança de cultura e de língua. Em alguns pontos do litoral, a presença tupi-guarani era interrompida por outros grupos, como os Goitacazes na foz do Rio Paraíba, pelos aimorés no sul da Bahia e no norte do Espírito Santo, pelos Tremembés na faixa entre o Ceará e o Maranhão. Essas populações eram chamadas tapuias, uma palavra genérica usada pelos tupis-guaranis para designar índios que falavam outra língua. (FAUSTO, 1996, p. 20).

O que se pode afirmar é que os europeus ao chegarem nessas terras, não a encontraram vazia, encontraram-nas habitadas em um número expressivo por uma diversidade de povos indígenas. A chegada dos europeus está atrelada ao discurso de “descobrimento do Brasil”, essa narrativa, vem sendo discutida e debatida em vários espaços do território brasileiro, principalmente na educação básica, e tornou-se alvo de polêmicas, pois contradiz os fatos de que os indígenas já habitavam nessas terras, além disso, essa situação garante aos europeus o mérito de vencedores e de grandes conquistadores, o que desmerece a história dos primeiros e verdadeiros habitantes do Brasil.

1.1 População Indígena no Brasil, do contato com o europeu aos dias atuais

O que se sabe sobre a população indígena em 1500 é que eram numerosos, havia várias etnias, línguas e culturas. Em relação a demografia daquela época é difícil encontrarmos uma cifra exata, o que temos são apenas estimativas e consensos entre estudiosos e pesquisadores. A estimativa é que havia no Brasil de 1,5 a 8 milhões de habitantes nas terras brasileiras, conforme afirma Cunha (2012) em “Índios no Brasil: História, direitos e cidadania”. Não somente Cunha (2012), mas também outros autores como Pagliaro, Azevedo e Santos em “Demografia dos Povos Indígenas no Brasil: um panorama crítico” (2005), também apresentam com base em estudos mais antigos um total semelhante a este, veja o que estes afirmam sobre isso:

Steward (1949) buscou estimar o tamanho da população indígena da América do Sul em 1500, baseando seus pressupostos em extrapolações a partir de valores de densidades populacionais segundo grandes áreas do continente, para tal utilizando uma tipologia fortemente influenciada pelo evolucionismo cultural corrente à época. Por exemplo, a região central do Brasil, ocupada por sociedades Jê, é referida como a de 'tribos marginais', já que se considerava que, em comparação com outros povos, eram tecnologicamente pouco desenvolvidos. Ressaltando as dificuldades metodológicas envolvidas, Steward chegou a um valor de aproximadamente 9, 1 milhões de indígenas na América do Sul em 1500, que teria decrescido para 6,9 milhões em 1940. (PAGLIARO; AZEVEDO; SANTOS, 2005, p.16).

O texto acima faz um apanhado geral da população indígena em 1500. Ao abordar sobre povos e línguas, Luciano (2006) em: “O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje”, afirma que a diversidade era de 1500 povos indígenas, falantes de mais de 1000 línguas distintas. Do século XVI ao XXI nota-se uma redução drástica, isso se torna pior quando se compara esses números com os dados atuais, é evidente que inúmeros povos foram extintos por vários fatores, conflitos, doenças entre outros. Foram massacrados pelas consequências de um contato não planejado, não desejado, mas forjado pela ambição dos europeus na busca implacável de saciar os seus anseios de se tornarem grandes conquistadores.

1.2 Como viviam os indígenas por volta 1500

Os povos indígenas por volta de 1500 tinham sua própria maneira de se organizar, cada etnia praticava um modo de vida, essas organizações lhe possibilitavam ter uma vida, econômica, social e cultural, variando de povo para povo. As suas relações sociais aconteciam desde os casamentos, suas políticas e seus relacionamentos com outras etnias. Sua vida

econômica estava baseada na pesca, na caça, no extrativismo natural e nas trocas como, animais, artesanatos e etc. Já em relação às suas culturas, estavam voltadas à língua, às festas, aos rituais, aos cânticos entre outros. Luciano (2006) sobre como esses indígenas se organizavam afirma que:

Toda organização social, cultural e econômica de um povo indígena está relacionada a uma concepção de mundo e de vida, isto é, a uma determinada cosmologia organizada e expressa por meio dos mitos e dos ritos. As mitologias e os conhecimentos tradicionais acerca do mundo natural e sobrenatural orientam a vida social, os casamentos, o uso de extratos vegetais, minerais ou animais na cura de doenças, além de muitos hábitos cotidianos (LUCIANO, 2006, p. 43-44).

Fausto (1996) em “História do Brasil” traz informações importantes sobre os modos de vida dos indígenas: em relação a agricultura o mesmo afirma que os Tupis derrubavam árvores, faziam queimadas, plantavam feijão, milho e principalmente mandioca, praticavam uma pequena agricultura; já sobre a relação e contato com outros grupos indígenas, os Tupis faziam alianças com alguns, se posicionando contra outros grupos indígenas rivais, faziam troca de mulheres e de bens considerados como luxos como a pena de tucano e também pedras para a confecção e produção de botoque, objeto artesanal usado para enfeite.

Luciano (2006) faz uma importante observação sobre a organização dos povos indígenas, ou seja, sobre os seus modos de vivência, nesta observação ele apresenta uma organização baseada em alguns pilares, vejamos alguns deles: “Sib ou fratrias”. Essa divisão se trata de uma hierarquia, relacionada a uma linhagem dentro do próprio grupo, pode ser voltada a origem do povo e do mundo, trata-se também de ações realizadas pelos mais velhos, seja ele cacique ou pajé. Essa diversidade de povos indígenas habitavam os mais distintos lugares, desde montanhas, malocas, beiras de rios, riachos e mares. Sobre isso, Luciano (2006) diz:

Alguns escolhem para morar as margens dos rios, outros, o interior da floresta e outros mais, as montanhas. Alguns deles vivem em grandes malocas comunitárias, outros habitam aldeias ovais compostas por várias casas ou pequenas malocas, ou ainda, casas separadas e dispersas ao longo dos rios e das florestas (LUCIANO, 2006, p. 44).

Pode-se concluir que estes indígenas em 1500 viviam de modo organizado, tinham sua vida social, praticavam uma economia e respeitavam a hierarquia dentro de suas culturas. Isso lança por terra alguns estereótipos de que estes não eram organizados, que eram atrasados, e que viviam como seres irracionais. Esses velhos discursos que visam estereotipar os indígenas não têm fundamento, eles apenas viviam de uma forma diferente daquelas aos quais os europeus estavam acostumados. Fausto (1996) afirma ser difícil fazer uma análise das

sociedades indígenas, pois se trata de culturas e costumes muitos diferentes dos não indígenas, e que ainda há muito preconceito.

1.3 Indígenas do período colonial até a Proclamação da República

Para Fausto (1996), catástrofe é a palavra mais adequada para descrever os primeiros contatos entre indígenas e europeus. Aquilo que em um primeiro momento pareceu um contato amigável, com o passar do tempo transformou-se em pesadelo. Fausto (1996) traz uma série de acontecimentos que se sucederam aos indígenas no período colonial, que perdurou de (1530-1822). Durante esse período os indígenas se viram cercados de duas formas: de um lado, a tentativa de escravizá-los e, de outro, a de convertê-los em cristãos. Os padres eram vistos como os grandes (Xamãs) Pajés, que andavam curando, profetizando e falando de um lugar melhor, de uma terra abundante. Os demais que não faziam parte da classe sacerdotal eram respeitados, temidos e odiados, também considerados como homens dotados de poderes sobrenaturais. A Coroa Portuguesa ao colonizar o Brasil tinha por objetivo, patrulhar a costa, impedindo que a terra fosse invadida por espanhóis ou quem quer que seja, fornecer alimentos ao mercado europeu promovendo a autossuficiência da Coroa Portuguesa, explorar a terra na busca por metais preciosos e extrair o pau-brasil. É exatamente durante esse período que o indígena é visto como objeto contribuinte para o fortalecimento e crescimento econômico de Portugal, porém essa contribuição não seria nada voluntária, seria forçada, dando início às tentativas de escravizá-los. Uma tentativa que no olhar de muitos historiadores foi frustrada, levando a uma segunda opção, a escravidão de negros. Sobre isso Fausto (1996) diz:

As razões da opção pelo escravo africano foram muitas. É melhor não falar em causas, mas em um conjunto de fatores. A escravização do índio chocou-se com uma série de inconvenientes, tendo em vista os fins da colonização. Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus. Não eram vadios ou preguiçosos. Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência, o que não era difícil em uma época de peixes abundantes, frutas e animais. Muito de sua energia e imaginação era empregada nos rituais, nas celebrações e nas guerras. As noções de trabalho contínuo ou do que hoje chamáramos de produtividade eram totalmente estranhas a eles (FAUSTO, 1996, p. 28).

Como já foi dito, além da tentativa de escravizá-los, havia também a tentativa de submetê-los à religião cristã por convicção dos padres missionários. O objetivo era transformar os indígenas em ‘bons cristãos’, reunindo-os em povoados e aldeias, criando grupos de cultivadores que fossem flexíveis aos interesses dos colonos. É importante ressaltar

que, fazer destes indígenas ‘bons cristãos’ equivalia também a fazê-los adquirir hábitos de trabalhos semelhantes aos dos europeus. O objetivo dos jesuítas em relação aos indígenas excluía a tentativa de escravizá-los, uma atitude que criava muitas vezes conflitos entre padres e colonos. Mesmo que a tentativa de submetê-los a religião deixava de lado a escravidão, não havia se quer respeito em relação às culturas indígenas, às vezes eram julgados se eram humanos ou não, outras vezes considerados como semelhantes a cães e porcos. De todas as formas estes resistiam a qualquer tipo de submissão: Fausto (1996), afirma que houve resistência por parte dos indígenas, alguns por guerras, outros por fugas ou recusa ao trabalho forçado. Só 1758 Portugal determinou de vez a libertação dos indígenas, porém a prática de escravizá-los já havia sido abandonada pelas dificuldades em dominá-los e por encontrarem uma alternativa. Talvez se não houvesse resistência por parte dos tais, não haveria hoje remanescentes. Veja um trecho de Fausto (1996) sobre isso:

Uma forma excepcional de resistência dos índios consistiu no isolamento, alcançado através de contínuos deslocamentos para regiões cada vez mais pobres. Em limites muito estreitos, esse recurso permitiu a preservação de uma herança biológica, social e cultural. (FAUSTO, 1996, p. 22).

Existe um vasto histórico sobre os indígenas durante o período colonial, haveria o mesmo nos períodos seguintes, ou seja, no Imperial e Republicano? O período Imperial durou de (1822-1889), se houve dificuldades enfrentadas pelos indígenas no período passado, iniciava-se agora nesse novo período um desafio não tanto menor, se antes a luta era para resistir de inúmeras formas contra as tentativas de submissão religiosa e escravidão, agora nesse novo contexto a luta seria em prol das terras, porém no âmbito político e jurídico. Durante o período colonial as terras brasileiras ocupadas ou não por colonos e indígenas, eram entendidas como propriedades do governo português, resultado da conquista da coroa.

Com a ascensão do Império houve uma grande lacuna sobre a distribuição de terras, ou seja, sobre definir quem é dono ou não, tarefa que foi executada pelos militares do império, na maioria das vezes favorecendo os poderosos senhores e donos de fazendas. Essa atividade foi prática militar até 1850, quando foi promulgada uma nova lei que previa regular a aquisição de terras e as invasões, essa lei ficou conhecida como a “Lei de Terras”. Essa lei foi fator agravante contra as terras indígenas que viram seus espaços comuns invadidos sendo transformados em propriedades privadas.

As terras indígenas para tal lei não existia, cabia ao império julgar sobre elas, em 1854 após o decreto que regulamentava a “Lei de Terras” foram estabelecidas algumas condições para estabelecer reservas indígenas. Porém, o decreto não foi suficiente para suprir os anseios

que cercavam os povos originários, é nesse contexto que surge o cacique Vitorino Condá, da etnia Kaingang, um ícone na luta pela demarcação de terras indígenas no Brasil Imperial, muito bem articulado, falando um bom português, exercia grande influência sobre outros indígenas, tendo sido nomeado capitão dos indígenas e considerado um dos principais responsáveis pelas relações diplomáticas no que se refere a questões do seu povo (SOUZA, 2015). É possível observar nesse tempo, entre o período colonial e imperial, que as lutas não cessaram, mas apenas mudaram um pouco seu objetivo, de luta pela sobrevivência física para a luta pelo seu território.

Após o período imperial entrar em declínio em 1889, inicia-se então a chamada República velha, período que durou de 1889-1930, essa época é considerada a primeira fase do período republicano no Brasil, que levou através do voto direto Marechal Deodoro da Fonseca ao cargo de primeiro presidente da república. Iniciava-se um período não tão pouco sombrio sobre os indígenas, não obstante serem quase dizimados durante os primeiros contatos no período colonial e terem suas terras violadas no Brasil imperial, agora tinham sua identidade inferiorizada, sendo submetidos a uma cultura majoritária, no acúmulo de tamanhos males corriam riscos como os de hoje de perderem sua preciosa identidade.

Em “Índigena na República Velha” Bangoli (2009), afirma que o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, omitia suas responsabilidades quanto aos povos indígenas, entregando-os ao total abandono e que ao terem suas terras ameaçadas saíam em busca de terras aparentemente desocupadas, essa migração de um lado para outro facilitava a devastação das matas para o cultivo. Todas essas situações desde os primeiros contatos até os dias atuais possibilitaram um desaparecimento em massa dos povos indígenas no Brasil, em pleno século XXI a história parece que se repete como, por exemplo, contatos, doenças, conflitos de terras e as negligências dos governos. O desaparecimento em massa dos indígenas será abordado com mais detalhes nos próximos tópicos.

1.4 Diminuição da População Indígena

Como vimos no tópico anterior sobre “População Indígena no Brasil em 1500”, observou-se um número bem expressivo de indígenas no século XVI, um número variável entre 1,5 a 8 milhões, divididos basicamente em 1500 povos diferentes, falantes de 1000 línguas, porém houve uma diminuição acelerada ao longo do tempo destes povos. A população indígena hoje no Brasil segundo o censo de (2010) feito pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), é de 817.000. Ao observar essa queda demográfica, busca-se saber as causas que levaram à drástica diminuição dos povos originários.

As principais causas que ocasionaram no desaparecimento em massa dos povos indígenas foram: epidemias de doenças, guerras, conflitos entre indígenas e não indígenas, missões religiosas e a tentativa de escravizá-los. As doenças infecciosas foram responsáveis por impactar grande parte da saúde de inúmeras populações autóctones, fragilizando-as, uma vez que os agentes passivos dessas enfermidades não apresentavam genes relacionados à sua capacidade imunológica. Muitas vezes essas doenças eram transmitidas propositalmente com o objetivo de retardar os ataques indígenas que buscavam se defender das ações dos europeus. Os indígenas para a maioria destes eram compreendidos como empecilhos à civilização.

De fato, as doenças epidêmicas foram consequências do contato das populações autóctones com os europeus, que resultaram na dizimação de inúmeros povos. Há uma série de doenças que foram responsáveis pela morte desses indígenas durante os primeiros contatos, são elas: febre amarela, tuberculose, gripe, pneumonia, sarampo, catapora, varíola entre outras, todas trazidas pelos europeus. Essas doenças influenciavam também nas rotinas desses povos, que para sobreviverem necessitavam caçar, pescar e coletar frutos. Doenças e conflitos resultantes dos contatos com europeus ocasionaram em um grande genocídio e etnocídio. Sobre isso Luciano (2006) afirma:

De fato, a história é testemunha de que várias tragédias ocasionadas pelos colonizadores aconteceram na vida dos povos originários dessas terras: escravidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males que por pouco não eliminaram por completo os seus habitantes. (LUCIANO, 2006, p. 17).

Genocídio é a tentativa de exterminar um grupo por sua cor, etnia ou religião. Esse termo foi popularizado pelo advogado Judeu Raphael Lemkin em 1943 para definir a ação dos nazistas contra os judeus durante a segunda guerra mundial. Já o termo etnocídio está associado ao genocídio e significa a tentativa de exterminar qualquer traço cultural, pode acontecer durante um genocídio ou não. Will (2014) em “Genocídio no Brasil” faz uma reflexão em sua tese mostrando que o genocídio no Brasil contra os povos indígenas foi em decorrência do contato do Velho para o Novo Mundo, cita também alguns exemplos como os Caetés e Tupinambás e lamenta o fato destes terem sido ceifados e privados do seu meio de subsistência. Veja a seguir o que diz:

Consabido é que diversos indígenas desvaneceram do globo terrestre em decorrência do encontro das sociedades do Antigo e do Novo Mundo, a título de exemplificação, ilustremos os índios Caetés e Tupinambás. É lastimoso saber que as vidas desses aborígenes foram ceifadas, que eles foram privados do seu principal meio de

subsistência que era a terra e que tiveram sua cultura destruída. Essa prática constitui-se em um verdadeiro genocídio quer em sua dimensão física, quer cultural, quer econômica patrocinado pelo próprio Estado, ávido pelo lucro incessante, e legitimado por um sistema jurídico a serviço do colonialismo (WILL, 2014, p. 13-14).

Esses são alguns registros de genocídios que aconteceram no Brasil, há também alguns exemplos de etnocídio, que é a tentativa de exterminar qualquer traço cultural de um povo da história, um exemplo claro foi o monolinguismo através da lei do diretório promulgada em 1757, que abominavam qualquer outra língua falada, como o Tupi falado pela maioria no século XVIII e o Iorubá, língua proveniente da Nigéria. Mas foi em 1759 através de um alvará que a lei do diretório foi ampliada reconhecendo a língua portuguesa como o idioma oficial do Brasil.

Essa pressão política foi e é uma evidência clara de etnocídio. Muitos povos foram forçados a esconderem e a despojarem-se de seus costumes tradicionais, negando suas identidades como uma estratégia de sobrevivência. Infelizmente em pleno século XXI, mesmo com leis que garantem aos indígenas o direito de viverem como tais, fazendo manutenção de suas culturas, ainda assim estes continuam sendo alvos de perseguições, estigmas, estereótipos, preconceitos e até mesmo da morte. Em meio a tantas mazelas produzidas contra os povos autóctones na tentativa de oprimi-los, surge um fenômeno hoje em vários lugares do Brasil denominado de etnogênese ou re-etinização, fenômeno esse em que os povos com muitas lutas, buscam reassumir suas identidades e até mesmo recriarem suas tradições. De acordo com Luciano (2006) esse fenômeno está ocorrendo principalmente na região Nordeste e no sul da região Norte, precisamente no estado do Pará.

1.5 População Indígena hoje

Os dados que serão apresentados nesse tópico são baseados no censo demográfico de 2010, em um levantamento produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, intitulado “Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça”. É necessário que se faça algumas considerações de antemão para melhor compreender o resultado obtido pela pesquisa. O IBGE (2010) não contabilizou durante as pesquisas os indígenas isolados que ainda não tiveram contato com o não indígena e aqueles que estão passando pelo processo de reafirmação chamado de etnogênese. Os contabilizados foram: os indígenas residentes em terras indígenas e os urbanizados residentes em cidades, mas que pertençam à algum povo em específico. Os critérios de pesquisa

utilizados para a identificação desses povos foram, a localização geográfica, a língua falada no domicílio e o pertencimento étnico.

É importante ressaltar que os povos isolados não foram contabilizados devido a política de proteção a estes, e são chamados de isolados pelo fato de não manterem ou não desejarem o contato com o não indígena, isolando-se voluntariamente. Segundo uma nota publicada em dezembro de 2019 pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI, intitulada: “Nota do Cimi sobre o extermínio dos povos isolados: ao menos 21 terras indígenas estão invadidas”. O Conselho Indigenista Missionário afirmou que existe pelo menos 114 povos indígenas isolados registrados na América do Sul, cujo a maior parte deles estão localizados no Brasil, destes 114, 28 povos foram confirmados pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, segundo a qual são considerados indígenas isolados os grupos com ausência de relações permanentes com as sociedades nacionais ou com pouca frequência de interação, seja com não-índios, seja com outros povos indígenas.

A FUNAI por meio de uma portaria publicada no site oficial, afirma que a decisão de isolamento desses povos pode ser o resultado dos encontros com efeitos negativos para suas sociedades, como infecções, doenças, epidemias e morte, atos de violência física, espoliação de seus recursos naturais ou eventos que tornam vulneráveis seus territórios, ameaçando suas vidas, seus direitos e sua continuidade histórica como grupos culturalmente diferenciados. São algumas diretrizes básicas para o monitoramento dos povos indígenas isolados: Garantir aos índios isolados e de recente contato o pleno exercício de sua liberdade e das suas atividades tradicionais; Zelar para que a constatação da existência de índios isolados não determine a obrigatoriedade de contatá-los; Promover ações sistemáticas de campo destinadas a localizar geograficamente e obter informações sobre índios isolados; Promover a regularização e a proteção das terras habitadas por índios isolados, incluídos todos os recursos naturais nelas existentes; Assegurar atenção prioritária e especial à saúde dos índios isolados e de recente contato, devido à sua situação de particular vulnerabilidade; Assegurar a proteção e preservação da cultura dos índios isolados, em suas diversas formas de manifestação; Proibir, no interior das áreas habitada por índios isolados, toda e qualquer atividade econômica e/ou comercial (PortariaNº281/PRES/FUNAI, de 20 de abril de 2000). Esses pontos citados acima buscam no contexto da garantia constitucional proteger, além de fundamentar a Política para Índios Isolados. Outros não contabilizados foram os que estão passando pelo processo de reafirmação, ou seja, buscando suas raízes indígenas a fim de se declararem também como povos originários ou tradicionais.

De acordo com o censo do IBGE (2010), há um crescimento na população indígena brasileira, principalmente nas regiões norte e nordeste do país, mas também é importante observar que há uma redução populacional indígena na região sudeste em comparação ao ano 2000, que pode ter sido motivada pelas migrações ou pelo simples fato de que durante as pesquisas de 2010 aqueles que se autodeclaravam como indígenas, optaram por não mais se autodeclararem, talvez por falta de alguma relação ou laços com etnias específicas. Segue abaixo alguns trechos do censo que fala sobre isso:

Os resultados do Censo Demográfico 2010 revelaram, em relação a 2000, um ritmo de crescimento anual de 1,1% para a população indígena. Na área urbana, o incremento foi negativo, correspondendo a uma redução de 68 mil indígenas, sendo a maioria proveniente da Região Sudeste (IBGE, 2010, p. 8).

A variação absoluta observada de 2000 para 2010, segundo a situação do domicílio, revela que nas áreas urbanas houve perda populacional de indígenas no Brasil como um todo, sendo a Região Norte a única, praticamente, que revelou crescimento positivo. Nas áreas rurais, o Brasil cresceu em 151,9 mil indígenas, correspondendo a 43,3%. Dentre as Grandes Regiões, a Norte foi, também, a que apresentou maior crescimento, 77 mil indígenas, ou 46,2%, enquanto a Sudeste perdeu quase 2 mil indígenas no período 2000/2010. (IBGE, 2010, p. 8).

Para melhor entender esses dados do censo de 2010 produzidos pelo IBGE, o site pib.socioambiental.org apresenta a seguinte organização: no Brasil existem mais de 305 povos indígenas segundo o IBGE (2010), estes somam o total de 896.917 pessoas. Destes, 324.834 vivem na zona urbana e 572.083 em áreas rurais, todos esses números correspondem aproximadamente a 0,47% da população total do país. É importante ressaltar que mesmo havendo um crescimento demográfico positivo dos povos indígenas no Brasil, ainda não se compara com o total no período de 1500, um número que era bem mais expressivo, que se aproximava entre 1 e 8,5 (um a oito milhões e meio), divididos em mais de 1500 (mil e quinhentos) povos diferentes.

CAPÍTULO 2. DOS POVOS INDÍGENAS NO MARANHÃO

2.1 Breve histórico sobre os povos indígenas no Maranhão

Os povos indígenas sempre tiveram presente na História do Brasil mesmo antes dos europeus chegarem nessas terras. E como se sabe, em qualquer canto deste país, seja qual for a região, de norte a sul e de leste a oeste, é comum encontrar através dos mais diversos escritores, autores, cronistas e viajantes, os registros e relatos desses povos autóctones. A região Nordeste como se sabe, foi berço destes primeiros contatos. Estes estavam presentes na chegada dos europeus em quase todo o litoral brasileiro, mas o que importa especificamente neste capítulo é a abordagem sobre a presença desses indígenas no estado do Maranhão. Em “Os Tupis na Ilha de São Luís - Maranhão: Fontes Históricas e a Pesquisa Arqueológica” de Marques (2015) encontram-se respaldo e embasamento sobre a presença desses povos por esta região.

De acordo com Marques (2015), a presença dos indígenas foi registrada pelos cronistas, viajantes, mas principalmente pelos religiosos franceses como os padres Claude d’Abbeville e Ives d’Évreux, que descreveram os contatos dos europeus com os indígenas na Ilha de São Luís, que foram denominados de Tupinambás pelos padres Capuchinos. Estes, ao falarem sobre os povos indígenas no Maranhão, afirmam que o grupo buscava refugiar-se do domínio dos portugueses e que tinham se deslocado de Pernambuco para o Maranhão.

É importante ressaltar que esses registros são datados por volta de 1612 – 1614. Os números de aldeias observadas pelos Capuchinos durante as expedições pela Ilha de São Luís foram de 27 (vinte e sete), já em relação à quantidade de habitantes que viviam nas aldeias desta Ilha, contam com um número de 200 a 300 habitantes, e outras 500 a 600, e que em toda a ilha existiam aproximadamente 10.000 a 10.200 pessoas. Porém, atualmente com o avanço das pesquisas arqueológicas, é possível afirmar que a Ilha de São Luís possuía muito mais aldeamentos Tupis do que as 27 aldeias observadas pelos religiosos franceses no século XVII (MARQUES, 2015).

2.2 Etnias Indígenas do Maranhão

Segundo o IBGE (2010), no Brasil existem 305 etnias e 274 línguas - é importante ressaltar que a diversidade de povos e as línguas faladas, são organizadas em famílias linguísticas, ou trocos linguísticos. As famílias que ganham destaque pelo grande número de

etnias que fazem parte delas são: Famílias Tupi-Guarani e Família Macrojê, essas divisões foram feitas pelo linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues (2013), que através de um método comparativo buscou classificar essas línguas de acordo com características semelhantes – o referido autor afirma o seguinte sobre o modo de como as línguas são classificadas:

As línguas são classificadas em famílias de acordo com critérios genéticos: se situam em uma mesma família de línguas para as quais há evidência científica de que derivam, por evolução a longo do tempo, de uma mesma língua no passado mais ou menos remoto, mantendo um determinado nível de afinidade em sua gramática e em seu léxico. Existem famílias que revelam uma afinidade genética mais distante no tempo e constituem uma unidade mais ampla, que chamamos troncos linguísticos. No Brasil reconhecem-se 42 famílias linguísticas genéticas, dez das quais constituem o tronco Tupí e outras doze que integram o tronco Macro-Jê. Na presente lista de línguas também são tratadas como famílias as línguas que têm sido vistas como “isoladas”, pois são membros únicos de suas respectivas famílias genéticas. (RODRIGUES, 2013, p. 11)

As línguas que carregavam aspectos parecidos são classificadas em um tronco ou outro, como no caso dos Guajajaras e Guaranis Kayowás que por falarem uma língua semelhante foram classificadas no mesmo tronco linguístico o Tupi-Guarani. Hoje, no Estado do Maranhão, habitam aproximadamente 35 mil indígenas pertencentes a sete grupos étnicos diferentes (IBGE, 2010). Classificam-se em dois troncos linguísticos: Tupi-Guarani e Macrojê. Fazem parte da família Tupi-Guarani os: Awá Guajá, Urubu Ka’apor e Guajajara. E são membros da família Macrojê: Canela, Gavião, Krikati e Timbira Krepu’Kateyé. Além desses existem também os Gamelas, na região da cidade de Viana.

2.3 Awá Guajá

Entre todos os grupos indígenas citados no trecho acima, os Awá Guajá são os de mais recente contato em comparação aos outros, esse grupo teve seu primeiro contato no século XX em 1976, segundo Garcia (2010) esse contato aconteceu no Alto curso do rio Turiaçú, e foi promovido pelos sertanistas José Carlos Meirelles, Florindo Diniz e Jairo Patusco. Estes eram nômades e viviam sempre se deslocando em busca de alimento quando esgotado. Hoje são habitantes da porção oriental da Amazônia a noroeste do estado do Maranhão precisamente nas bacias do rio Pindaré e Gurupi. Garcia (2010) em “Karawara a caça e o mundo dos Awá Guaja’”, afirma que a principal atividade deste grupo é a caça e que não conhecia até a época do contato à agricultura.

É importante ressaltar que, apesar de já terem sido contactados, existem evidências de outros grupos de Awá Guajá que ainda não tiveram contato. Sobre os que ainda estão

isolados, seus vestígios foram encontrados nas terras indígenas Araribóia e Carú. O contato com parte dessa etnia não se deu por simples desejo de encontrá-los, mas sim por uma tragédia como afirma Garcia (2010). Alguns desses indígenas abatiam animais de fazendas a flechadas para o consumo, ao serem contatados, eram levados para aldeias criadas pela FUNAI. Os outros contatados fora desse contexto, foram encontrados em áreas de grande desmatamento, o que os forçou ao contato.

2.4 Ka'apor

Os Ka'apor também fazem parte da família linguística Tupi-Guarani assim como os Awá Guajá, a palavra Ka'apor significa aquele que é da mata, já foram denominados também de Urubu Ka'apor devido a intensa presença desta ave nas áreas em que habitam, porém hoje o nome desta ave que servia como uma forma de associar o grupo indígena daquela região, não é mais usado. Segundo López Garcés (2016) estes indígenas que vivem na terra indígena Alto Turiaçú são abarcados pelos seguintes municípios:

A maior parte desta população autoidentifica-se como Ka'apor, povo falante de uma língua do tronco macrolinguístico Tupi, família Tupi-guaraní. Esta Terra Indígena abarca parte dos municípios de Araguanã, Centro Guilherme, Centro Novo do Maranhão, Maranhãozinho, Nova Olinda do Maranhão, Santa Luzia do Paruá e Zé Doca, território que os Ka'apor compartilham com outros povos indígenas, como os Tembê e Awá- Guajá (língua Tupi) e os Timbira (língua Jê), com os quais convivem em estreita relação, mantendo casamentos interétnicos, compartilhando a cotidianidade nas aldeias. (LÓPEZ GARCÉS, 2016, p. 136).

O povo Ka'apor tem enfrentado diversos conflitos em seus territórios. Uma série de ataques como a dos madeiros que visam a extração ilegal de madeira, seringueiros, garimpeiros e fazendeiros. Percebe-se que de todos os grupos indígenas no Maranhão os Ka'apor se destacam pela bravura na defesa dos seus territórios. É importante ressaltar que os Ka'apor já enfrentaram conflitos entre outros grupos indígenas também como é o caso dos Awá Guajá.

Diferente dos Awá Guajá que só inseriram a agricultura no modo de viver após os contatos e aldeamentos, os Ka'apor são conhecedores do manejo da terra desde os seus primeiros contatos, essa prática que consistia apenas na plantação de mandioca, hoje ganhou uma maior dimensão, suas plantações são bem variadas, desde a manga, caju, banana, entre outros. Segundo López Garcés (2016), a floresta para este povo não é apenas um meio de subsistência, mas é também o espaço do pensamento e da história do povo indígena Ka'apor,

expressos em narrativas orais que remetem à origem deste povo e dos seus principais aspectos socioculturais.

2.5 Canela

Os Canelas, juntamente com os indígenas dos povos Gavião, Krikati e Kranyé, fazem parte do grupo chamado de Timbiras, nome dado devido em seus rituais estes se ornamentarem de fibras ou imbrás de buriti. Estes falam uma mesma língua chamada “jê” sub-ramo do tronco linguístico macro-jê, também se organizam culturalmente de maneira semelhante, esse grupo sempre foi bem comum, principalmente na região Nordeste, após os seus primeiros contatos nos séculos XVIII e XIX os mesmos foram obrigados a se espalharem por outras regiões do país devido a perseguições dos pecuaristas - sobre esse povo, Apolinário (2013) em: “Povos Timbira, territorialização e a construção de práticas políticas nos cenários coloniais” afirma que:

Entre os séculos XVIII e XIX, os povos Timbira ocupavam toda a porção sul das capitanias do Piauí e Maranhão nos ambientes naturais de caatinga e cerrado. Estavam presentes também no nordeste da capitania de Goiás, um imenso quadrilátero limitado: ao norte, pelos cursos dos rios Gurupi, Canindé, Grajaú, Turi e Mearim; a leste, o Alto Itapecuru e formadores; o rio das Balsas ao sul e o rio Tocantins a oeste, desde a desembocadura do rio Manuel Alves Grande até bem abaixo da desembocadura do mesmo rio Tocantins. Sua maior concentração estava na área territorial denominada de Pastos Bons, na capitania do Maranhão, região de campos imensos conquistados pelos colonizadores luso-brasileiros no século XVIII. Esta área de leste a oeste se alargava entre os rios Parnaíba e Gurupi e, de norte a sul, desde os últimos currais das Aldeias Altas (atual Caxias) às margens do Tocantins. (APOLINÁRIO, 2013, p. 274).

Os povos Canelas do Maranhão estão divididos em dois grupos, os Ramkokamekra e os Apanjekra, ambos estão localizados entre os municípios de Barra do Corda e Fernando Falcão, sendo considerados os grupos mais tradicionais do Estado do Maranhão, pois mesmo após séculos de contato e após fugirem de inúmeras perseguições, mantém viva a cultura, desde os rituais, cânticos, língua e modo de se organizarem. Barros (2014) em “Saúde: A busca incessante do povo canela”, afirma que:

Os Ramkokamekra são o maior grupo remanescente dos Timbiras Orientais, com uma população estimada hoje em 2.250 indígenas (Secretaria Especial de Saúde Indígena 2013). A principal aldeia Ramkokamekra, Escalvado, é conhecida pelos sertanejos e moradores de Barra do Corda como Aldeia do Ponto e localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste dessa cidade, no estado do Maranhão. A Terra Indígena Canela hoje está homologada e registrada. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas agora se localizam no novo município de Fernando Falcão. (BARROS, 2014, p. 7).

Barros (2014, p. 8) apresenta o significado da palavra Ramkokamekra como “índios do arvoredo de almecega”. E que o nome Canela provavelmente se refere ao fato deles serem visivelmente mais altos, e com pernas longas quando comparados a outras etnias vizinhas como por exemplo o povo Guajajara. Os Canelas Apanyekra também habitam próximo aos municípios de Fernando Falcão e Barra do Corda, porém em outra aldeia denominada de Porquinhos. Os Apanyekrá é o grupo de Canelas com contato mais antigo com os não indígenas.

2.6 Gavião

O povo Gavião como já mencionados anteriormente, também são parte dos chamados povos timbiras, falantes da língua jê, se encontram no Território Indígena Governador. O nome Gavião está relacionado ao uso de penas na confecção de flechas, é o que afirma Dias *et ali* (2017):

O Território Gavião foi demarcado e homologado em 1982 e têm 41.644 mil hectares de terra. Está localizado no sul do estado do Maranhão e é considerado uma das menores áreas demarcadas de todo o Brasil. Nesse Território Gavião existem atualmente 11 aldeias e vale destacar que há mais cinco aldeias Guajajara dentro do Território Gavião. Parte da área Gavião é composta por cerrado, mais especificamente “cerradão”, devido ao seu porte mais alto e fechado daquele que é convencionalmente encontrado pelo Brasil; e mata de galeria, que são formas de vegetação que acompanham cursos d’água, bem como ambientes de drenagem em geral. (DIAS et ali, 2017, p. 186):

É importante ressaltar, que o povo Gavião não existe apenas no estado do Maranhão, estes ao qual foram mencionados acima são os Pyhcop Cati Ji ou Parkatêjê, além destes, devemos registrar que existem também aqueles que estão localizados no Estado Pará, os Kyikatêjê e os Akrãtikatêjê. Sobre os povos conhecidos na literatura antropológica como Gavião, tanto do Maranhão como do Pará, Souza (2020) em “Morfofossintaxe verbal das variedades Timbira faladas pelos povos Gavião do Pará e do Maranhão” diz que estes habitam, respectivamente, as Terras Indígenas (T.I.) Mãe Maria e Governador. A primeira está localizada no município de Bom Jesus do Tocantins (PA), enquanto a segunda está localizada no município de Amarante do Maranhão (MA). E que ambos fazem parte do agrupamento conhecido como Timbira. Araújo, (2010) em: “Estudando a Cultura. Educação escolar indígena: Escola Tatakti Kyikatêjê” apresenta o significado dos nomes ao qual denominam os povos Gavião, tanto do Pará como do Maranhão:

Assim os Kyikatêjê, onde kyi é cabeça, Katê dono e jê povo, significa “o povo dono do rio acima”. O povo que havia permanecido no médio Tocantins se denominou Parkatêjê, em que par é pé, são “o povo dono da jusante”. Este povo por sua vez,

encontrava-se dividido em varias “turmas”, no Rio Jacundá estava a “turma do cocal” e os Rôhokatêjê - aldeia de palha, ao qual pertencia Krohokenhum11 . O terceiro povo que se fixou nas cabeceiras do Rio Capim, os Akrâtikatêjê, onde Akrâti significa montanha, ficaram conhecidos como “turma da montanha” (ARAÚJO, 2010, p. 43).

Observa-se que os nomes destes povos estão diretamente relacionados com a localidade em que viviam, ou vivem, esses povos que se dividiram, foram no passado uma só aldeia, segundo Araújo (2010), o que motivou a separação desses povos foram os conflitos internos resultantes da aceitação de alguns com o contato com o branco. Como por exemplo o povo Gavião Parkatêjê, não aceitaram de forma alguma que os Kyikatêjê estabelecessem contato ou acordos com os não indígenas.

2.7 Krikati

O povo Krikati como já mencionado, faz parte do grupo denominado Timbira, as diferenças culturais entre o povo Canela, Gavião e Kranyé, são poucas, a língua é a mesma, as festividades e os rituais também. Apesar de forte semelhança com os demais citados acima, é possível diferenciá-los ou distingui-los através de alguns pontos, primeiro a região geográfica, algo que será abordado no próximo parágrafo, segundo, o sotaque na língua e terceiro a aparência física. Os Canela se parecem uns com os outros, da mesma forma o povo Gavião entre si, já os Krikati e os Kranyé, são bem diversificados fisicamente.

A palavra Krikati, significa aldeia grande, atualmente esse povo habita entre os municípios de Montes Altos, Lajeado Novo, Sítio Novo e Amarante, localizados no sudoeste do Maranhão, possuem 06 (seis) aldeias, sendo que, a aldeia São José é a maior e também a mais antiga, mas também há outras aldeias, como a Raiz, Arraia, Jerusalém, Campo Alegre e Recanto dos Cocais. De acordo com Silva (2012), a terra indígena Krikati foi reconhecida em 08 de julho de 1992 através de uma portaria ministerial.

Segundo Silva (2012), os Krikati já foram denominados de Poncatgêz, Põnkateye, Pivocamecran, Pivoca e Caracaty. No passado, os Krikati foram confundidos com o povo Gavião devido a forte semelhança cultural, os Krikati assim como os demais denominados de Timbiras, também tiveram os seus primeiros contatos entre os séculos XVIII e XIX. De acordo com Silva (2012) há relatos de que os Krikatis foram atacados pelo comando de São Pedro de Alcântara, alguns capturados no ataque, foram vendidos na capitania do Pará, enquanto os outros foram dispersados. Após a fundação da colônia militar de Santa Tereza em 1848 (atual Imperatriz), os Krikati começaram a estabelecer contatos pacíficos com os

missionários, esse povo até o início dos anos 1870 possuíam duas aldeias nas imediações de Santa Tereza (SILVA, 2012). Em 1930 uma grande perseguição por parte dos fazendeiros se levantou contra o povo Krikati, o Governador do estado, Magalhães de Almeida, tentou transferi-los para o município de Barra de Corda o que culminou em resistência, resultando na fixação de aldeias próximo a Montes Altos.

O povo Krikati assim como grande parte dos indígenas no Brasil vivem de caça, pesca, e do plantio, como arroz, milho, macaxeira, mandioca, abóbora, batata doce entre outros. Silva (2012) diz que parte dos Krikatis tem como fontes de renda a aposentadoria, o auxílio bolsa família do governo federal e destaca que o artesanato também constitui uma das principais bases para a renda familiar, sobre isso ela afirma que:

Cada família tem pelo menos um artesão. Habilidosos na técnica do trançado com fibras vegetais, sementes e frutos, confeccionam pacarás, colares, pulseiras, bolsas, entre outros artefatos, tanto para o uso como para ser comercializados. Devido à escassez do material natural, cada vez mais eles adentram a mata a procura de matéria prima para o artesanato. (SILVA, 2012, p. 93).

Apesar do povo Krikati ter mais de um século em contato com o branco, sua cultura, língua, tradições, rituais sagrados e organização social, permanecem vivas. Entre as tradições destacam-se as importantes cerimônias como as festas de iniciação dos jovens - Ceveiro, festa do fogo, festa do gavião, festa da visita em homenagem aos mortos, que culmina com uma corrida de tora da madeira barriguda, casamentos de acordo com a cultura, cantorias no pátio central além de outras atividades como a pintura corporal, a pescaria, a caçada coletiva e as roças também ainda fazem parte do modo de vida dos Krikati (SILVA, 2012).

2. 8 Timbira Kranyé

O povo Kranyé, também pertencente ao grupo Timbira, foram contatados ainda no século XIX, segundo Nascimento (2018). No passado, esse grupo étnico foi dado como extinto pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Estavam localizados na região de Bacabal – MA, e foram dispersos depois de uma perseguição agropastoril - os Kranyé vem trilhando árduos caminhos de certo tempo pra cá no processo de autenticação do seu povo e território, apesar de serem considerados por outro povo indígenas do Estado como povos originários também, ainda existe uma batalha para que o Estado os reconheça de fato como os demais povos, visto que os mesmos, embora sejam bem situados entre o povo não indígena, continuam praticando seus rituais, seus cânticos, suas tradições e etc. Estas são provas de que

esse povo resistente mesmo em meio às imposições e ameaças que lhes ocorre. Segundo Nascimento (2018), os registros do povo Kranyé não tiveram grandes destaques como os demais Timbiras, como por exemplo, Canela, Gavião e Krikati. O povo Kranyé em algumas literaturas foi considerado como um povo que passou por uma transfiguração étnica, amalgamados na cultura sertaneja cabocla. De acordo com Nascimento (2018), esse posicionamento foi decisivo para colocar os Kranyé como grupo extinto, é como explica o autor em tela:

[...] os Krenyé foram conduzidos a viver “acabocladados” entre regionais para garantir a sobrevivência física, já que haviam perdido a autonomia étnica e territorial. (NASCIMENTO, 2018, p. 184).

Após passado bastante tempo desde quando foram contatados pela primeira vez, como desde quando foram obrigados a saírem de suas terras e a se integrarem em outras sociedades, tanto indígenas como não indígenas, em 2003 estes resolveram após um diálogo com o Conselho Indigenista Missionário – CIMI, a retornarem as suas raízes vivendo em aldeias. Esse processo não foi tão fácil, pois se estabeleceram na Terra Indígena Rodeador, próximo a Barra do Corda - MA onde estão localizadas inúmeras aldeias dos povos Guajajara. Sobre essa situação Nascimento (2018) diz:

Incentivados por mediadores, principalmente os agentes do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, os Krenyé em 2003 depois de alianças com alguns Guajajara da Terra Indígena Rodeador, resolveram retornar à vida aldeã. Porém, o retorno para uma Terra Indígena foi conflitante porque não havia uma unidade política entre os Guajajara da T. I. Rodeador que permitissem a autorização para a construção de uma aldeia para os Krenyé. A escolha de ocupar essa Terra passou pelas relações de aliança e pelo contexto histórico da Terra Indígena Rodeador. (NASCIMENTO, 2018, p. 188).

Percebendo a resistência do povo Guajajara em aceitá-los, as lideranças do povo Kranyé se dirigiram até Brasília com o objetivo de conseguirem autorização junto ao órgão indigenista assim como ao Ministério Público para poderem construir uma aldeia. Nesse processo, algumas famílias do povo Guajajara não os aceitavam como indígenas, reconhecendo-os apenas como caboclos. Nascimento (2018) afirma que esse conflito permaneceu mesmo após os Kranyé receberem autorização para ali habitarem.

2.9 Gamela

O termo Gamela, de acordo com Varga (2019), geralmente era usado pelos luso-brasílicos ainda no século XVIII, quando queriam se referir a certos grupos de indígenas

como por exemplo os Acroá, Gueguê e Timbira. O termo Gamela também se refere ao uso entre esses grupos indígenas de disco de madeira em lábio inferior. Sobre os Gamelas, Varga (2019) afirma que estes, antes de chegarem no Estado do Maranhão, viviam no Estado do Piauí - o deslocamento desse povo de um Estado para outro se deu por causa de perseguições, tanto pelos Jesuítas, como também de repressões indígenas, vejamos o que Varga, 2019 diz em “A Cabeça Branca da Hidra, e seus Pântanos: subsídios para novas pesquisas sobre comunidades indígenas, quilombolas e camponesas na Amazônia maranhense”:

Esses grupos teriam atravessado o rio Parnaíba em meados do século XVIII e adentrado o que corresponde ao território do atual estado do Maranhão, em fuga das tentativas jesuíticas para sua “redução” – às concessões territoriais que a eles pretendiam destinar –, seguidas pela repressão da grande rebelião indígena de 1713 que, iniciada no Ceará, rapidamente alastrou-se pelo Piauí.⁵ As sucessivas crises e abandonos dos aldeamentos jesuíticos até a expulsão final dos missionários da Companhia de Jesus no período pombalino arrefeceram a presença de luso-brasílicos e dos agentes do Estado colonial no alto e médio vale do Pindaré, facilitando a ocupação da região pelos grupos Gamela e Timbira. (VARGA, 2019, p. 5)

O povo Gamela, por serem resistentes fortes e aguerridos, receberam no século XVIII e XIX a reputação de serem violentos; eram considerados também perigosos por abrigarem escravos que fugiam de fazendas e de se aliarem com Quilombos. Os conflitos que se sucederam com as frentes de expansão, resultaram na separação desses grupos Gamelas em dois subgrupos, de acordo com Varga (2019) um subgrupo ficou concentrado nas matas de Codó e outro nos arredores do lago Capivari, na vila de Viana (em região localizada entre os atuais municípios de Viana, Matinha e Penalva). Os que estavam localizados na região de Codó foram vítimas de uma expedição militar o que resultou na derrota desse subgrupo, que por fim foram escravizados e dispersos em 1856. Já sobre os Gamela de Viana, Varga (2019) diz o seguinte:

Para os Gamela de Viana, o projeto de redução (já nos moldes da administração pombalina) se materializou com a “Carta Regia de Sesmaria e por mercê de sua Majestade”, de 30 de outubro de 1759, concedendo-lhes território de cerca de 14.000 ha fixo e demarcado nas proximidades da vila de Viana. (VARGA, 2019, p. 5 – 6).

De acordo com Varga (2019) o povo Gamela já havia sido considerado como extinto, tanto pelo órgão indigenista oficial (o Serviço de Proteção aos Índios – SPI e sua sucedânea, a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, como pelo senso comum, indigenistas e antropólogos. Mas em 2013, no município de Viana, estado do Maranhão, estes deram início a uma mobilização pelo reconhecimento de sua identidade e território, até que em 2 de agosto de

2014, realizaram sua Assembleia de Autodeclaração. A luta pelo reconhecimento da identidade e território pode ser considerado como fenômeno da etnogênese, a volta às suas origens.

Após observarem a lentidão do processo de reconhecimento pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o povo Gamela se mobilizou entre 2015 e 2016, e começaram a reocupação de três fazendas e de um sítio, localizados entre os municípios de Viana, Matinha e Penalva às margens da rodovia MA-014 e do rio Piraí. Essas retomadas levaram os proprietários, além de tentar aterrorizá-los, a ingressarem também com ações de reintegração de posse junto ao Poder Judiciário, ora em tramitação.

No dia 30 de abril de 2017, durante a retomada de uma fazenda pelos Gamela, alguns moradores de Viana, motivados por políticos e fazendeiros, organizaram um ataque, no povoado Bahia, que resultou em 20 (vinte) feridos e teve grande repercussão nacional. Esse acontecimento mobilizou inúmeros órgãos a pressionarem tanto o governo Federal como estadual a tomarem uma decisão diante dessa situação, mas o único encaminhamento por parte do Estado veio do Governo do Maranhão, que teve o governador Flávio Dino garantindo que custearia o relatório de identificação e delimitação da terra (SANTANA, 2017).

CAPÍTULO 3. CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO TENETEHARA/GUAJAJARA

3.1 Primeiro contato com o não indígena

Para o desenvolvimento deste capítulo, faz-se necessário primeiramente definirmos os termos “Tenetehara e Guajajara”. De acordo com Gomes (2002) a palavra “Tenetehara” é usada como autodenominação ou autodesignação deste povo, este termo é composto pelo verbo /ten/ ("ser") mais o qualificativo /ete/ ("intenso", "verdadeiro") e o substantivizador /har(a)/ ("aquele, o"). Que significa, enfim, "gente verdadeira". Na escala universal dos povos, primeiro estão os Tenetehara, depois o resto da humanidade, que se aproxima mais ou menos dessa condição excepcional. Já o termo “Guajajara” foi usado pelo povo Tupinambá para se referir aos Tenetehara, sobre isto Gomes (2002) afirma que:

Guajajara é uma palavra que os próprios Tenetehara interpretam como "dono do cocar" - (wazay-cocar; zara-dono). Por certo este termo lhes foi dado pelos Tupinambá da Ilha de São Luís ao se relacionar com os Tenetehara, que moravam no médio e alto Rio Pindaré, a muitos dias de viagem de canoa. Entretanto, os cocares tenetehara nada têm de especial, apenas são diferentes dos usados pelos Tupinambá. O termo guajajara ficou, mas os Tenetehara só falam de si mesmos como Guajajara em conversa com brasileiros. (GOMES, 2002, p. 49).

É importante ressaltar que existem dois povos que se autodenominam como Tenetehara, os Guajajaras do estado do Maranhão e os Tembé do estado do Pará. Por volta da terceira década do século XIX, desencadeou-se a migração de grupos Tenetehara rumo à oeste, para o Rio Gurupi, na atual fronteira entre os estados do Maranhão e Pará, e para os altos cursos dos Rios Capim e Guamá, estes ganharam o nome de Tembé, que significa "lábio" na fala tupi da época, provavelmente em alusão ao hábito de furar o lábio inferior para colocar um tembetá, que podia ser um cilindro de resina ou uma taquarinha. Ainda hoje, os Tenetehara do Pará são conhecidos por Tembé, embora há muito tempo não usem mais enfeite labial (GOMES, 2002).

Tendo em vista que existem dois povos que se autodenominam como Tenetehara conforme explicado no parágrafo anterior, vale ressaltar que, todas as vezes que o termo Tenetehara for utilizado nesta pesquisa, certamente se referirá aos denominados Guajajara do estado do Maranhão.

Os primeiros contatos do povo Tenetehara com os não indígenas foi ainda no século XVII através dos jesuítas, que com o argumento de protegê-los contra a exploração da mão de obra indígena por meio da escravidão, estabeleceram contato durante as expedições junto aos colonos. O objetivo dos jesuítas ao estabelecerem esse contato era de catequizá-los e evitar que os colonos cometessem barbáries contra os Tenetehara, reduzindo-os a um número em

que pudessem dominá-los. Por esses motivos os jesuítas foram acusados pelos colonos de atrapalharem no desenvolvimento econômico colonial, sobre esse conflito entre jesuítas e colonos. Wagley e Galvão (1955) em “Os Índios Tenetehara” (Uma cultura em transição) afirmam que:

O conflito que surgiu entre jesuítas e colonos só veio a t ermo em 1759, com a expulsão da Ordem. Os colonos que precisavam de escravos acusavam os jesuítas de segregar os índios nos aldeamentos, impedindo a sua participa o na economia colonial, além de explorá-los em benefício exclusivo da Ordem. Sob o pretexto de eliminar índios aguerridos, os colonos atacavam tribos aldeadas como aquelas consideradas hostis. (WAGLEY; GALVĂO, 1955, p.23)

De acordo com Wagley e Galvão (1955) há uma probabilidade do local de origem dos Tenetehara ser o Alto Pindaré, isso devido às cr nicas de expedicionários franceses durante os séculos XVII e XVIII, que afirmam terem encontrado um montante de aldeias em 1615 nos arredores desse rio durante uma expedi o, para eles, possivelmente seriam o povo Tenetehara. Os Guajajara eram descritos por cronistas e missionários pelas mais diversas formas, alguns diziam que estes eram pacíficos, preguiçosos, fuj es, outros diziam que os Tenetehara eram valentes e ladrões, mas pelo que se sabe o único relato de guerra desse povo foi o que ficou conhecido como o “massacre de Alto Alegre”, onde os índigenas atacaram os capuchinhos de Alto Alegre em 1910. Os autores supracitados dizem que o incidente parece ter sido provocado pela prática dos padres em tomar crianças índigenas de seus pais e intern -las na missão, e pelos castigos que impunham aos índios os quais, desobedecendo-os, tomavam mais de uma esposa.

3.2 Organiza o Cultural

Antes de abordar sobre aspectos da cultura do povo Tenetehara,   importante trazer uma breve defini o da palavra “cultura”, esse termo   bem amplo e complexo e vem ganhando novas camadas ou significados com o passar do tempo, porém o termo “cultura”, empregado nesta pesquisa   de caráter antropológico e definido pelo antropólogo inglês Edward Taylor, em sua obra “Primitive Culture”, publicada em 1871, cultura, refere-se ao todo mais complexo, ou seja, inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Nepomuceno e Cássia (2008) em “Cultura: uma abordagem antropológica” explicam que toda cultura   composta por um conjunto de regras, normas e valores que estabelecem padrões de comportamento.

Os autores mencionados anteriormente afirmam também que os hábitos, as regras, as normas e os valores estabelecidos por cada grupo resultam do estabelecimento do mesmo para o que considera necessário à manutenção da ordem, da coesão, da organização social e da preservação do grupo. Assim, todos os povos defendem suas próprias formas de vida.

3.3 Política Tenetehara

De acordo com Wagley e Galvão (1955), os Tenetehara constituem propriamente um povo unido por uma mesma língua e tradições comuns, do que uma tribo ou nação conscientemente organizada em base política. Porém o povo Tenetehara possui suas organizações internas, dentro de cada aldeia, por exemplo: antigamente cada aldeia possuía um chefe denominado e patenteado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) de “capitão” que teoricamente era o responsável pelo governo do povo dentro da aldeia, sobre isso Wagley e Galvão (1955) afirmam o seguinte:

Cada aldeia tenetehara possui um «capitão» .. apontado ou reconhecido como chefe pelo SPI. Teoricamente ele é responsável pelo governo do povo dentro da aldeia. O «capitão» de uma aldeia recebe do encarregado do SPI uma «patente», onde se afirma a sua qualidade de chefe da aldeia. (WAGLEY; GALVÃO, 1955, p.35).

Na atualidade não se conhece mais esse tipo de autoridade nas aldeias que eram patenteados pelo SPI, hoje a política interna é feita com base na autoridade do “Cacique”, que é o responsável por conduzir politicamente seus liderados em alguma decisão que envolva o interesse coletivo da aldeia, além disso, os pais de famílias também exercem liderança, e fazem o trabalho de apoio junto aos caciques.

3.4 A Família

A família Tenetehara é composta pelos seguintes membros, esposo, esposa e filhos. É muito comum na união de um casal jovem, coabitarem com os pais da noiva, o sogro após o matrimônio da filha, encaminha o genro para os trabalhos na lavoura, é uma forma de contribuir economicamente para o sustento dos dois. Com o passar do tempo, a filha e seu esposo seguem sua própria caminhada. Sobre a estrutura familiar, é encontrado alguns registros de que no passado era comum a poligamia, ou seja, um homem poderia ter mais de uma esposa, sobre isso Wagley e Galvão (1955) dizem que:

A família é predominantemente monogâmica, porém, registramos em 1942 nove casos de homens com duas espôsas e um com três. Famílias polígenas ocupam uma

só casa; a co-residência das espôsas de um homem raramente resulta em desarmonia e, em geral, elas são de parentesco próximo. (WAGLEY; GALVÃO, 1955, p.38)

Segundo Wagley e Galvão (1961) a família extensa é a unidade mais importante na estrutura social Tenetehara, constituída por um número de famílias simples e reunidas por laços de parentesco. Essa extensão pode ser mais importante do que a família biológica, através dela é garantido à proteção ao indivíduo por meio dos laços familiares, e forma também a base da produção econômica. De acordo com os autores a família extensa é baseada na seguinte forma:

Teoricamente, a família extensa é baseada no controle de um homem sobre um número de «filhas» (suas próprias filhas e as filhas dos irmãos). Em essência, a família extensa tenetehara é um grupo de mulheres relacionadas por parentesco, sob a liderança de um homem. O líder de uma família extensa está sempre pronto a adotar uma «filha», se um dos homens que chama «irmão» acontece falecer. Pelo casamento dessas «filhas» o líder atrai trabalhadores masculinos para seu grupo familiar, pois a residência, pelo menos logo em seguida ao casamento, é matrilocal. Um jovem é obrigado a trabalhar para o sogro durante um ou dois anos em seguida ao casamento. Se o líder de família extensa dispõe de bastante prestígio, o casal toma residência permanente com o grupo familiar. Contudo, não é raro maridos insatisfeitos com o grupo familiar da esposa aderirem a outro grupo, com o qual também tenham ligações de parentesco. (WAGLEY; GALVÃO, 1955, p.39)

Apesar da família extensa, buscar trabalhar preservando a união em seu meio, é muito comum os laços serem rompidos em algumas ocasiões, os motivos de tal desmembramento são vários, por exemplo, pode acontecer que os casais mais jovens estejam cansados de se submeterem às lideranças mais velhas, pois estes podem se utilizar de seu poder para agirem de forma autoritária, abusando da vontade alheia. Outro motivo pode ser o desejo de buscar seus próprios interesses, constituindo uma família extensa e fundando sua própria comunidade.

3.5 Da Economia

A economia Tenetehara é formada pela agricultura, coleta, extração de produtos naturais, além da caça e pesca. A agricultura se dá por meio dos plantios em roças, para a formação desta, a mata é derrubada e queimada, os trechos derrubados são usados por dois ou três anos e depois abandonado. A mata secundária que se desenvolve como a capoeira é considerada inferior para a agricultura. Há uma variedade de plantas cultivadas pelos Tenetehara, como: milho, feijão, abóbora, cará, melancia, amendoim, fumo, algodão e mandioca. De acordo com Wagley e Galvão (1955) algumas outras plantas são acrescentadas modernamente como o arroz, cana-de-açúcar, bananas, cebolas, pepino, mamão, mamona e

etc... Com relação à coleta e extração, que são atividades comuns entre os Teneteharas, busca obter coco babaçu, óleo de copaíba, resina de jatobá, madeiras e peles de animais. Os pratos mais comuns entre os Tenetehara são a farinha e a massa de tapioca, sendo as duas derivadas da mandioca.

A mandioca é um importante alimento para o sustento dos Tenetehara, esta é refletida nas lendas que se referem aos primeiros tempos da humanidade Tenetehara. Algo que será abordado mais a frente. A caça e a pesca constituem importantes atividades para a economia Tenetehara. Os homens são os responsáveis pela caça, desde cedo os mais velhos ensinam os mais novos, em relação a pesca, tanto homens como mulheres praticam tal atividade.

3.6 Crenças

O povo Tenetehara acredita em espíritos da natureza como, “Y Izar” dono da água, “Ka’a Izar” dono das florestas, “Miar Izar” dono das caças, que podem ser considerados espíritos causadores tanto de males como de bens, além desses há outros denominados de “hupiwaras e azàgs”: o primeiro constitui os espíritos dos animais, e o segundo das pessoas que já morreram. No mundo sobrenatural dos Tenetehara, a maior divindade é “Mair” sobre este Wagley e Galvão (1955) dizem o seguinte:

Maíra é o mais importante desses heróis. Segundo a lenda, êle viajou pela terra em busca da «Terra Bonita» (Ywy porang). Onde encontrou o lugar ideal, aí criou o homem e a mulher. O casal vivia em condições ideais até que Ywan, o dono da água, atraiu a mulher e copulou com ela. O homem ignorava o coito até que Maíra lhe mandou ver o que acontecia à mulher. Maíra, após o homem e a mulher terem procriando, falou-lhes: «de agora em diante, vocês terão um filho e morrerão, o filho de vocês terá um filho e também morrerá». Maíra ensinou ao homem a plantar mandioca e a fazer farinha. No princípio, a mandioca se plantava por si mesma e amadurecia em um dia; porém a humanidade duvidou de Maíra e êle, em represália, fêz a mandioca amadurecer lentamente. Hoje, os Tenetehara têm que esperar todo o inverno para colher as raízes e, para seu plantio, é grande o esforço de derrubar a mata e preparar a roça. Maíra trouxe o algodão e ensinou como tecer as rêdes; roubou o fogo aos urubus e ensinou o homem a assar a carne, ao invés de deixá-la secar ao sol. Cansado de viajar pela terra, Maíra retirou-se para «Karowara nekwahawo» onde ainda hoje vive uma vida de abundância. «Antes de Maíra, os Tenetehara não sabiam nada, eram bêstas». (WAGLEY; GALVÃO, 1955, p.108).

Os rituais do povo Tenetehara são feitos em alguns momentos como, quando adolescentes entram no período de puberdade, isso vale para ambos os sexos, homens e mulheres, momento de colheitas e de extração do mel. O ritual que marca a passagem do homem da adolescência para a fase adulta é chamado de “kwàkwàmo pinykaw” festa dos rapazes, já das mulheres é chamada de “kuzàtài pinykaw” ou “Zero’ohaw” a festa da menina

moça ou moqueado. Essas duas festividades podem ter duração de até 24 horas, todas são a base de cânticos entoados através do maracá instrumento que marca o tempo musical, as músicas falam de pássaros como, arara, papagaio, uirapuru etc.

A festa do milho era realizada em um período de preparação para a colheita, e poderia levar meses até que o milho ao ponto de colher, já a festa do mel acontece em poucas regiões, os motivos são vários, mel insuficiente para a festa, ou até mesmo receio de serem amaldiçoados pelos espíritos caso não realizem a festa direito. Sobre esse ritual ou festividade os Teneteharas evitam comentar, ou falar sobre como acontece o processo para a realização da festa.

3.7 Ze'egete, a língua do povo Tenetehara

A língua falada pelo povo Tenetehara é chamada de “Ze'egete = Fala boa ou fala verdadeira”. Essa língua é um sub-ramo do tronco linguístico Tupi e faz parte da família linguística Tupi-Guarani, esta é falada tanto pelos Guajajaras que habitam em várias partes do estado do Maranhão, como também pelos Tembé, que habitam parte do estado do Pará, precisamente às margens do rio Guamá.

É importante ressaltar que essa língua foi organizada como sub-ramo do tronco linguístico Tupi por Aryon Dall'Igna Rodrigues, em “Línguas indígenas brasileiras”, publicada em 2013 pelo Laboratório de Línguas Indígenas. Na referida publicação, as línguas indígenas estão organizadas em “Nome da língua e do povo, Família linguística, Tronco linguístico e Número estimado de falantes”. De acordo com Rodrigues (2013) estima-se que há no Maranhão, 19.500 mil falantes da língua Tenetehara/Guajajara.

CAPÍTULO 4. DOS RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 Aculturação

Antes de prosseguir com os resultados, faz-se necessário uma breve apresentação ou definição do termo “aculturação”, que constitui uma das palavras chaves norteadoras para a construção desta pesquisa. Santos e Barreto (2006), explicam que aculturação, é o processo pelo qual se toma emprestado alguns elementos de uma determinada cultura, isso acontece quando há um contato de qualquer duração entre duas sociedades diferentes.

De acordo com Coelho (2004), o termo aculturação foi introduzido ao final do século XIX por antropólogos anglo-saxões para designar os fenômenos de contato direto e prolongado entre duas culturas diferentes que levam a transformações em qualquer delas ou em ambas. Na atualidade o termo é usado para:

[...] indicar a resultante de uma pluralidade de formas de intercâmbio entre os diversos modos culturais - cultura erudita, popular, cultura empresarial, etc. - que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo, sincretismo, interpretação, resistência (reação contra aculturativa), ou rejeição de componentes de um sistema identitário por um outro sistema identitário. Modos culturais compósitos, como óperas montadas em estádios de futebol, espetáculos de dança moderna apoiados em manifestações de origem popular, como o jazz, exemplificam processos de aculturação ou de culturas híbridas. (COELHO, 2004, p.35).

Para Ullmann (1991), aculturação é um processo no qual duas culturas, num contato bastante prolongado ou permanente, sofrem influxo recíproco. Nesse processo uma delas é a doadora e a outra, receptora. Em termos mais simples, aculturação consiste na adaptação de uma cultura à outra, num ou vários traços. Ullmann (1991), afirma que esse processo de aculturação pode acontecer de algumas maneiras: livre, forçada e planejada. Assis e Nepomuceno (2008) exemplificam essas três formas:

[...] Livre – Quando se dá de forma espontânea, pacificamente. Quando não há nenhum tipo de dificuldade, confronto ou choque entre as culturas. Pode ocorrer através do que chamamos de SINCRETISMO. No Brasil, o exemplo mais emblemático é o sincretismo religioso: observa-se em nosso país uma religiosidade singular, pois a partir do contato de diversas matrizes culturais (nativos, africanos e europeus) temos a fusão de diversos ritos e crenças. [...] Forçada – Quando é imposta por coerção, não há opção de escolha por parte da sociedade que tem sua cultura suplantada. Podemos pensar em fatos do passado, como a imposição do batismo cristão aos índios na época da chegada do europeu ao Brasil. [...] Planejada – Quando a aculturação é previamente pensada, meticulosamente elaborada com objetivos específicos a serem atingidos. Quando se planeja uma nova função ou modificação na própria cultura ou em outra cultura. Um bom exemplo seriam as políticas públicas que visam promover transformações no modo de vida das pessoas. (ASSIS; NEPOMUCENO, p. 6-7, 2008).

É exatamente essa definição de “aculturação”, que embasa a seguinte pesquisa, nos ajudando e guiando para uma melhor compreensão sobre os aspectos que vêm influenciando fortemente o povo Tenetehara de uma forma geral.

4.2 Questões que guiaram a pesquisa

As questões que guiaram esta pesquisa foram baseadas tanto na problemática levantada no escopo inicial deste trabalho, como nas hipóteses e, também, nos objetivos, tanto geral como específicos. Estas foram divididas em dois cadernos de questões, o primeiro foi voltado para aplicação nas aldeias Morro Branca e Boa Esperança, que estão às margens da cidade de Grajaú – MA, e o segundo para as aldeias Bacurizinho e Ipú, que estão localizadas às margens do rio Mearim, na zona rural.

As questões aplicadas para as aldeias, Morro Branco e Boa Esperança foram: 1 - Quais foram os motivos que levaram os Teneteharas/Guajajaras que hoje habitam nessa terra a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA? 2 - Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka’a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas, ou são poucos que ainda acreditam? Se não for mais comum, por quê? 3 - As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, por que não as fazem mais? 4 - A língua Ze’egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles que não falam mais, o que os levaram a perder a língua? 5 - Quais são os hábitos agora adquiridos, quais são as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade?

A diferença entre os cadernos de questões são poucas, por exemplo, no primeiro caso a pergunta inicial é sobre quais **foram** os motivos que **levaram** os Teneteharas/Guajajaras a migrarem para perto da cidade; no segundo caderno a pergunta é reformulada, os verbos outrora destacados em negrito e conjugados no passado passam a serem conjugados no presente: “são e levam”. As questões: 2º, 3º e 4º também permanecem as mesmas, tanto em um caderno como no outro. A outra questão com diferença é a 5º, no primeiro caderno a questão pergunta quais são os hábitos agora adquiridos pelos Teneteharas e quais são as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade, no segundo caderno a questão é reformulada da seguinte forma: No seu ponto de vista quais são os hábitos que os Teneteharas vêm adquirindo, que não faziam parte da cultura? Quais são as influências mais presentes mesmo estando distantes da cidade?

As entrevistas foram essenciais para a construção desse trabalho, ao todo, seis pessoas foram entrevistadas, entre caciques, lideranças e jovens Teneteharas, sendo eles, acadêmicos, professores, e guardiões dos costumes tradicionais do povo Guajajara, com êxito, todos se disponibilizaram a contribuir para o sucesso dessa pesquisa.

4.3 Aldeias Morro Branco e Boa Esperança

Essas duas aldeias estão localizadas próximo à cidade de Grajaú – MA, os entrevistados pertencentes a estas foram, Marciliano Clemente Guajajara, Cacique da Aldeia Morro Branco e Francisco Rodrigues Guajajara, Cacique da Aldeia Boa Esperança. Ao responderem a primeira questão, sobre os motivos que levaram os Teneteharas/Guajaras a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA, as respostas obtidas foram diferentes. Para o Cacique Marciliano Guajajara, os motivos que levaram os Guajaras a se deslocarem ou migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade foram: a necessidade de educação e saúde:

O meu nome é Marciliano é Cacique da Aldeia Morro Branco. É bom, eu quero falar um pouco né, sobre a vinda de a vinda de vários indígenas né, vários Guajaras né, de outras terras pro Morro Branco, era alguns deles tiveram uma visão né, o foco deles eram trazer os seus filhos para perto da cidade para que os filhos cresciam nas escolas e tivesse melhoria né na educação e na saúde, então a vinda desses Guajajara foi nesse sentido aí de alguns parentes que vieram aqui para a Terra Indígena Morro Branco. Então na vinda deles encontraram também outras situações né que hoje alguns não tiveram aproveitamento alguns tiveram né com seus filhos, com os seus filhos hoje formado nas faculdade, alguns fizeram terminaram seus é pedagogia magistério, também vários já, já estão trabalhando nos órgãos público né, no estadual e municipal e alguns também tiveram também trabalhando nas empresas na cidade, e alguns, alguns, alguns não tiveram proveito, muito já, já morreram né, no alcoolismo droga e muitas coisas que não tiveram proveito, e eles acabaram se perdendo, então é isso nessa vinda desses Guajajara, desses parentes para cá para Terra Indígena Morro Branco. Alguns encontraram melhoria e alguns também encontraram dificuldade, então essas são as a minha, o meu ponto de vista né, que eu até hoje né convivo aqui no Morro Branco né como Cacique, aqui dentro da Terra Indígena Morro Branco existe várias aldeias são hoje são registrados uns 20 aldeias aqui dentro, e cada uma dessas aldeias tem indígena né preparado né, estudado na faculdade que eu falei na faculdade, alguns se perderam no sentido de coisas ruim né então é isso.

(Marciliano Clemente Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Essa necessidade de educação e saúde é considerada como a busca de melhorias. O Cacique Marciliano relata que muitos desviaram o foco do objetivo principal que era a busca por uma boa educação e saúde, sobre estes, ele diz que não souberam aproveitar, os que aproveitaram, obtiveram sucesso e estão atuando nos órgãos públicos e empresas tanto na aldeia como na cidade, conforme a entrevista acima.

Para Francisco Guajajara, Cacique da Aldeia Boa Esperança, os conflitos internos foram fatores que motivaram os Guajaras ao êxodo para próximo da cidade, veja um trecho de sua entrevista em Ze'egete e logo após sua tradução:

Arezur k àn no Ipú, arezur k tua'u hupi, tua'u purahu a'e wi, arezur a'e haikweromo no, te kutàry. Uiko herazyr a'e Professora a'e a'r mehe no Ipú pe no, heri'irmo no, herazyperomo no, discutiwer a'e a'r mehe, azur a'e or mehe xe kury, ni aixe na pita gaw rehe, àn zeapyr a'e ora mehe xe. Pita xe, i'i Joana ihewe, azekaiw penehe xe. Upiro k herazyr, ipo arer rehe emprego, próprio heri'ir. Pra nun ta discutindo, a'i pe hemyriko pe, zaha pa minha véa, azur k xe kury, apita xe kutàry kury. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Eu vim do Ipú, seguindo os passos do meu sogro e estou até hoje aqui, minha filha era professora, e o meu próprio cunhado e sua filha criaram uma discussão lá. Eu não queria ficar aqui, mas a Joana pediu para ficarmos pois ela cuidaria de nós. Meu próprio cunhado tirou o emprego da minha filha, e pra evitar discussão eu disse a minha esposa, vamos minha velha, eu vim pra cá e até hoje estou aqui. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

No relato acima, observa-se claramente que a contenda foi o motivo causador da retirada dos tais para próximo à cidade. A discussão teve início devido a uma vaga para professor em sua antiga residência. Sua filha lecionava em uma escola na aldeia Ipú, seu cunhado, junto a sua sobrinha fizeram frente para que sua filha fosse removida do quadro de professores da aldeia e para evitar que tal confusão se agravasse, o mesmo na companhia do seu sogro e sua esposa retiraram-se da aldeia Ipú e se dirigiram para um pequeno loteamento que hoje é a Aldeia Boa Esperança.

A segunda pergunta foi sobre a crença nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar, o objetivo era saber se ainda era comum acreditarem, tendo em vista que estão próximos a cidade e podem sofrer influência de outras crenças ou religiões, o Cacique Marciliano afirmou que ainda é muito comum os Guajaras da Aldeia Morro Branco acreditarem, mesmo que muitos anciões tenham falecidos, mas deixaram vivas essa crença, o Cacique diz também que essa cultura vem de Deus por isso deve ser valorizada, o Cacique ressaltou que creem tanto no criador, se referindo ao Deus bíblico da tradição judaico-cristã como também nos sobrenaturais mencionados anteriormente. Veja abaixo a resposta do Cacique Marciliano:

Bom dia mais uma vez né, vou falar um pouco sobre cultura né, bom muitos é muitos ainda acreditam sobre existência né de Maíra e sobre também ka'a Izar Ywara, então por isso que muitas vezes nós ainda da Terra Indígena Morro Branco a gente ainda prevalece com essa nossa cultura, a gente realiza, ainda que os mais velhos né, nossos anciões eles, muitos deles já faleceram, mas eles deixaram para a gente essa história viva no meio da nossa comunidade, então isso é uma cultura que Deus né deixou para gente, então por isso que nós devemos valorizar por ela, então é

isso, mas nós não deixamos também de acreditar em Deus, nós também acreditamos em Deus e que Deus é dono de tudo né, então é isso e é isso essa a resposta né dessa pergunta. Mesmo tendo outras religiões acredita ainda. (Marciliano Clemente Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Para o Cacique Francisco Guajajara, os Teneteharas acreditam muito nesses sobrenaturais, para ele, todos são reais e estão pelas florestas, o Cacique ressalta também que o “Ka’a Izar” que pode ser traduzido como dono das florestas é o mesmo conhecido como Kaipora pelos não indígenas. O Cacique salienta que mesmo estando perto da cidade, nunca deixou de acreditar, e que em relação aos que não acreditam, suas opiniões são respeitadas, o Cacique também destaca que os mais novos não conhecem bem essas histórias, veja o que diz em sua entrevista:

Heta acreditawe vi ma’a rehe pa, ta’e ikatu ma’e vi à, heta hamete ka’a izar à, Y pe har à, Y izar rehe no, ka’a izar rehe xe, Kaipora nehe tuwe, a’e izar rehe, akwaw nezewe kwehe awer, kwehe mehe azur xe, aze taw pe ncredita kwawy, heta ka’a pe acredita nezewe rehe, ta’e acreditawe vi nungar, kakwez nuzeruzarwer vi nungar rehe xe, katu a’e rupi no, aceita nezewe haw. Teko pياهو kwer nu kwaw kwa vi nungar ma’a rehe kury. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Ainda existem aqueles que acreditam nisso e é bom, realmente existe o dono da floresta e dono da água, o dono da floresta é o mesmo Kaipora, desde muito tempo eu conheço isso, há tempos eu vim pra cá, os da cidade não acreditam, maso que moram na floresta acreditam, àqueles que não acreditam, não há problemas fica tranquilo, nós aceitamos. Essa garotada nova não conhecem essas histórias. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

A terceira pergunta foi sobre as festas tradicionais, se ainda eram mantidas ou não, se caso fossem mantidas quais seriam as mais frequentes e se não fossem mantidas, porque os Guajaras as deixaram de fazer. A resposta do Cacique Marciliano foi a seguinte:

Bom, as nossas festas tradicionais são mantido e sempre será mantido, a não ser né próximo geração né, não terá não terá mais essa essa incentivação né motivação para para não ter mais né, mas nós enquanto nós né como caciques e lideranças tiver aqui na Terra Indígena Morro Branco, nós vamos ter que realizar as festas tradicionais como no caso o que é bem frequente na nossa Terra Indígena Morro Branco que é festa do moqueado que a gente faz né, e vai prevalecer, e segunda festa a festa dos rapazes também que a gente começou também resgatar, e é isso, e nós vamos nós vamos continuar com nossa festa cultural que é a festa do moqueado, que é festa da menina moça. Mesmo Perto da cidade a gente realiza nossa festa cultural e até mesmo para divulgar né para que a sociedade branco também é reconheçam a nossa cultura né, que é que ainda viva e forte. Apesar de que tá dentro da cidade mas a gente ainda realiza né a nossa festa tradicional isso é muito bom outra questão né apesar de algum lado né tem alguns parentes que não querem mais realizar, mas a gente ainda aqui no Morro Branco que a gente realiza. (Marciliano Clemente Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

O Cacique Marciliano Guajajara, afirma que estas festas sempre foram mantidas e sempre serão, mas não sabe se esta nova geração dará continuidade a este legado, o Cacique diz que enquanto estiver na posição de líder da comunidade, buscará sempre se articular com os demais para que as festividades aconteçam, o Cacique cita duas festividades, a primeira é a da menina moça, que é um ritual de passagem que vai desde quando esta entra no seu período de puberdade, ao dia em que é apresentada à comunidade através de uma festa coletiva com demais moças que também estão passando pelo mesmo processo, esta festa é chamada de Wyro'ohaw ou Zero'ohaw que pode ser traduzida como festa da menina moça. Esse evento é um dos mais importantes, pois a mulher só pode dar continuidade à sua vida constituindo uma família, após passar por esta festividade. A segunda festa é a do rapaz, que é um processo semelhante com o da menina moça, porém os cânticos são diferentes, a preparação, os ornamentos e etc... O cacique Marciliano destaca que essa festa está em processo de resgate na aldeia Morro Branco, e que já ocorreu uma vez. O cacique Marciliano diz que mesmo residindo próximo à cidade, a cultura permanece viva. Ele ressalta que um dos objetivos de realizarem as festividades é para que a sociedade branca também tenha conhecimento.

Ao lançar a mesma pergunta para o cacique Francisco Guajajara, ele afirmou que apesar de viver próximo à cidade, ainda organiza festas, entre as festividades o cacique menciona a festa da menina moça, e diz que o motivo da demora em realizar esta para a comunidade, é porque precisa esperar uma quantidade significativa de meninas estarem prontas e devido essa pandemia. Veja a resposta abaixo e sua tradução:

Heta no pa, uzapo zengar xe, como akwez a'r mehe, zero'ohaw à, zangar haw uzapo ureiko, kuzangwer zemono'og màràn xe wà no, uzapotawi no, um ano mehe, aze nu dá gwa zapo ko ano rehe, zapo ta mo ano rehe, aperriado ko mahy nehe, nezewehaw maki'ir xe taw pe ereiko no, ka'a pe katu ma'a uzuka wi no, aze heta kwa ka'a pe xe, katu uzuka àn pe no ipu katu zukahaw no, final de semana rehe, sábado, domingo no. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Ainda existe, nós fazemos cantoria aqui, moqueado e cantorias, quando junta muitas meninas, nós fazemos, se não puder fazem em um ano, faz no outro, essa pandemia aperriou demais. Mas é assim que funciona o moqueado aqui perto da cidade. Na mata nós caçamos, se não tem mata por aqui, nós vamos caçar no Ipú, lá é bom, vamos nos finais de semana. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

A Festa da menina moça ou o Moqueado acontece em etapas, à primeira etapa da festividade acontece quando a menina menstrua pela primeira vez. Quando acontece a primeira menstruação da menina, ela anuncia aos pais, que providenciam a tinta extraída do

jenipapo para pintá-la, logo após esta é levada para um quarto chamado de tocaia onde fica por oito dias, no findar do oitavo dia a mesma sai correndo acompanhada e de braços dados com duas pessoas, essa saída acontece pela madrugada ao som de cânticos marcados pelo toque do maracá, além de muito barulho. Esta é a primeira etapa, a segunda é a festa mencionada anteriormente chamada de moqueado ou festa da menina moça. O moqueado é o banquete servido na festa da menina moça, este é feito à base de carne de caças como caititu, paca, cutia entre outros, ao perguntar para o cacique como eles fazem para caçar, considerando que sua aldeia está na zona urbana, o mesmo respondi que recorre aos parentes de outras regiões, como aos que pertencem à sua antiga moradia, aldeia Ipú. Sobre outras festividades como a do rapaz, festa do mel e festa do milho o cacique conta que nunca ocorreu, isso devido não saberem como as fazer.

A quarta questão diz respeito ao uso da língua Ze'egete, utilizada na comunicação entre os Guajajaras, o objetivo era saber se ainda era ou é falada com frequência na comunidade, além de saber também os motivos que levaram aqueles que não falam mais a perderem a língua. Ao aplicar a pergunta para o Cacique Marciliano Guajajara, ele responde o seguinte:

Respondendo essa quarta pergunta, aqui na Terra Indígena Morro Branco a gente ainda fala a língua Tenetehara né, algumas famílias né, a gente, algumas família não fala principalmente as crianças né, que os seus pais e suas mães moram dentro da cidade aí é o motivo né dele ter perdido né uma parte dessa dessas falas, mas os que convivem dentro da Terra indígena Morro Branco fala e tem um tem alguns também que já, já estão tentando assim falar português não querem mais falar a língua Tenetehara, mas maioria falam a língua Tenetehara. A gente observa né que alguns tem interesse né que os seus filhos aprenda também né trazendo os seus filhos para Terra Indígena Morro Branco né, e para ter influência com algumas crianças da Aldeia para tentar aprender e também a escola também a escola né juntamente com professor bilíngue também ele também tenta ensinar e essas crianças que perderam a língua voltar a falar, essa parte aí a gente já, já observamos e eu observei essa parte aí. (Marciliano Clemente Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com o Cacique Marciliano, a língua é muito comum na comunidade, porém existem algumas famílias que não falam mais, entre estas destacam-se as crianças, alguns dos motivos citados pelo Cacique Marciliano, é o fato dos pais morarem na cidade, o cacique fala também que alguns não querem falar por falta de vontade. O Cacique afirma que alguns pais estão preocupados em relação a isso, estão buscando incluir as crianças na escola bilíngue para que possam interagir com o professor e com as demais crianças.

Ao aplicar a mesma questão para o Cacique Francisco Guajajara, ele disse que:

Kwaharer uiko xe taw pe, uzekaiw katu português ze'egete rehe kury, uzekaiwe ko nehe no, karaiw iapohaw kower wà, xo karaiw ze'eg uzapo rehe kury karaiw ze'eg rupi, (inaudível) Pemu'e ze'egte, pape mugetahaw (inaudível) Nuze'egte wer ihy izupe kury, karaiw uzeapo ihy ipe kury (inaudível) Precisar ze'egte purumu'ehaw à, professora aixe zane zepe. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

As crianças que moram perto da cidade se interessam em Português, parecem que querem ser brancos, [...] Eu falo para aprenderem a língua e a escrita também [...] A mãe não fala na língua com eles, parece que quer que virem brancos. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com o Cacique Francisco as crianças não mostram interesse na língua Ze'egete, e querem falar mais em português, o cacique culpa os pais por não incentivarem e por não ensinarem os filhos, ele relata que é muito comum ver pais que conhecem a língua, mas que só falam em português com os filhos, o Cacique deseja que seus netos tenham interesse na língua Ze'egete, que busquem aprender tanto a fala como a escrever. O Cacique diz também que um dos motivos pelo qual as crianças não aprendem a língua é devido a falta de professores bilíngues.

A quinta questão foi sobre quais seriam os hábitos adquiridos, e quais as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade, o Cacique Marciliano Guajajara responde o seguinte:

Bom, então os parentes que vieram de outras terras né, que vieram com um foco né de trazer seus filhos para escola para uma vida melhor, então em primeiro primeiro lugar um deles aprenderam né se formaram, então isso foi um ato bom né, alguns é constituíram também suas famílias né que vieram, alguns encontraram trabalho serviço na sociedade branca em Grajaú, por outra parte alguns encontraram a dificuldade, então essa parte é muito mais complicado né, uma parte que os parentes vieram com foco com um foco de melhoria e acabaram também encontrando outro dificuldade né uma parte muito complicado para eles né, porque eles encontraram outra cultura né que vem no caso é cultura das festas, encontraram outra cultura aqui no caso é alcoolismo e encontraram também outra cultura que é droga né, que lá na onde eles conviviam não existiam e as e as índias né que vieram também com a fim de aprender algo algo melhor também acabaram se encontrando com a prostituição, e alguns jovens também que vieram para aprender alguma coisa também aprenderam outra cultura aqui no caso é droga alcoolismo e e até mesmo vandalismo né que no caso é roubo se influenciando junto com alguns malas né, que quer da rua então tudo isso nos trouxe um problema para nossa Terra Indígena Morro Branco, e e essa foram perdendo a cultura e muitos deles não vivem mais hoje e muitos deles já, já morreram por causa dessas, dessas dessa vandalismo né, que aprenderam fora, fora do nossa cultura. (Marciliano Clemente Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

No ponto de vista do Cacique Marciliano, a busca de melhorias através da educação são hábitos novos, isso é visto de forma positiva. O Cacique fala também sobre outras influências que para ele são negativas, como as festas dos brancos, o álcool e outras drogas, além disso, o Cacique relatou que existem casos de algumas jovens se prostituírem, e de

alguns casos em que jovens praticaram furtos e roubos. Para o cacique isso é visto como pontos negativos e não fazem parte da cultura Tenetehara.

Ao responder a mesma questão, o Cacique Francisco diz o seguinte:

Ko xe no, xe taw pe, mareko ko wà no, amo mareko carvoeira, amogwer mareko xe taw pe, pe zeapyr wà, prefeito wapyr wà, tamutarer pixik ganhar haw, (inaudível) heta amo recebe bolsa família, heta no, pouco, ma heta, heta aposentado amo wà no, amogwer napusenta kwawy, [...] heta Tenetehar nuzapower kwaw karaiw à, não sei piahu kwer se uzapower karaiw rehe [...] Areclamar vi ma'e no pa, uwe'u demais, pitimu rehe kury, piahu no numa'e kwaw vi ma'e rehe, amogwer oho haikwezromo aze uwexak zeapo har, uzemu'e nezewe haw. [...] Zimini'ar mehe xe, uzapo zengarhaw, aze nuheta zangar ma'e wà mukuzar karaiw pinik rehe [...] trapalhar gwa irmão, katu a'e hamete xe, Tupan mume'u haw purupe xe, amogwer teko piahu nohower kwaw a'e pe, ureru pinape nu multe kwaw, quando heta karaiw zemarazhaw no mitài pixik teko a'e or mehe.(Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Aqui na cidade, alguns trabalham na carvoeira, outros trabalham lá pra baixo, outros na prefeitura. Tem aqueles que recebem bolsa família, é pouco mais recebe, tem os aposentados e aqueles que não são [...] O Tenetehara de verdade não quer ser branco, agora não sei essa garotada nova [...] eu reclamo muito sobre os que fumam e bebem cachaça, os mais novos não fazem isso, a não ser que andem com quem faz e aprendam com eles [...] Quando uma menina menstrua, fazemos uma cantoria, se não tiver cantor contratamos uma banda dos brancos [...] os irmãos não atrapalham, é muito bom, a palavra de Deus para nós, mas os jovens vão mais nas festas dos brancos do que na igreja. (Francisco Rodrigues Guajajara, em entrevista ao pesquisador, 2022).

Segundo o Cacique Francisco um dos hábitos novos que o povo Tenetehara adquiriu depois de se estabelecerem perto da cidade foi o de trabalharem em serviços formais no meio dos brancos, nas empresas. Como não tem lugar para plantar, o único meio é trabalhar entre os brancos para se sustentarem. Além disso, alguns se mantêm através do bolsa família e dos aposentos dos mais velhos. Ao ser perguntado se o contato com os brancos os influencia a desejarem ser como eles, o Cacique responde que não, e diz não saber se isto passa pela mente da nova geração. Para o Cacique o que tem atrapalhado o modo de vida de alguns, é o uso exagerado do álcool, mas em meio a isso ele ver que grande parte dos jovens estão empenhados em estudar. O Cacique fala que quando uma menina menstrua pela primeira vez quando não dá para reunir os cantores Teneteharas para cantarem ao som do maracá, eles contratam uma banda musical.

4.4 Aldeias Bacurizinho e Ipú

Essas duas aldeias estão localizadas as margens do rio Mearim, entre 24 a 26 km de Grajaú – MA. Os entrevistados da aldeia Bacurizinho foram: Iara Maria Marizê Lopes

Cacique da aldeia e Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara, acadêmico de Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA). O primeiro entrevistado da aldeia Bacurizinho foi o jovem Maruzan Guajajara, ao perguntar sobre os motivos que levam os Teneteharas a migrarem de suas aldeias para próximo da cidade, Maruzan responde o seguinte:

Olha, no meu humilde conhecimento né, relacionado a isso, a gente que vive o dia a dia, a gente acaba analisando com decorrer do tempo pra necessidade e precariedade que existe né dentro da comunidade, porque é bem distante primeiro porque a distancia dificulta a gente ter acesso a informações ao próprio conhecimento da gente ao desenvolvimento né nosso como povo, como sociedade né, porque a gente sabe da dificuldade que existe né, para quem vive dentro da comunidade, então assim a necessidade ela fez com que a gente fizesse isso aí buscasse uma melhoria para o nosso povo, e através disso é que a gente começa a buscar né, de que forma que a gente poderia buscar uma melhoria pro nosso povo, a gente não viu outro meio a não ser nos deslocarmos da nossa comunidade, sair da nossa aldeia em busca de novidade, em busca de conhecimento em busca de melhoria, né, então é na história, até na época da educação mesmo, a gente tira muito isso, na época que foi trago a primeira parte da educação pela Funai, só existe existia ali até o primário né, e a partir dali não existia mais outro grau de ensino o que foi que os parentes começaram a fazer começaram a se deslocar da aldeia para a cidade de Grajaú, mas só quando eles vinham de lá pra cá, eles não tinham onde ficar, ficavam muitas vezes na casa de um conhecido, ou então era na casa de alguém, a pessoa morava de favor, na casa de um de outro né, então aquilo dali, fez com que os indígenas né, as lideranças na época, repensassem um modo para esses parentes que estavam se deslocando em busca de um conhecimento com grau maior, e pensando nisso foi que surgiu a ideia né, da do Morro Branco, porque o Morro Branco em si, não era para ser um território para ser Aldeia habitado, pra ser aldeia, na verdade ali, era pra ser uma referência dos estudantes, e aí a partir daí começam a vir né, migrar né, parentes que estavam mudando do grau de conhecimento né e vieram em busca de um grau de conhecimento maior, mas o intuito mesmo era buscar esse conhecimento e retornar para comunidade, para levar conhecimento melhoria né, em busca de de uma economia melhor em busca de um de uma organização melhor de como que o nosso povo poderia ter uma autonomia, de como que nós poderíamos desenvolver atividade sustentável para o nosso povo então assim para gente buscar isso aí só através de conhecimento, então uma das um dos fatores que causa a gente a migrar para próxima da cidade, é isso aí, é a própria necessidade de do conhecimento mesmo, porque lá dentro há uma precariedade a gente sabe que o grau de ensino dentro da comunidade não é um nível que tá para quem mora perto da cidade, é um dos fatores isso aí. Mas assim, também questões de conflito a gente sabe que há, né, questões de conflito que acabam causando isso aí, né também a migração dos parentes para próximo da cidade porque eles acreditam que aqui há um certo tipo de refúgio, né, no meio desse povo aonde vai estar distante né, e aqui eles acreditam também que há uma vida melhor né porque aqui se tem com facilidade de acesso à informação acesso ao mercado, acesso ao produto que já vem pronto, enquanto a gente tá lá na aldeia né, tem que produzir, tem que trabalhar, tem que fazer, e mas só que assim, ao meu ponto de vista eu vejo isso como uma ilusão, porque veja bem porque pra gente tá morando a margem de uma cidade você tem que ter preparado, você tem que ter que estar preparado para o mercado de trabalho, aqui não é simplesmente chegar alguém vai me emprestar algo, como é na aldeia, na aldeia a gente tem essa parceria né, bem antes era mais forte nessa essa coletividade e aqui não, existe predomina eu diria que o individualismo, cada família cuida de da sua né trabalha para sustentar sua família enquanto que na aldeia a gente tinha essa forma de organização coletiva, aonde quando a gente ia pro mato matar uma casa, quando chegava tinha aquela sensibilidade de dividir para toda a comunidade né, e já aqui é diferente, aqui você trabalha na cidade, você trabalha você vive para sustentar sua família, você não vai tirar da boca do o seu filho pra dá pro seu vizinho ali, para

aquele que tá no outro bairro não sei aonde que muitas vezes você nem tem contato, então aqui o comportamento já é muito diferente, então eu diria que a necessidade trouxe sim né, essa, essa parte, talvez uma parte dos parentes para vim para perto da cidade, eu acredito que uma certa ilusão em busca de uma vida melhor né, por isso que os parentes deslocam pra cá, e alguns realmente busca do conhecimento, mas com pensamento né com intuito de buscar esse conhecimento mais de levar de retornar para comunidade para quê que ali, haja uma melhora, que a gente possa desenvolver algo melhor é o que eu vejo né, no meu entendimento. (Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

Observe que a resposta acima, do jovem Maruzan, está estruturada em três pontos, o primeiro, está relacionado à necessidade de melhorias na educação, este fator os forçam a se deslocarem para a zona urbana, e como exemplo, o jovem Maruzan Guajajara menciona a Aldeia Morro Branco que foi formada a partir dessa busca de melhorias, Maruzan Guajajara relata que antigamente os Teneteharas saíam da aldeia Bacurizinho para estudar em Grajaú e às vezes ficavam nas casas de colegas ou familiares indígenas que já habitavam na cidade, ou nas casas de amigos não indígenas. Foi pensando nessa situação que as lideranças resolveram apontar um local nas redondezas de Grajaú, que seria uma referência no acolhimento dos estudantes Teneteharas, porém estes ficariam neste local por tempo determinado, ou seja, apenas até concluírem os estudos e depois retornariam para a aldeia e aplicariam o conhecimento adquirido para contribuir no crescimento e desenvolvimento da comunidade. O segundo ponto está relacionado aos conflitos internos, para Maruzan Guajajara, a zona urbana é um tipo de refúgio e o terceiro está relacionado ao desejo de residir por curiosidade, sobre isso Maruzan Guajajara faz uma reflexão e diz que morar na cidade sem propósito ou objetivo, é uma ilusão, para ele é necessário haver um preparo ao menos para que possa ingressar no mercado de trabalho, destaca também que a vida é totalmente diferente, enquanto na aldeia a coletividade prevalece, na cidade o individualismo predomina o que pode tornar o Tenetehara semelhante ao não indígena.

A Cacique Iara Lopes relata que os Teneteharas começaram a se deslocar para a cidade por volta de 1980, seu pai Alderico Guajajara, foi um dos protagonistas nessa ação, o seu objetivo era levar os Teneteharas para estudar, para depois retornarem à comunidade. Na atualidade o foco de alguns continua o mesmo, a busca de melhorias na educação, porém, de acordo com a Cacique, alguns perdem o foco ao chegarem na cidade:

Eu na minha opinião, eu acredito que uns anos atrás, por exemplo, quando no tempo do meu pai né quando ele era chefe de posto, Terra Indígena Bacurizinho, quando eles resolveram levar alunos para perto da cidade em 1986 por aí, era mais com intenção de levar esse jovem para estudar perto da cidade, nesse tempo né nesse ano, mas agora eu acredito que algumas pessoas têm o mesmo foco né, interesse de os filhos estudarem, fazer faculdade alguma coisa assim, mas acredito também que

outras aldeias sejam né com as vezes até para ver se leva uma vida eu acredito que uma vida melhor na cidade, pensar deles né eu acredito que seja mas nesse tempo nesse nesses anos 1980 e por aí, nesse tempo os mais velhos levavam os jovens para estudar na cidade, então foi mais pela educação, que eles tinham que estudar para ser uma pessoa na vida, essas coisas, mas hoje em dia eu acredito que algumas pessoas a intenção embora seja, mas que muitos desvia né desse caminho que é para ser seguido, infelizmente às vezes não leva para esse lado que é estudado botar os filhos estudarem, então acredito que nem todos né, mas algumas pessoas foram com essa intenção de levar os seus filhos para estudar em perto da cidade ou até na cidade mesmo. (Iara Maria Marizê Lopes em entrevista ao pesquisador, 2022).

Ao aplicar a mesma questão ao Cacique da Aldeia Ipú, Genézio Lopez Guajajara, a resposta foi semelhante, para ele o motivo que leva o Tenetehara para perto da cidade, é a busca de melhorias tanto na educação como na saúde:

É, bom dia para todos! Porque no meu ponto de vista que eu acho que vocês parentes, da aldeia para a cidade que hoje estão convivendo da cidade buscando e um desenvolvimento de conhecimento da educação e a saúde, porque de primeiro a gente não tinha uma educação e qualidade nas aldeias e por isso que os parentes saíram das aldeias e hoje convivem na cidade, e por esse motivo não é por falta de assistência, mas para busca de desenvolvimento para seus filhos e hoje tem parente capacitado na como professor, como agente de saúde, e hoje tem o povo que saíram das aldeias, e estão trabalhando de gari na cidade. É por isso que o povo olharam, teve um olhar, para trazer de volta para comunidade o que eles aprenderam dentro da cidade, e por isso que estamos aqui firme e dando o suporte para eles para trazer aqueles que eles aprenderam dentro da cidade, e por isso parente, que a minha resposta no meu ponto de vista porque eu acho por esse caminho que levaram esses parentes saí das aldeias para busca de conhecimento. Então no momento e hoje tão lá aqueles que aprenderam que hoje que tão como você como você é uma pessoa que dedicou e tá trazendo né de volta buscando realidade o que aconteceu com esse povo que estão morando hoje na cidade, esse é meu ponto de vista que hoje estamos aqui esperando por eles porque eles foram para buscar melhorias e desenvolvimento e conhecimento e por isso que nós estamos aqui de braços abertos parente vem e trazer o que eles aprenderam. (Genézio Lopez Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

Genésio Guajajara relata que a educação e saúde já foram precárias no passado, hoje estão melhores graças aos que se disponibilizaram a sair da aldeia em busca de tais coisas. O Cacique vê com positividade os que foram e retornaram capacitados para contribuir no desenvolvimento da aldeia, como os Professores, Agentes de Saúde etc. Genésio Guajajara afirma também, que aguarda o retorno daqueles que estão no processo de capacitação na cidade.

A segunda questão foi sobre a crença nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar, se ainda são comuns ou não. Maruzan responde que:

Olha, ao meu ver, eu acredito que tem sim, tem muita gente que ainda acredita, mas assim, se a gente for analisar hoje de forma detalhada, a gente observa que é os mais velhos que mantêm de forma mais forte isso aí, essa crença nessa que existe né esses espíritos que cuidam da gente, o que eu na minha concepção o que eu vejo que

acabou aí de uma certa forma interrompendo essa crença dos mais jovens foi justamente a questão da presença de uma religião né, o catolicismo é o próprio eu não tenho muito conhecimento e nem autoridade pra falar sobre isso, não sei se seria evangelismo a questão da da crença evangélica né, que é um outro segmento né, de religião e isso a gente observa claramente que vem trazendo informações que acabam aí fazendo com que os parentes vão esquecendo a sua origem a sua crença porque nós Tenetehar tem também, a crença nossa, né a gente tem as crenças a gente tem essa a história de como o teve o surgimento do povo Tenetehar de como foi que teve a criação do mundo a gente tem a eu diria que a cosmovisão sobre de como surgiu né tudo isso aqui a criação do ser humano a criação dos animais de como Tenetehar surgiu, mas ele teve interferência a partir do momento que a gente começa a ter contato com uma nova religião com novo pensamento com uma nova ideia, e aquilo dali um decorrer do tempo como hoje a gente já tá numa era moderna onde tem acesso à internet acesso a diversos meios de comunicação, muitos parente hoje da atualidade eles não valorizam mas essa nossa origem o nosso pensamento né a nossa ideia de como a gente existe de como foi a criação do mundo de como as águas tem dono de como ter toda aquela espiritualidade então acredita assim que tem sim muito parente que acreditam, eu mesmo sou exemplo disso, que ainda acredito nisso aí, né eu tenho a plena certeza que isso aí para mim existe né, eu respeito né, mas assim tem muitos jovens hoje que nem sequer história sabem de como foi que o que é Maíra, Y izar, Ka'a Izar, ele se a gente for hoje fazer uma roda de conversa, aí perguntar para os alunos se ele sabe para os parentes mais jovens se sabe de alguma forma ele como foi como é a história de Maíra, como é a história de dois irmãos né, Mucura'yr e Maíra'yr, eles não vão, vão ficar tudo perdido talvez vão saber um pouco disso um pouco daquilo, ou seja, aquilo dali por não saber por não ter conhecimento daquela história ou seja de sua origem, acaba descreditando de muita coisa, né porque não presenciou mais aquilo na Era que era mais forte e aquilo dali talvez não sei se por erro ou de alguma forma por por a gente também não se atentar né em buscar conhecer esse conhecimento com mais eu diria que, com mais vontade né, de buscar porque a gente deixa aí vocês mais velhos aí que tão indo partido a gente não tá mais tem essa sensibilidade talvez a coragem ou a força de vontade de ir buscar aquele conhecimento sobre a nossa origem, tem muitos jovens que não se atenta mais para isso e a nossa vitória ela vai se apagando dessa forma, e a gente Dessa era de hoje aí a gente vai se importando mais com que tá surgindo o hoje aqui o agora, não com o que veio o o antes, o que fez a gente ser o que a gente é hoje, é o que eu entendo sobre essa questão, eu não sei se tá alinhado com este questionamento, mas em questão disso é o que eu observo né, os mais velhos que hoje tem mais peso a geração nova tem um conhecimento, conhecimento sobre isso, mas a maioria a maioria tem um conhecimento muito raso, e que leva eles não a crer, eu diria que, de forma por inteira, eles acreditam mais assim, muito variado, ou seja eles tem que ter uma prova daquilo, ou seja, a crença mesmo é mais na do não indígena, que é o evangelho catolicismo em fim. (Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

Para Maruzan Guajajara essa crença é comum entre os mais velhos, Maruzan acredita que as religiões cristãs influenciaram grande parte dos Teneteharas a não crerem mais, além disso, as tecnologias intensificam esse processo, Maruzan ressalta também que a maioria dos jovens Guajararas não conhecem as histórias destes sobrenaturais e de seu próprio povo.

Para a Cacique Iara, na atualidade são poucos que acreditam nos sobrenaturais mencionados, os mais velhos são maioria quando o assunto é crer nestes seres espirituais. Sobre as crenças Teneteharas a Cacique Iara responde o seguinte:

Eu acredito que não é mais todos né que acreditam, mas nós temos ainda esses os mais velhos né, que ainda não acredita, principalmente das crenças que ainda tem né, e hoje mesmo ali em casa, quase ainda agora a gente tava observando uma índia ali né que acho que ela tem uns 60 anos, que ela tava falando que que a filha dela pariu né e ela tava relatando o que que ela não podia comer o que que ela não podia fazer e ainda que não sei o que fazia mal para ela, então ela é uma família ali que ela acredita muito nesse lado de que faz parte da cultura né, da gente da crença, então assim, e também como hoje em dia tem pessoas que não acreditam, então é uma coisa muito como é que a gente pode falar é uma mistura agora aí que nem todos não tem mais aquela visão né, que pode o que pode acontecer o que que pode ser feito que infelizmente cada um agora principalmente os nossos jovem ele já tem um pensamento diferente. Aí eu acredito também que por um lado quando evangélico chegou também nas aldeias querendo não ele interferiu um pouco ou muito né, com a nossa cultura com relação a isso. O que existia antes o que existe que ainda que acontece de hoje em dia, como por exemplo a nossa festa de moqueado, alguns evangélicos chegaram a falar chegaram a pregar que não poderia existir mais esse tipo de cultura, porque então isso já é querendo ou não tem gente que acredito que eles fica pregando, então assim eles acabaram um pouco como é que faz como é que fala atingindo a nossa cultura, levando para esse lado que não acredita mais que não pode fazer mais por exemplo menina moça quando fica, não pode mais botar na tocaia que não sei o quê, então para nós isso é uma cultura que está se perdendo aos poucos, principalmente com essas mensagens que os evangélicos não digo não tô generalizando, algumas fica pregando, ando fica botando na mente dos nossos parentes tudo, então assim eu acredito que ele veio para diminuir um pouco essa o que antes a gente acreditava muito hoje em dia tem pessoas que não acredita o não acredita mesmo, que não há mais, antigamente a menina moça saía com cantoria hoje já é com culto ou forró mesmo, então é uma coisa muito complicado né, na realidade de hoje em dia, você vê que uma das influências para te diminuir assim ação cultural no caso é o evangelho né, que veio e outros também às vezes é mo envolvimento, dos não indígenas infelizmente com os nossos parentes, com a gentes mesmo quando casa, tem alguns que botam na mente das indígenas, tem alguns que também não fazem questão, mas são tudo isso é uma mistura que pode tá, influenciando nessa parte das nossas culturas. (Iara Maria Marizê Lopes em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo a Cacique, horas antes da entrevista, havia uma indígena de 60 anos que estava ensinando sua filha como resguardar-se no pós-parto, seus ensinamentos eram baseados nestas crenças, e partiam desde a alimentação, como no comportamento. Para ela muitos não acreditam mais, a Cacique observa que entre os jovens são maioria, segundo a Cacique Iara Lopes, existem dois pontos que motivam o abandono dessas crenças, primeiro, as doutrinas cristãs, segundo, o matrimônio com brancos, estes, às vezes não aceitam estas crenças.

Sobre essa mesma questão, o Cacique Genézio Guajajara diz que por mais que nunca tenha visto, ele ainda acredita nos sobrenaturais:

Pois é parente de primeiro esse também até hoje eu acredito ainda, que esse existe mesmo, existe esses kaipora, esse Maíra, esse que minha vó sempre falava isso daí existe até hoje ainda, porque assim, e no meu ponto de vista que eu acho que isso acontece porque tem os pajé no meio que conhece sobre esse daí, que onde que existe, esse Maíra que nunca vi nem, só ouvi falar até hoje, esse Maíra que a gente, ele anda, sem a pessoa perceber, mas ele existe até hoje, e por isso que eu tô, eu tô, eu tô, eu concordo com o povo que conta essa história, e que sempre eu vejo: não

aconteceu uma coisa aqui com esse fulano foi isso que aconteceu, o que aconteceu? Não, foi o Maíra, que chegou por aqui fez isso com ela, com ele, então por isso que esse Maíra que trouxe. Porque ele traz? A Maíra traz o nosso costume também o nosso sobrevivente também, ele traz o conhecimento pras pessoas, aqueles que querem aprender junto com ele é isso aí minha resposta. Sempre pajé falava assim: Olha! O fulano aconteceu foi isso, foi porque o Maíra falou isso, por isso que ele viu tal a doença da pessoa, ele é uma pessoa que ele entende da doença, quando, quando a pessoa se a doença. Por isso que eu digo o Maíra, ninguém se esconde dele a gente não vê ele mais ele, ele vê as pessoas de perto. É só isso que eu tenho resposta sobre Maíra, sobre das pessoas que que conviviam que conhecia até hoje eu vejo essas histórias de Maíratá, fala assim Maíratá, eu vi Maíratá, eu vi ele passando, eu vi ele ali, ele existe, porque ele, ele vive sem a gente perceber ele, sem enxergar ele, pois é, esse Maíra é assim, ele vê nós. Nós respeitamos aqueles que não acredita e nós respeitamos eles mas eu acredito que ele existe, porque ele é dono da natureza ele é do pé de árvore, mesmo assim Deus está mas ele é ele é vigia de todos de todos pé de árvore, ele porque ele vive debaixo de qualquer um pé de árvore desse daí ele vive, esse Maíratá é assim irmão. (Genézio Lopez Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

O Cacique explica que estes vivem pelas florestas, e são responsáveis também por trazerem os costumes e ensinarem como sobreviver, Genésio Guajajara afirma que os pajés conhecem bem esses espíritos e suas histórias. Os pajés sabem os remédios para tais enfermidades através do conhecimento concedido por Maíra, o Cacique diz respeitar aqueles que não acreditam.

Ao perguntar para Maruzan Guajajara se as festas tradicionais ainda eram mantidas, a resposta que se obteve foi que algumas sim e outras não:

Então, as festas tradicionais ainda são mantidas, né, eu acredito que as demais as mais frequentes aqui na nossa região é o que a gente observa e cresceu né vendo é aqui nessa região do Bacurizinho Morro Branco né foi a festa da menina moça, a festa do rapaz ainda é da teve né, uma época no Morro Branco que foi feita, mas não é tão praticada quanto da menina moça né que a festa do da menina moça que é a Wyro'ohaw, como é chamado por nós, que é um rito de passagem da fase da menina para fase adulta né, daquela que já é da adolescência ali né para parte da Juventude para fase adulta é uma pessoa que já tá virando mulher então tem toda uma festividade que acontece né primeiro ciclo dessa festa lá em inicia quando a moça tem ali é o início nessa na primeira menarca dela onde ela tem essa primeira menstruação, e aonde acontece as primeiras etapas né a partir desse momento aí que ela faz essa primeira etapa que é de ficar ali 7 dias recluso né, ela tem toda um acompanhamento na questão do alimento né até mesmo das visitas ali né, o corpo dela é pintado de jenipapo, e a partir dali acontece todo acompanhamento pelos pais até o dia da festa do moqueado, que aonde vai fechar todo ciclo desse ritual né, e não é só de uma moça são várias moças que acontecem, geralmente o período dessa festa é no período de setembro, outubro. Porque nesse período? É o período que tá ali uma fartura de caça né, que é esse período do final do ano, então há uma preparação toda entre o período de agosto período de julho né, geralmente é esses períodos aí é que a gente vai né fazendo tudo na preparação para aquela festa ocorrer, então assim no nosso meio hoje nessa região, a festa mais praticada é a festa da menina moça, e ela tem todo esse sistema aí de preparação né geralmente a data é como eu falei é o mês de setembro né outubro que ocorre, é aonde tem toda ali aquela junção daquela, vai juntar toda aquelas moças ali que tiveram a sua primeira menstruação durante aquele período e quando chega aquele mês ali, que é para se fazer a festa né tem ali já uma aldeia que vai sediar né aquela festa, por exemplo se for lá na aldeia Bacurizinho ali ela vai sediar a festa na aldeia Bacurizinho, mas não quer dizer que

só a moça da aldeia Bacurizinho que vai brincar né, pode ser que que venha a moça do Ipú, da Lagoa Comprida né até mesmo da região do Bananal do Cocal que são outras aldeias ali que não são da sede né que vão se fazer presente ali para fazer parte daquela festa ali. Ela se inicia geralmente 4:00 à 5:00 horas da tarde, essa festa né, tem toda uma preparação também antes, existe a questão da Caçada como eu falei quando essa caça chega tem cantoria, que é feito também para poder fazer né abençoar ali, aquela fartura de caça que chegou para alimentar aquele povo que está presente ali principalmente a moça que tão ali né. E aí existe toda uma norma que é seguida até o fim da festa tão assim tem toda uma questão de norma ali, de regra que a seguir tanto pelas mães pelas moças né, tem um corte de cabelo que é feito a postura que tem que ter a pintura corporal tem que existir, os materiais a plumagem que tem que ter né, até a vestimenta então assim há toda uma norma que é que existe ali antes daquela festas se iniciar, e quando se inicia durante esse horário de 04:00 à 05:00 horas, né que inicia-se o ciclo dessa festa né existe ali os cantores que se faz um presente ali no meio da aldeia né, como é iniciam a cantoria né e chamam as moças para se fazer presente né para para vir né para o meio da festa né por serem donas dessa festa elas tem todo um cuidado para se fazer presente naquele momento ali é por isso que as mães ficam dar todo tempo acompanhando né que é para ir auxiliando, olha não levanta a cabeça né, a curvatura das costas cuidado né tem toda ali uma preparação até feita ali para elas chegarem ali então existe a cantoria quando ela se fazem presente para o público ali o primeiro momento ela fica geralmente até 07:00 08:00 horas da noite, elas vão e já se recolhe né para descansar quando da ali seus horários de 04:00 04:30 05:00 horas elas retornam de novo para festa, porque a festa o ciclo da festa da sincera 06 :00 horas da manhã né, 06:00 horas da manhã ali acontece ali encerramento né daquela festa de moqueado, onde vai ter ali todo já uma preparação da de toda aquela caça que foi traga né pelos caçadores ali, já vai ser preparado ali um banquete naquele bolinho né que é para aquela moça que terminaram de fazer aquela festa que concluíram aquele ciclo da vida para que possam ali ofertar aos brincantes né ali também significa simboliza a fartura do nosso povo né simboliza também a formação de uma de uma criança né de uma jovem para fase adulta, ou seja, a partir da li aquela moça ela tá preparada para seguir uma outra fase da sua vida onde é a fase do acasalamento né dos filhos já é um ciclo de da fase adulta da vida dela por isso que acontece toda essa preparação todo esse cuidado nessa festa que é uma das festas mais importantes do nosso povo. Mas além dela existe a festa do mel existe a festa do rapaz a festa do milho, mas nessa região ela não é mais praticada né a festa do meu ela não é mais praticado por que ela é uma festa muito criteriosa cheio de normas né, não é todo mundo que sabe fazer essa festa, então nessa região os que sabiam uma boa parte já faleceram levaram consigo esse conhecimento e os jovens da época né dá uma se atentaram para aprender, né, por ter ser uma festa cheia de critério que tem toda uma regra que a pessoa tem que cumprir muitas vezes a pessoa não cumprir pode ter consequências para si mesmo ou para sua família por medo disso acontecer foram deixando a festa adormecer, eu não digo que ela acabou né, na minha concepção adormeceu porque em outras regiões ela ainda existe é praticado na Terra Indígena Araribóia uma festa que ainda é praticada, a festa do Mel ela ainda existe, mas é acompanhado por todos os anciões da Aldeia ficam ali auxiliando ficam ali acompanhando o início até o fim mas que tem todo com a norma que tem que ser seguida né, e não por outras regiões tem esse medo de refazer essa festa e de alguma forma fazer ali de forma errada sofrer as consequências por isso que ela não chegou mais acontecer nesse território aqui o conhecimento que eu tenho sobre a última festa que teve na terra Indígena Bacurizinho foi no ano de 74 né, assim dizia o meu vô Alderico Lopes, que a última festa que teve no Bacurizinho da festa do mel foi em 74, estão assim, há muito tempos atrás que isso aconteceu a festa do mel do rapaz também já tem muito tempo que não ocorre mais, na Terra Indígena Bacurizinho, Mas como eu citei atrás, aqui no Morro Branco teve uma recente, eu não me recordo muito bem, um ano mas teve uma festa do rapaz aqui já em demais regiões é uma festa que eu diria que todo ano ainda é ainda praticado né, Araribóia, Pindaré, ainda é praticado ainda todos os anos e além dessa festa também existe a festa do Pajé que não é mais praticado que é uma bem antiga. A Festa do milho que também é uma festa do nosso povo né que não é mais praticado em todas as regiões é como eu tô falando essa essa falha talvez por

essa geração nova de não ter esse atentado em buscar esse conhecimento para que o nosso povo viesse praticar isso até dos dias atuais, talvez foi o que fez adormecer demais regiões da nossa região foi isso, né, a festa até a festa do moqueado hoje lá ameaçada de adormecer na nossa região, porque se a gente for observar nos dias atuais os mestres dos grandes conhecedores dessa festa de como ela se inicia de como é praticada a maioria já se foi, né, já partiu desse mundo para um outro mundo né, então assim os que ficaram da nossa aldeia mesmo no Bacurizinho eu diria que tá talvez todos já se foram né o Manezinho já se foi o Kali já se foi, eu Namiau já se foi, fora, o Malaquias já se foi, então assim era uns mestres que faziam ali todo início, preparo, o encerramento porque tem todo o cronograma que é seguido de cantoria né de de horário o horário de início horário de encerramento todo esse conhecimento eles tinham e essa geração de hoje eu diria que eles têm um pouco desse conhecimento mas não de forma detalhada, e se a gente não tiver esse conhecimento de forma detalhada, a gente pode ter sim consequências negativas né, tanto para moça que tá ali naquele ritual quanto para família né, então pode sofrer sérias consequências é o resumão né que eu tenho sobre isso aí né, eu espero que eu possa ter ajudado um pouco sobre essa questão. (Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com Maruzan a festa mais frequente entre todas é a festa da menina moça que acontece na maioria das vezes entre o mês de setembro e outubro, para ele esta festividade está em risco, porque aqueles que conheciam os detalhes para a festa ocorrer, já faleceram. A festa do rapaz teve uma vez na Aldeia Morro Branco mais não é frequente. Maruzan Guajajara falou também sobre a festa do mel e disse que o motivo pelo qual esta não é realizada é devido ter muitas regras e caso estas sejam quebradas, a aldeia pode ficar debaixo da maldição dos espíritos, por medo destas maldições o povo escolhe não fazer, Maruzan Guajajara relata que esta festa é comum em outros territórios, e lembra que seu avô Alderico Lopes dizia que a última festa ocorreu em 1974. Outra festa que há tempos não ocorre mais é a festa dos pajés, Maruzan Guajajara diz que as novas gerações não se atentam em aprender com cuidado.

A Cacique Iara responde que a festa mais frequente é a do moqueado, já as demais festas como a do mel e a do rapaz não são comuns, isso devido à maioria dos anciões detentores do conhecimento sobre tais festas, já não se encontram mais em meio aos Teneteharas da aldeia Bacurizinho:

A nossa festa sim é mantido principalmente a de festa de moqueado né, que faz parte aqui da nossa Terra Indígena Bacurizinho, agora outros demais não são porque os, os que sabiam né dessa festa antigamente né, hoje em dia eles não estão mais presentes, e os que ficaram não sabem como é que faz, essas outras mas a festa de moqueada ela é mantido, e espero que daqui para frente seja né como é que fala preservado né essa festa que, felizmente nós temos ainda, e que sabemos fazer né, agora essas outras aí a gente infelizmente que eu falo que a gente não sabe né, mas os que mais do que antes existia também por aqui né, que é festa do mel, e outras festas que eram comemorado, mas hoje em dia não existe mais, aqui só existe pé de moqueado, na Terra Indígena, mais que maioria na Terra Indígena só esse aí mesmo. (Iara Maria Marizê Lopes em entrevista ao pesquisador, 2022).

Ao aplicar a mesma questão para o Cacique Genézio Guajajara, este responde que as festas mais frequentes na aldeia Ipú são: a festas da menina moça e a do rapaz. Ele diz que os Guajajaras esqueceram parte dos costumes, e lembra-se de outras festas como a da batata e da abóbora, onde os Teneteharas se reuniam para celebrar a beira da fogueira e se confraternizarem tornando-se compadres um dos outros:

Pois é! Hoje, hoje em dia que eu vejo né, a festa cultural, hoje é mantida é festa de moqueado, festa da moça menina moça, e a festa dos rapaz. E no meu ponto de vista que sempre eu acompanho, que a gente faz uma festa bem aqui, aqui nesta aldeia, uma festa que sempre a gente faz é festa de moqueado, e trazendo também pros jovens mostrando o nosso costume o nossa cultura, uma cultura que sempre ficou de pé, e nunca vai acabar porque que nunca vai acabar porque a gente sempre está incentivando as crianças para aprender cada vez mais e por que nós esquecemos uma parte do nosso costume, que as festas dos compade, na época das comades, que a festa de batata de abóbora que a gente fazia fogueiro assava os batata debaixo da cinza e também botava abóbora por cima, para poder nós ter um compade e a comade do lado, essas festas nunca mais foram feito, é porque não tem uma pessoa que se levante para lembrar para fazer né, vai começar mais a gente já tá aqui recordando agora a gente vai tentar fazer novamente para mostrar para aqueles que nunca viram, esta resposta até hoje parente, nossa festa cultural muito diz que os crentes estão acabando, mas não é isso, eu tô aqui de porta abererto para mostrar para aqueles que não é crente ainda aqueles que são crente eu posso dizer o cultura não empata né evangelismo e eu sou uma pessoa que mostra cultura, festa de moqueado eu canto de Maracá, eu mim pinta, a pintura nosso sempre eu boto, esse é o nosso costume o nosso cultura, e sempre vai ficar de pé, e essa vai ficar na história para sempre, porque o nosso antepassados deixaram para nós, e nós tem que carregar ele também está com nossos jovens, para as moças para ter essa costume e não perder a nossa fala como muitos parentes perde as nossas línguas mas que nós estamos aqui no dentro das bases mostrando para ele se nós tem que tem que levar o nossa fala em frente porque a gente nunca deve abandonar nosso costume. Nossa fala, é isso que no meu ponto de vista que eu tenha que falar, aqueles que vão vir aqueles que vão ver que eu tô falando o nosso costumes tem que ficar de pé, mas tem que mostrar não bebida, não droga, não maconha, não, não os outros droga eu sou contra esses nós tem que mostrar o nosso costume uma coisa limpa, nosso costume de qualidade vê que nós tem que fazer uma alegria, nós tem que andar com honestidade, essa é a minha fala que eu tenho para dizer, para mim a resposta é essa. Porque o nosso costume, que o nosso avô, os nossos vós, antepassados deixaram para nós tem que levar esse aqui, tem que mostrar também aqui para frente, porque eles que eu tenho que dizer para os parentes para as pessoas que vão vir e que vão entender também nós tem que cantar com nossa consciência limpa e mostrar o nosso costura, ou nosso costumes e o nosso futuro e o nosso idioma para as pessoas dizer também que existe Tentehar com seu cultura com seu costume, ele tá dizendo a verdade é isso que tem que ser feito. Rapaz, no momento eu ouvi falar sobre a festa do mel, que acontecia né, nas aldeias, no momento eu acho que não aconteceu ,mais por causa, não é porque as pessoas morrem, porque tem a pessoas que não tem interesse de mostrar, as pessoas que conhecem e não querem contribuir com os outros parentes aprender, até hoje eles tão querendo aprender, ter eu eu quero aprender porque eu quero aprender porque eu quero ver como é que é o festa do mel, eu quero saber quem é que vai levantar o mel quem é que vai cantar quem é que vai mostrar como é que dança né qual é a música que será cantado naquela festa, por isso que eu sou muito curioso demais e que eu quero aprender cada vez mais, a minha preocupação é que eu queria ver também a festa do mel né, tem muitas aldeias que falam, lá na aldeia Juçaral teve umas festas do mel lá, eu queria ir também na época o meu carro já tinha acontecido problema eu não podia né, visitar

os parentes, eu tinha vontade de conhecer a festa do mel. (Genésio Lopez Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

Genésio Guajajara afirma que as festas esquecidas serão resgatadas, para ele a cultura deve ser mantida e mostrada de forma saudável, ele fala isso devido na maioria das festividades o consumo de álcool e outras drogas serem comuns e seus efeitos levam os jovens a fazerem coisas ruins. Genésio também fala sobre a festa do mel e afirma que é comum as pessoas falarem que esta não é realizada pelo fato de terem medo das consequências causadas pelos espíritos caso façam errada, para ele a falta de interesse dos mais velhos em transmitir ou repassarem para as novas gerações é o motivo principal pelo qual não acontece.

Sobre a língua Ze'egete, a questão foi se ainda era ou é comum na comunidade ou não, e o porquê de muitos não falarem mais. Maruzan Guajajara responde que:

Então eu acredito assim, que todo e qualquer conhecimento que a pessoa adquire né ao longo da vida até mesmo conhecimento sem ser diria que natural um conhecimento natural pode ser dizer, se você não chegar a praticar esse conhecimento você vai pode perder né aquilo dali pode mexer e você ficar ali ao leu sem saber como foi que você perdeu a sua origem o seu conhecimento a sua língua, então assim o que a gente observa hoje também em meio ao nosso povo eu levo isso para minha aldeia ali o Bacurizinho, o que eu vejo é isso né o grande contato com essa outra língua né o contato com essa tecnologia, o contato eu diria dos parentes mesmo de se acasalar com não indígenas causou também isso aí, esse impacto no nosso meio eu diria que a partir do momento que a gente se casa com uma não-indígenas se a gente não tiver cuidado o hábito de ensinar o filho a falar primeiro a nossa origem a nossa língua materna e a gente já começar a trabalhar com ele em cima de um português que é uma é uma segunda língua né que a gente utiliza, para em fim, para conviver né na sociedade tanto não indígena quanto no nosso meio Tentehar né, a gente acaba aqui deixando aquele nosso filho sem um conhecimento nosso originário né sem usar hábitos originários nosso, é o que ocorre muito hoje na aldeia, olha a gente tem uma presença grande de não indígena hoje na aldeia que casam com as com as indígenas né, e os indígenas também que casam com as não indígenas. Nem todos se atentam para falar com seus filhos na língua materna que é Tentehar e acabam por praticar mais o português por causa do marido que não fala a língua e muitas vezes o marido acaba por falar mais o português por causa da esposa que não fala e aquilo dali a criança ela vai crescendo né, ouvindo aquele português aquela língua que vai crescendo naquele meio ali a pessoa vai observando é como português em si, por exemplo se você nasce aqui você a criança nasce aqui e é levado lá para ir para Espanha, Inglaterra, e o outro país você vai crescer aprendendo aquela língua que você tá ouvindo né ali os seus pais falar ou quem te criou para lá então no nosso meio também é da mesma forma né se a gente não tiver o hábito de ensinar para o filho desde criança né a língua materna nossa, a origem se a gente praticar mais a segunda língua que é o português a gente vai acabar fazendo que o nosso filho acabe aprendendo mais o português e muitas vezes não aprenda Mais o a língua materna que é o Tentehar, você já essa falta de prática que é um dos fatores a gente deixa de falar mais a língua materna e fala mais o português, e isso trouxe é um dos pontos que trouxe esse contato de religiões dentro da aldeia eu acredito que também é um fator porque causa muita presença né de não indígena dentro da área, e a forma com que aquelas pessoas vão ensinando os irmãos parentes que vão seguindo né aquele segmento ali de religião acabam muitas vezes ali também buscando mais aquilo dali praticando mais aquilo dali em outra língua porque nós

temos né o meio hoje praticar através da língua materna mais muito prático mais na língua do português que talvez não sei se por achar mais facilidade acaba praticando mais por esse lado e aí acaba consumindo mais esse lado português né, que a gente pode ver até os dias atuais eu digo isso no meio do meus parentes mesmo Eu tenho um primo que não fala a língua materna né não fala de forma alguma não entende né porque primeiro não tiveram o convívio no nosso meio né, os pais se casaram com uma não-indígenas saíram da aldeia né, vieram morar na cidade então ali os filhos já não tem conhecimento nenhum já não já não tem um conhecimento sobre como ocorre uma festa sobre o nosso comportamento sobre a nossa crença, ou seja, eles não tem mais aquele habito que a gente tem que é a cultura em si né, do nosso povo, ele já começaram absorver uma cultura do não indígena né, dentro da dentro da sociedade indígena aqui na cidade cidade de Grajaú não tem Tem parentes tem eu tenho parentes que são assim e muitos que estão hoje na aldeia acabam tendo essa dificuldade por conta disso mesmo dessa presença forte de hoje, principalmente na geração de hoje a gente tem conhecimento de não indígenas que casaram né o nosso parente bem antes mas esses não-indígenas que casaram eu não talvez não todos mas talvez uma boa parte se esforçava em vez de viver com costume daquele povo, ou seja, buscaram aprender e a gente tem exemplos disso também de não-indígenas que aprenderam de fato né, a viver no meio do nosso povo aprenderam a língua materna do nosso povo mas foi com a convivência com a prática e nisso facilitou com que os filhos aprendesse de forma natural a língua materna e depois o português, a gente tem exemplo disso né, o exemplo da própria tia mesmo a Maristelandia é um exemplo disso, conviveu no meio de vocês não é indígena mas aprendeu a falar aprendeu a cultura né e ensinou, vou né ali a convivência de vocês aprenderam a falar. A Rosania é um exemplo disso que não é indígena, mas ela procurou meio de se adaptar de buscar ali aprender né mas os pais não se atentaram para os filhos porque os filhos dela tu sabe, se preocuparam mais consigo mesmo, eu acredito assim que essa falta de comunicação dos pais com os filhos hoje é um exemplo disso se você não praticar isso aí até a gente que é fluente pode chegar a perder se a gente não praticar nossa língua materna, então se tem que estar todo tempo praticando, praticando né, e se a gente falar demais o português a gente acaba esquecendo de outras palavras e a presença do não indígena, é outro fator a religião né eu acredito que também influencia dentro da nossa comunidade, essa questão da interferência na língua e essa, essa, o deslocamento dos parentes para outros lugares outras regiões que tem muitos hoje saindo da comunidade vindo morar na cidade, daqui vai para outras regiões outros estados e muitas vezes não volta mais, ali a pessoa saiu da sua origem não retornou mais, mas os filhos que cresceram na cidade ou em outro lugar, não aprenderam mais e quando volta para comunidade já não sabe mais a sua língua materna né, eu acredito que é uma das situações também esse o deslocamento do nosso povo, e a falta, na verdade eu diria que engloba tudo a falta de prática né talvez eu diria que isso aí e esse contato acasalamento que o não indígena fez também uma tem também um ponto nisso aí, nessa questão tá da nossa língua hoje ser praticado mas assim eu acredito que uma boa parte lógico né, a gente tem ainda o nosso corpo ainda fala a língua muito bem, ainda é fluente, ainda é forte no nosso meio, mas a gente tá percebendo que a cada dia que passa o nosso povo ele vem sofrendo sim interferência na nossa língua, nossa cultura, por conta dessas, dessas presença mesmo, dessas questões né, evangelismo, até repartição dentro da nossa aldeia já tem né, ou seja tem um povo hoje que não se mistura com o povo que pratica a nossa cultura dentro da nossa aldeia né, e aquilo dali a gente já já nota como uma interferência forte já tem uma e divisão uma divisão de segmentos hoje dentro da aldeia que era uma coisa, que não existia né, hoje você não pinta mais o braço porque aquilo ali não condiz diz né com segmento disso aqui que a gente tá hoje, né, aquilo dali eles fazem é porque dá ou seja como se não fossemos mais da mesma no mesmo povo da mesma cultura. Então tudo isso eu acredito que vai causando interferência vai causando aí essa perda de língua materna de conhecimento tradicional do nosso povo né, eu vejo uma necessidade muito grande hoje dia de prática mesmo dos pais se atentarem para ensinar os filhos para que não se perca nossa língua materna. Claro que dá uma lida muito forte muito falado em nosso meio na nossa aldeia a gente praticar muito, mas hoje o português também tá forte no nosso meio o português hoje é muito utilizado né, a gente tem um contato

muito grande hoje para tecnologia, eu acredito que esse contato também faz com que a gente, é outro fator que faz com que a gente vá perdendo essa prática da nossa língua materna dentro da aldeia essa saída nossa de dentro da aldeia para ir buscar um conhecimento lá em outro estado aonde a gente vai ter ali a maior parte do tempo da gente presente com um povo que não fala a sua língua materna, ou seja, você vai falar mais o português que você tá no meio deles ali e a língua materna acaba sendo utilizado poucas vezes muitas vezes quando vai ligar pro teu pai para tua mãe né, e aquilo dali com um tempo ele vai te causar dificuldade, por mais que tu não perceba, mas quando tu for chegar na aldeia e que tu for querer falar depois só na língua materna tu não vai conseguir, hoje em dia é o que mais tem, a interferência do português na língua materna a gente não consegue mais conversar só na língua materna a gente vai colocar o mais, porque eu acho né, a onde. Então assim a gente coloca não todo mas a gente coloca hoje uma palavrinha ou outra quando a gente tá conversando a língua materna, né, não é por todos tem muitos ainda que ainda leva a nossa língua materna mesmo só o Tentehar em si quando tá conversando, mas há uma grande interferência hoje nosso principalmente nessa nova geração é o que a gente mais observa. (Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com Maruzan Guajajara a língua ainda é bastante falada na comunidade e sobre os que não falam mais os motivos são diversos como: não praticar a língua, o contato constante com a língua portuguesa através das tecnologias, o matrimônio com o não indígena, as religiões e o descuidado dos pais em relação a isso. Para Maruzan Guajajara o Ze'egete é um conhecimento e se não for praticado há risco de perda, há muitos brancos que se casam com indígenas e falam mais no português com os filhos do que na língua indígena, a religião também influência muito, tendo em vista que cultos e missas são realizados na língua portuguesa, Maruzan relata que muitos de seus primos não falam mais a língua pelo fato de viverem em sua maior parte na cidade. Maruzan relata algo interessante e raro, o caso de não indígenas que após se casarem com indígenas aprenderam o Ze'egete. Para Maruzan os pais devem se atentar mais ao ensino dos filhos.

De acordo com a Cacique Iara, a língua é comum na comunidade, mas existem alguns que não falam mais:

Eu acredito que as pessoas, eu costumo falar que a nossa língua indígena ele, ele pode até ser a pessoa pode até aprender falar depois dos seus certos anos para lá, mas quando nasce dentro de uma aldeia ele é mais fácil de, de, de aprender, tanto como até, escrever, eu não vou falar escrever porque infelizmente escrever é uma coisa que até hoje até aqueles que falam direito né a língua, infelizmente quando for para escrito a gente não escreve, mas eu acredito que a nossa a perda né, da nossa língua indígena, muitas vezes eu falo né que às vezes nós como pais a gente faz parte até desse bloqueio né, que há entre nossas os nossos filhos que talvez se não aprende a falta de incentivo mesmo, às vezes tem indígena que casa com branco, acho o indígena que casa com karaiw kuzà, acha que é bonito falar só o português, aí não quer que os filhos fala aqui mesmo nós temos muito exemplo, de umas aí que eu conheço que casaram com um karaiu aí não falaram mais a linguagem pros seus filhos, aí os meninos vão até mesmo quando os meninos aprendi a falar com cinco anos até com 10 anos mas os pais vão criticado, no caso os karaiw né, vão criticando aqui que tá falando a linguagem que não é para falar não sei o quê, já eu já tenho alguns casos aqui na aldeia mesmo, então por aí vai eu acho que só pelo fato de a

meus filhos só sabe falar a língua de karaiw, não sei o que acho que é bonita aquilo, mas mais na frente esse aí vai fazer vem fazer falta para nós, como muitas vezes tá fazendo, então uma das coisas que eu admiro que as pessoas que não aprenderam na sua infância mas que hoje em dia tão falando, buscaram e falaram, é fácil não é fácil, é difícil. Mas também não é não é uma coisa que que você vai aprender hoje amanhã não, você vai ter que buscar querer mesmo aprender, então assim eu pelo menos eu tive meus filhos dois filhos mas cresceram aqui falaram aprenderem tudo, mas infelizmente o meu neto tá perdendo ele sabia até com 2 anos 3 anos, e agora não tá mais sabendo porque a gente fala, então assim muitas vezes em incentivo dos pais mesmo, eu acredito que mas é incentivo dos pais que que não fala porque se você falar com seus filhos diariamente tudo eles vão aprender sim, porque sempre eu falo assim, você tem que aprender a linguagem primeiro para poder aprender dos karaiu, porque se for ao contrário para você aprender a nossa língua depois é difícil mais difícil.

Eu acho que eu acho que não é tanto assim não, assim, em termos da nossa linguagem eu acho que nem tanto, até porque pelo menos quem mora na aldeia eu acho que não é tanto não, porque aqui maioria das crianças a gente sabe que eles falam, direto também, claro né que eles vão aprendendo aos poucos também, mas eu acho que eu acredito que não seja também só esse aí. Eu acredito que sim porque eu não tô também generalizando os karaiw aí porque eu também sou casado com um, mas o meus filhos aprenderam a linguagem e principalmente quando aquela família for morar na cidade, aí esquece da aldeia não tem mais aquela convivência de vir visitar pelo menos ou dormir na aldeia e tudo, aí é mais difícil. Eu acho assim, importante é, mas desde que o professor indígena, ele busca realmente aquele ensino que realmente que seja da parte indígena, que o material por exemplo, se tivesse o material específico ou então que seja elaborado pelos professores indígenas com participação dos pais até, eu acho que talvez seria mais fácil, mas é importante, mas eu na minha, na minha, como é que fala? No meu ponto de vista eu acho que eles tem que buscar também mais, mas conhecimento né mas que seja também aplicado, porque antigamente o professor bilíngue ele era muito assim ele era mesmo pelo menos que o pai contava né, tanto que ele se comunicavam pelas cartas que eles eles faziam ela era escrito na linguagem, por exemplo o pai quando dava aula aqui, os cacique que morava nas outras aldeias quando ele mandava bilhete para o pai era escrito na linguagem, eles não sabia escrever em português, tanto vô Kali, o pai conta que naquele tempo o vô Kali era para trabalhar como funcionário da FUNAI, ele só não foi contratado porque ele não ele não passou pelo, pelo, como é que fala? Coisa de português mesmo, ele só sabia escrever na linguagem. É só por isso que o pai contava, que ele contava que não foi contratado só por isso, ele sabia mas não sabia escrito em português, só na linguagem. Então assim, se um professor realmente é para dar a língua indígena e buscar realmente, quais são os pontos que pode, ser que seja né mais fácil para as crianças, principalmente para educação infantil é porque a base né que vai daí que vai. (Iara Maria Marizê Lopes em entrevista ao pesquisador, 2022).

Segundo a Cacique Iara os pais são os principais responsáveis por não incentivarem os filhos a falarem em Ze'egete, ela menciona exemplos de algumas pessoas que ela conhece na comunidade, entre estes estão aqueles que são casados (as) com brancos (as). A Cacique diz que sempre orienta os pais a ensinarem os filhos a aprenderem primeiro o Ze'egete e depois o português.

O Cacique Genézio Guajajara diz que os que perderam a língua não são indígenas puros, a maioria são mestiços, mas na base, ou seja, na aldeia a língua Ze'egete ainda é muito forte, ele sempre orienta os mais novos a não falarem somente no português, porque esse idioma é apenas emprestado, ressalta também a importância do professor bilíngue. Genézio

Guajajara costuma motivar os mais novos a falarem em Ze'egete. Ele diz que já ouviu alguns indígenas dizerem que o Ze'egete já está ultrapassado:

Assim, no meu conhecimento parente porque eu, aqui na minha comunidade a gente fala nossa língua ainda, a gente nunca abandonou a nossa língua as nossas falas, e continua firme, esses que perderam as línguas, não é Tentehar original, é um mestiço, mestiço que pegaram muito mais né, com os brancos, e hoje estão transmitindo mais só o português, por isso que eles perderam as contatos com essas linguagens que a gente fala, mais aqui na minha base, aqui na minha aldeia, a gente fala mais a nossa língua, aí deixa um pouquinho português de lado porque essa fala não é nossa, aí é emprestada, e por isso que a gente tá falando nossas crianças dizer assim, olha nós tem que falar a nossa língua, nós tem que aprender cada vez mais, a gente não pode abandonar a nossa língua porque é uma língua que a gente tem, esse daqui para frente vai ter o valor e tá até hoje tem, que a gente tem que mostrar. Se alguém perguntar: porque que se chama o copo? O que que você vai responder? Eu sempre falo, como se chama panela? Você tem que dizer o nome da panela na língua indígena, na panela tá em português, tem que responder na língua também, tupi, né. Então, é por isso que eu tô dizendo os parentes, bora estudar a nossa língua, tem que ter um professor na língua indígena, se não tiver professor na língua indígena, os parentes vai, aqueles mestiços que tão vindo, vão acumulando o português no meio do Tentehar e o Tentehar vai até falar a sua língua, é por isso que eu tô dizendo, olha! Nós tem que mostrar o caminho certo, a gente não pode abandonar a nossa língua, nós tem que dizer assim pro kwaharer Tentehar: "Xi ze'eg Tentehar zane diã pe, Xi mume'u kwaharer wanupe, ta'e ikatu tanataromo zanewe". Então nós tem que falar isso daí, e hoje tem uns parentes aí que não querem nem saber, já sou mestiço mesmo, não vou falar mais aquela língua, porque isso aqui é coisa do passado, e hoje sou civilizado, é aonde que ele está perdendo, é por isso que eu digo, olha nós tem que botar a nossa língua primeiro lugar, essa português que a gente fala que tô elogiando hoje também, que eu aprendi um pouco lá eu trouxe foi de lá, eu sai da aldeia pra buscar, pra falar essa língua português, e hoje eu sei falar em duas línguas, porque que eu sei falar em duas línguas porque eu não deixei a minha língua de lado, eu sempre botei minha língua também presente, essa língua que a gente fala hoje, graças ao bom Deus e hoje nós estamos aqui, eu tô dando um pouco que eu entendo né o que eu conheço, um pouco do meu entendimento eu tô dando hoje, para o povo que vão vir e que vão entender o que eu tô falando, tanto faz como Tentehar como Karaiw, então, estou aqui para responder, né muitão não, mas pelo menos eu tô dando, a porta né para as pessoas entender. (Genézio Lopez Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

A última questão foi sobre os hábitos dos não indígenas adquiridos, e sobre as influências mais presentes no meio dos Tenteharas que não faziam parte de sua cultura e que agora é comum. De acordo com Maruzan Guajajara um dos hábitos que não fazem parte da cultura e que influência muito é o individualismo, na aldeia o povo trabalhava em coletividade, Maruzan relata que no passado quando alguém saía para caçar, ao retornar dividia a caça com outras pessoas, da mesma maneira acontecia nos plantios. Veja abaixo sua resposta:

É, durante esse tempo né a gente vem observando uma mudança grande no nosso meio, na questão comportamental como tu bem falou, na questão econômica em si, eu acredito que até mesmo na união, eu vejo que a gente hoje é um povo muito individualista, a gente não consegue mais ser coletivo, um exemplo disso que eu te dei a uns minutos atrás é na questão do próprio, por exemplo quando a gente antes a

gente colocar saia para caçada, na aldeia, quando chegava mesmo que as demais casas o marido não tivesse ido caçar a gente tinha aquela consciência de alimentar cada um aquela aldeia, cada família, né, quando chegava as caças ali na aldeia, ou muitas vezes era eu só eu que ia caçar dependendo do tamanho da aldeia se tinha ali 10 ou 12 casas, eu tinha todo aquele cuidado de mandar um pedacinho para um, um pedacinho para outro, ou seja, alimentava toda aldeia né, quando um colocava a roça muitas vezes aquele que colocou a roça e o outro lá não colocou a roça, ele tinha todo o cuidado também para chamar o fulano ali para ir comigo para colher a roça para ele ganhar o dele também, ou seja, a gente tinha esse cuidado coletivo até trabalho de roça a gente fazer de forma coletiva, hoje é uma coisa muito rara em nosso meio, que é o trabalho coletivo é o que eu venho observando a gente trouxe muito isso do não indígena, a gente observe que o não indígena é assim né, ele é ele é muito a minha família em si, a minha obrigação com a minha família e daqui para fora eu não tenho obrigação né, eu não a minha visão é aqui o meu já é pouco ainda vou dar para outro lá que então que ele se ele quiser que ele vai trabalhar também, é uma visão que o não indígena tem e a gente não bem antes tinha forma coletiva né, hoje na atualidade é o que a gente mais tem, na questão econômica se a gente for analisar hoje na aldeia existe uma série de situações que por exemplo, a gente tem hoje cantina né, o mercado, comércio dentro da aldeia que próprios parentes hoje administra né, mas tem não indígena também que tem, esse tipo de eu diria que busca de valor né, monetário, de dinheiro né, é uma forma de circular ali uma certa economia, para nossa comunidade é uma coisa que a gente trabalha hoje né, dentro da aldeia já existe isso hoje, já é uma coisa que não era tão comum no nosso meio né, a gente tinha o hábito de trocar algo por algo por exemplo eu chegava com uma farinha muitas vezes também tu me dava um feijão, né eu chegava com um pedacinho de carne e muitas vezes tu me dava uma farinha, a gente tinha esse hábito e hoje mudou também né, a gente não tem mais esse hábito também de troca de mercadoria. Hoje quem tem um comércio na aldeia você tem que ir lá com dinheiro para comprar se não tiver o dinheiro para comprar você não compra mesmo se você tiver precisando né, você não tem naquele momento, ou seja, hoje já temos isso também, na questão do eu diria que a questão social em si, a gente observa que nossos parentes ele vem adquirindo muito hábito do não indígena, hoje a gente tem comportamento dentro da aldeia, que levam realmente a semelhança grande do convívio dentro da cidade, né bem antes, da gente não tinha uns exacerbado de droga desse nível que tá hoje dentro da comunidade, hoje em dia nossos parentes não consumindo muito tipo de droga, muito tipo de coisa que vem ali destruindo famílias né, vem ali, trazendo um comportamento de agressividade para dentro da nossa aldeia onde já houve né até mesmo morte de parente com parente mesmo, com uso de isso aí é uma coisa que para a gente era raro isso aí acontecer e hoje é uma coisa que tá acontecendo muito no nosso meio né o uso de álcool é, de, sem limite dentro da aldeia é o que tá acontecendo muito hoje também, a questão da até mesmo de de hierarquia mudou e muita coisa mudou né, se a gente for observar hoje é raro você ver uma aldeia que existe uma hierarquia forte em questão de liderança, Cacique comunidade né, tem muitos essa geração de hoje, eles não conseguem mais respeitar ao nível que os mais velhos respeitavam antes um Cacique da aldeia né, que era o chefe maior hoje em dia parece que tá cada um por si né não tem mais aquela sensibilidade respeito de chegar consultar um Cacique, eu, não digo todos mas hoje já tem uma parte dessa geração nova que tá causando isso e a gente tem exemplos disso dentro da aldeia, até mesmo um exemplo disso até do próprio um exemplo um exemplo que a gente pode observar disso é o próprio comportamento dessa geração que faz com que haja ali um certo conflito interno, dentro da aldeia por exemplo por consumo de drogas, por consumo de álcool, ali daquele meio ali, acaba tendo atrito entre si, porque o parente ele não tem limite para utilizar aquilo dali né, e quando um chega e quer intervir para com isso que isso não tá certo, ali já vai gerar conflito né, e muito dali se sai da aldeia e vem para cidade e quando chegam na cidade acaba tendo contato com coisas mais piores ainda, hoje em dia a gente tem parente que tá praticando assalto né, que pratica roubo é uma coisa que para gente não existia, ou seja, tem muitas coisas hoje que a gente tá observando né que tá acontecendo no nosso meio que tá mudando o nosso meio hoje por causa desse contato, né desse contato que a gente tem hoje de forma eu diria que mais

presente porque antigamente não era tão presente esse contato do povo de fora eu diria que com não indígena né, com a gente dentro da aldeia, eu acredito que isso tudo influenciou, ou seja, eu fui morar na cidade eu vi um eu fui morar em um bairro lá que é perigoso, e lá o povo para ter moral né para ter aquela certa autoridade eles se comportam dessa forma se tatua, bota faz uma tatuagem bota um facão na cintura. É tem que ter esfaqueado alguém né, tem que ter praticado o crime com alguém para a pessoa ser vista como um ser de auto respeito né, uma pessoa que é de respeito ali naquela comunidade e isso eles estão trazendo para aldeia, esse comportamento eles tão trazendo que era que é uma coisa que não era comum em nosso meio. Hoje em dia as criança dentro da outra de 12 13 anos já estão tendo esse comportamento né, de uso de álcool como eu falei de uso de outros tipos de drogas não existe no nosso meio por exemplo o crack em si, já já tá dentro da aldeia de forma presente, à venda desse tipo de droga dentro da Aldeia uma coisa que não existia hoje já é uma coisa comum dentro da aldeia né, que a questão do até mesmo do da prostituição já existe também que era uma coisa que não existia hoje já existe a questão da prostituição dentro da aldeia, ou seja, a decorrer do tempo foi mudando essa presença essa esse contato com essa com essa outra sociedade ela foi causando isso no nosso meio eu digo que é só coisa negativa eu digo que não, a gente tem também os pontos positivos né, que esse contato trouxe para gente como eu bem disse a questão do conhecimento né, foi um ponto positivo o grau de conhecimento que hoje a gente absorve estando dentro de uma cidade, quando a gente vem buscar um conhecimento dentro da cidade, é diferente de quem busca dentro da aldeia o grau de conhecimento é muito diferente lá é um grau de conhecimento eu diria que um pouco defasado comparado ao que era buscado na aldeia se eu tiver dentro da Universidade dentro do ensino médio que é dentro da cidade e se eu for querer comparar aquele ensino que é dado ali dentro da cidade comparar lá com a aldeia, o dele é muito diferente, ou seja, para eu que eu estudo na cidade para competir para entrar numa universidade fazer o vestibular e vou ter mais chance porque o meu grau de conhecimento foi mais amplo meu grau de ensino foi mais amplo, e quem tá na aldeia, é muito eu diria que não é tão amplo ao ponto de você ter um grau de conhecimento que você possa ali competir de igual para igual para quem tá lá na cidade porque ali existe toda uma dificuldade né, de conhecimento, por isso que existe aí eu diria que essa migração né, desse povo para cá, então junto aí tu vem essa questão também do comportamento do conhecimento, do que é que foi mudando de acordo com o tempo que isso já foi até é um pouco falado né na questão anterior ali que tu colocou e tudo isso vem mudando dentro da nossa aldeia né, então assim, específico nessa questão eu diria que seja isso a questão do uso exacerbado de álcool de droga uma coisa que não existia é um fator a questão do não respeito mais por hierarquias dentro da aldeia, é outro fator, a prática de divisão social dentro da aldeia já existe, a questão do segmento do Evangelho a questão dos ali que são ainda tradicional né do nosso povo que é tradicional, ou seja, a gente observa que um não se mistura mais com outro, não todos! Ainda tem ainda ali aquele que conseguiu absorver um conhecimento mais vasto daquilo dali, do que é que significa o evangelismo de como que tem o segmento ele nunca deixou de praticar sua cultura nunca deixou de estar no meio de nosso povo né, ali praticando cantando batendo maracá no nosso meio, não são todos, mas há uma boa parte que eu diria, que até são leigo de conhecimento nesse segmento que acabam se deixando levar apenas por que o fulano falou, assim quando diz que é isso assim assim, ou seja, a gente observa claramente que há uma divisão, dentro da nossa aldeia hoje né, é um dos comportamentos que eu vejo. Outro fator a questão da economia seja essa questão da gente não ser mais tão coletivo a gente passou a ser eu diria que mais individual né, porque antes a gente era bem coletivo, e hoje a gente não consegue mais ser coletivo, até mesmo prática de atividade coletiva a gente não consegue mais realizar direito, por exemplo um trabalho de roço de estrada, é todo mundo é todos os homens da aldeia que vai? Não é! É no máximo ali 7 8 9 10 que vai. Antes era assim? Não era! Era uma coisa mais era uma coisa mais ampla né, bem antes era uma coisa mais ampla, até você fazer uma roça, fazer uma roça de forma coletiva que ia beneficiar toda a aldeia né, fazia-se roça ele era de alqueires, alqueires de roça. Então assim, ia beneficiar toda a aldeia, ou seja, toda aqueles pais de família daquela comunidade se reunia para fazer parte daquele dali. Hoje em dia a gente não

vê mais e se tiver acontecendo é uma coisa rara em nosso meio hoje que antes era tão natural hoje se torne uma raridade né, hoje observe que existe sim isso, a questão da individualidade dentro da aldeia, é outro fator também que eu observo né, dentro da aldeia. (Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com Maruzan Guajajara o individualismo foi adquirido a partir do contato com o não indígena. Outra coisa que vem acontecendo muito nas aldeias é a atividade comercial, no passado essas atividades aconteciam por meio de trocas, hoje se o Tenetehara não tiver dinheiro ele não consegue o que quer. Para Maruzan as drogas também é algo que vem influenciando os indígenas, e as consequências são: mortes, roubos, furtos, prostituição e contendas, além disso, a falta de respeito pela hierarquia, pelos líderes e caciques dentro das aldeias tem se tornando cada vez mais comum após o contato frequente com os brancos. Em meio a esses hábitos que vem sendo adquiridos e que tem influenciado os Teneteharas o mais positivo é a educação, para Maruzan foi um dos melhores hábitos adquiridos pelos Teneteharas.

A Cacique Iara Lopes ao responder a mesma pergunta, diz que o individualismo é algo que muitos Teneteharas vêm adquirindo, e observa que isso acontece através do intenso contato com os brancos, e mesmo vivendo distante da cidade, isso é muito comum, a Cacique relata que antes os Teneteharas eram unidos e trabalhavam de forma coletiva. Para ela o individualismo enfraquece a organização dentro da aldeia, ou seja, o modo de viver em geral:

Bom essa parte, eu acredito que vamos pela organização né, organização dentro de uma aldeia, tanto como organização, tipo, eu lembro na minha quando eu era jovem ou criança mesmo, que o pai fazia muita reunião, eu, eu presenciava assim, que por exemplo tudo que eles iam fazer eles se reuniam combinava entre eles se ajudava né, por exemplo, botar roça eles o trabalho deles era coletivo, eles não trabalhava individual, roçar estrada, eles iam junto, mas de hoje em dia a realidade o dia atual não é mais assim é difícil, a gente tem aquele coletividade de fazer um trabalho todo mundo reunido tudo então é de hoje em dia as coisas mudaram.

E algumas, algumas coisas eu acredito também que as coisas né os acontecimentos também faz com que cada um se manifesta ou vai seguindo da maneira que, que vai entendendo né, como é que deve ser, mas isso ele enfraquece muito o desenvolvimento, organização de uma aldeia. Porque tudo que a gente, por exemplo, eu no meu trabalho como cacique, como eu falo enfraquece a organização dentro de uma aldeia, porque não é fácil a convivência né com a comunidade de hoje em dia principalmente que nossos jovens eles estão aí a disposto a seguir um caminho que também, não, não é agradável, tanto como para família como para a comunidade, envolvimento com, por exemplo, a convivência dentro de uma aldeia, e isso também ele veio muito como é que fala? Coisar a nossa cultura, como é que fala? Até uma palavra gente fala, que ele atrasou muito o nosso desenvolvimento, porque nosso jovem, porque como eu falei no começo da minha fala, antigamente os pais tinha mais interesse de de botar os filhos na escola, de querer uma coisa melhor, hoje em dia, os pais até podem ter esse interesse, mas infelizmente a influência dentro de uma cidade não é mais como antigamente, se a pessoa ou você deixar seus filhos cidade, lá ele vai aprender o que ele quiser, o que ele quiser, aquele caminho que eu vou pode ser certo ou errado, as duas coisas pode acontecer, então infelizmente de

hoje em dia, esse contato que jovens indígenas de hoje em dia, estão tendo com a cidade, é isso aí esse atraso né da deles mesmo nós com a da ideia, então é isso. Verdade é como eu falo, quando os pais resolvem levar seus filhos na cidade, eles levam, mas o maioria dos pais não fica lá, não fica lá, não tem aquela presença de estar com os filhos, para ver se realmente estão estudando, não tem aquele acompanhamento, então ali eles tão sujeito aprendeu que eles quiserem né, ou praticar o que eles quiserem, aprendi lá e depois traz para aldeia, então isso é isso que eu tô falando, de certa forma, eles acaba envolvendo essas coisas ruins dentro da comunidade, então para nós isso não é não é uma coisa boa, que, que esse jovem tão trazendo para nossas aldeias, antigamente não existia isso, então assim, tem tudo para eles aprenderem porque tem quem quisesse levar o estudo para frente né, tem faculdade e tudo, mas infelizmente não acontece. E muitos dos nossos jovens né, envolvido em álcool, droga, e infelizmente essa é a realidade, que a gente tá aí, enfrentando né, como é que a gente pode tá ajudando nesses casos né. (Iara Maria Marizê Lopes em entrevista ao pesquisador, 2022).

Ela diz que outro elemento que não faz parte da cultura e que vem influenciando os jovens a agirem com má conduta, é o envolvimento com drogas, para a Cacique isso atrasa o desenvolvimento do povo, a cacique Iara diz que a ausência dos pais na formação dos filhos em contato com os brancos abre portas para que os Teneteharas se envolvam com drogas, prostituição etc. Para ela os pais precisam acompanhar os filhos enquanto estudam na cidade, pois o que aprenderem, seja de bom ou ruim, cedo ou mais tarde chegará na comunidade.

Para o Cacique Genézio a falta de respeito, as festas não indígenas e as drogas são coisas ruins que vem influenciando os Teneteharas. Veja o que diz:

É bom essa pergunta né, porque uma pergunta que sempre eu queria responder, para sociedade né, sociedade branca e para o povo indígena né, uma coisa que me choca parente, é que os outros parentes hoje, não querem saberem de respeito né, não querem saber mais de respeitar ninguém, se você dizer para ele que para parar ele não para, mais uma coisa que sempre traz prejuízo a bebida alcoólica festa mundano, dentro das aldeias trás droga, prostituição, uma coisa que eu não concordo, eu discordo mesmo sempre, e eu não apoio uma coisa dessa, agora evangelismo tá tá tirando muitos parentes do vício, das drogas, da prostituição, das coisas que não agrada a Deus, e por isso que eu apoio o evangelismo, nas aldeias nas base, e por isso que eu sempre me levantei dizer assim: Porque que eu sou um exemplo hoje aqui na aldeia? Eu sou um exemplo aqui na aldeia! tem respeito, mas aqueles que estão fazendo isso que tão trazendo mudano, que ele não sabe nem o que tá trazendo para dentro da comunidade, tá trazendo o criminoso, estuprador, bebida alcoólica, droga, prostituição, trás até a morte também, isso acontece nas aldeias, é por isso que eu discordo isso parente, e hoje uma coisa que me ofendi, essa coisa mudana, parente hoje, nós convive dentro da sociedade branca, ele aprendi coisas ruins também, ele não vai lá so pra estudar aprender educação, como eu falei ainda agora, olha vai lá, tem uns que vão de interesse, pra trazer desenvolvimento, mas uns não vão lá para aprender a maconha, droga, prostituição, até matar as pessoas, eles vão lá para aprender isso, mas por isso que eu digo, eu discordo disso, se parente perdeu seu costume, não quero mais se pintar, porque ele aprendeu a malandragem lá dentro da sociedade branco, por isso que eu digo aquele que tá aqui dentro das bases, dizendo, dizendo que ele não aceita aquele lá vai dizer para o outro lá, olha aí, diz que o cacique lá não aceita festa mudana lá na aldeia dele, não, vamos ter que fazer, vamos fazer aqui, qualquer coisa a gente mata ele, eles pensam logo assim, por isso que digo, eu não concordo, e isso eu discordo sempre, e eu não vou apoiar, porque que eu não apoio? Porque, as coisas que não traz futuro nenhuma pra comunidade.

Primeiro, as meninas moças vão beber a cachaça, vai ser prostituída, vai levada dentro da mata, então até matada, como aconteceu nas festas aqui, do lado aqui, o parente cortou o braço do outro, a cara do outro, furou o outro com a faca. Essa é uma coisa que traz futuro? Não! Não traz futuro, festa de crente só tem alegria e bolo e refrigerante, cheio de unção e com a palavra de Deus sai cheio de Espírito Santo de Deus, e vai na sua casa tranquilo dormir sossegado, porque vai cheio, não vai nem um pingo de droga, não vai nem com coisa nenhuma, só vai mesmo com o poder de Deus. Por isso que eu concordo com Evangelismo nas aldeias, agora, festa do mundo, coisa mudano, esse daí pra min já tá fora, eu não quero tá nem perto, como eu sempre eu falo, eu não vou não, alguém pode matar 20 vaca ali, não tu vai comer um pedaço ali mais nós, eu não vou não, pode ficar lá, come esses bagulhos de vocês que eu não vou querer nenhum pedaço. É desse jeito, essas são minhas respostas sobre isso daí. Tão trazendo uma coisa que não agrada nem a min nem a Deus. Porque? Porque é uma coisa que vem destruindo o nosso costume e a nossa sobrevivência também, porque ele não veio para respeitar ninguém, as vezes a pessoa ta bem aqui dormindo sossegado e um som do lado, com tanto barulho, um cara gritando matando o outro dentro das matas, ta aí, uma coisa que eu não concordo. Parente, é o seguinte, tem uns meus parentes hoje que convive da roça, mas são poucos, mas aqueles que não convivem mais da roça, só quer saber da cidade. Porque que quer saber da cidade? Porque eles não querem mais mostrar com o tempo, os nossos antepassados viviam eram unidos né, fazia era a roça, só uma roça só, dali daquela roça que ia colher todo tipo de legume, mas hoje não, eu tenho minha rocinha ali, ninguém não pode nem mexer lá, porque li foi só eu e meus esforços né que fez lá, ninguém pode mexer, mas na época que fazia mutirão, que plantava arroz, milho, abóbora, batata, plantava de tudo lá, mas só que aonde era tudo unido, mas hoje se a pessoa quiser fazer a rocinha a pessoa tem que pagar pra ele, eles já pegaram o malandragem da cidade também, é por isso que tô dizendo que pegaram essa malandragem. Quem ensinou isso daí? Foi o homem branco que ensinou isso daí, se vocês trabalharem pro cacique lá, ele vai guardar tudinho e vocês vão comer só na hora que ele liberar, o branco botou essa ideia na cabeça dele e hoje ficou desmantelado esse negócio, porque na época era tudo unido. Olha! A nossa rua ta cheio de mato, porque ta cheio de mato, porque não se reuni, se não pagar pra ele, ele não alimpa aqui na frente, desse jeito, aprenderam esse negócio. E hoje, os parentes, não vivem mais da união né, como de primeiro, se tiver uma autoridade maior vinher aqui, rapaz se tivesse antes, olha, o cacique Taywan vai vir alí, i'i amo o ipe nehe xe, todo mundo tava era aqui, mas avisou foi em cima da hora, então é desse jeito, é desse jeito também que acontece nesse mutirão da roça, hoje não existe mais isso. Então é por causa disso né, de primeiro meu avô, minha vó, meus tios, meus irmãos, se reuniam faziam aquele grupo de pessoas que andavam fazendo as roças, plantava depois, todo mundo em grupo, hoje não, hoje não existe mais isso. (Genézio Lopez Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com o Cacique Genézio a religião como o cristã é um fator que vem contribuindo para o resgate e ressocialização dessas pessoas, por isso é visto como ponto positivo. O Cacique Genézio relata que algumas pessoas preferem elementos da cultura não indígenas como é o caso dos que escolhem fazer tatuagens pelo corpo do que pinturas de Jenipapo, de acordo com o Cacique as festas dos brancos na aldeia causam muitos conflitos e destroem em parte a cultura, o cacique diz que antigamente os Teneteharas eram mais unidos, colocavam roças juntos, após o contato com os brancos cada qual coloca a sua.

Entre as pessoas que foram entrevistadas na aldeia Bacurizinho, encontra-se o ancião Denizar Ribeiro Guajajara, de acordo com relatos da comunidade, talvez este seja o único ancião entre os homens ainda em vida. A sua entrevista não foi intercalada com os demais

acima, devido à forma de como foi entrevistado. Pelo fato de estar avançado em idade e acometido recentemente de um acidente vascular cerebral (AVC), suas dificuldades de falar e de locomover-se são perceptíveis. Por este motivo a entrevista com este foi de maneira aleatória, sem a exigência da aplicação de questionários como os demais entrevistados, o objetivo foi deixá-lo falar de forma espontânea como era a vida no passado, e com base na sua conversa buscar fazer algum gancho relacionado à pesquisa. Durante o diálogo, algumas contribuições foram obtidas, Denizar Guajajara foi artesão e sanfoneiro até ser impossibilitado de trabalhar, devido a enfermidade, no artesanato destaca-se a fabricação de pilões, arte que aprendeu sozinho segundo ele. Ao ser questionado sobre ser sanfoneiro, este diz que essa arte foi herdada do seu pai Joaquim Ribeiro, que aprendeu a tocar sanfona e ensinou posteriormente alguns dos filhos:

Eu vou contar, um dia desses o Darlan veio bem ali em casa, eu dizendo pra ele um dia eu vou na chapadinha, eu vou contar tudinho como era no tempo dos pais, o pais mais o tio Alderico, eu vou contar pra vocês, eu sei contar não é só, eu mesmo vi, eu já andei com eles, por isso que eu digo também que nunca vou abandonar, a sanfona acordeom nunca vou abandonar, foi o pai que deixou essa arte pra mim, ele tocava pife também, mas quando era novinho. Então foi assim, papai aprendeu tocar um pouco pife e acho que o pife não tava dando certo né, aí mudaram pra de botão, sanfonazinha pequenininha, ainda vi essa sanfona em cima do giral no quarto, eu era menino véi e ficava olhando a sanfona no quarto e eu dizia, oh que sanfona bonita de botãozinho. Aí depois mudaram pra de palheta, aí andava tocando festa, aí eu andava muito com eles também, aqui município de Bacurizinho aqui em baixo. (Denizar Ribeiro Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

Denizar relata que seu pai colocava roça junto com os demais indígenas e aborda também um pouco sobre o tipo de refeição que fazia parte da dieta na época, antes de irem para o trabalho na roça:

Era só papai que era assim, depois que se ajuntaram os outros índios vinheram pra cá também, esses outros que tem por ali, são da culá, da Pedra, da Lagoa Cumprida[...] eu ainda vi os índios véi botando a roça assim, quando era de manhãzinha aquele mais velho gritava, ele plantava muito também nesse tempo, era mandiocaba, aí chamava aquelas pessoas e não era café não, era mingau de tapioca ou de mandiocaba, fazia também era cará e quibero de abóbora, e tapioca também, botava era mel dentro. Em setembro tirava mais era mel [...]e aproveitava também a cera do mel era fazer lamparina, vela, quando caía na pessoa arrancava o couro. Hoje o povo não quer cortar nem uma varinha de facão de machado, nesse tempo era só de machado. (Denizar Ribeiro Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

De acordo com Denizar Guajajara, alguns Teneteharas foram para a cidade, devido conflitos na aldeia e outros com o objetivo de trabalhar em canoagem no rio Grajaú. Ao falar sobre os indígenas que trabalhavam nas embarcações, às vezes em canoas e outras em barcos maiores, ele se emociona e diz que muitos Teneteharas morreram nos naufrágios pelo rio

Grajaú, além disso, ele conta que quando estes Teneteharas saíam para trabalhar, se despediam de seus familiares, pois não tinham certeza de que um dia retornariam novamente:

Eu nunca estudei em colégio nenhum, só sei assinar mal o meu nomezinho véi, assim mesmo, mas assim mesmo eu sei um pouco de duas línguas, eu sei escrever um pouco minha língua e a língua português, isso é muita coisa pra mim também num é?

Aquela cerca que tem lá, foi o seu Alderico que mandou fazer aquele ali, foi assim que nós moremos lá, assim com nunca acaba né, esse problema grave né, nesse tempo a gente tinha uma parente, não é quando a gente tem um parente e não manda fazer uma besteira né, ele mesmo faz, nós fumo com, ele matou um parente dele, matou outro, parente mesmo, parente perto, aí disseram que tinha sido nós que tinha arrumado munição pra ele, aí foi o tempo que nós mudamos pro Morro, passamos quase 5 anos no Morro.

Nesse tempo caboco, nesse tempo assim, pra trazer alimentação pra li também, ou roupa pra li na cidade, pra fornecer café essas coisas assim, sabão, açúcar, não era de carro que trazia não, era de canoa, tinha aqueles canoa grande, grande mesmo, esse chefão do canoa, levava muito índio, morreu muito índio nesse tempo, só empurrando, empurrando canoa, daqui é que desce direto sem trabalhar né, mas de vinda os índios morriam muito, os índios se adoeceu, não tinha pra onde levar, tinha que morrer dentro da canoa mesmo e enterrava na beira do rio, era sim né. O índio quando sai, saía logo era despedindo da mulher dele porque ele não ia voltar mais. (Denizar Ribeiro Guajajara em entrevista ao pesquisador, 2022).

Observa-se na fala de Denizar Guajajara uma concordância com os demais entrevistados no que se diz respeito à migração, ou seja, os motivos como conflitos e a busca de melhorias. Sobre a adaptação de elementos que não fazem parte da sua cultura observamos a paixão pela música como o instrumento sanfona. Mesmo cansado e avançado em idade, o ancião Denizar consegue observar o individualismo entrando nas aldeias e faz um contraste com a época de seu pai em que os Teneteharas trabalhavam unidos. Além disso, observa-se também a valorização de Denizar no que diz respeito ao conhecimento da sua língua o “Ze’egete” e a língua portuguesa.

4.5 Compreendendo os motivos do êxodo Tenetehara

Baseando-se na fala dos entrevistados compreende-se que os motivos que levaram ou levam os Teneteharas Guajararas a migrarem de suas aldeias para próximo da cidade são, a busca de melhorias na educação e saúde, e também os conflitos internos. Na elaboração do projeto para esta pesquisa, algumas hipóteses básicas sobre o processo de migração foram levantadas: os Tenetehara migram da zona rural para a urbana devido o fator econômico, isso os levam à busca de melhorias e os Tenetehara saem de seus respectivos lugares de origem em razão dos conflitos internos.

As respostas obtidas sobre os motivos da migração citadas no parágrafo anterior são compatíveis em partes com algumas hipóteses básicas que foram levantadas como pontos norteadores desta pesquisa, também citados no parágrafo anterior. Digo compatíveis em partes porque não se verifica um ajuste integral quanto ao fator econômico, que também foi colocado como hipótese. Observa-se, pois, que o fator econômico, apesar de ser benéfico e visto como positivo para várias sociedades, não foi e não é necessariamente o motivo que levou ou leva os Tenetehara a saírem de suas aldeias, visto que os principais motivos citados são a busca de melhorias na educação e saúde e os conflitos internos.

Destaco neste parágrafo, uma pergunta que considero importante levantada no início deste trabalho, pois através dela é possível compreender como o Tenetehara ver na atualidade esse processo de migração. A questão é: Há necessidade dos Tenetehara mudarem da zona rural para a urbana? A resposta é relativa e depende muito do que o Tenetehara almeja, de acordo com as respostas da maioria dos entrevistados se o objetivo for à busca das melhorias citadas anteriormente, não há problemas, mas se for apenas por morar como por curiosidade, é considerando apenas como uma ilusão, ou seja, algo desnecessário como afirmou o jovem Maruzan Guajajara durante a sua entrevista.

4.6 Elementos que não fazem parte da cultura Tenetehara

Alguns elementos que não fazem parte da cultura Tenetehara foram identificados durante as entrevistas, são eles: diferentes religiões como catolicismo e protestantismos, representadas por diversas denominações dentro das comunidades; festas, cujas origens não são indígenas como forró e reggae; a presença de drogas e o uso exacerbado do álcool em atividades de lazer nas comunidades; atividades comerciais como pequenos mercados, borracharias e até mesmo bares; e por fim o uso frequente da língua portuguesa como meio de comunicação.

Alguns desses elementos como as religiões, drogas ilícitas e atividades comerciais são responsáveis por influenciar na conduta dos Teneteharas, alterando o seu modo de vida. Por exemplo, as religiões são observadas a partir de dois pontos, negativo, quando se trata das divergências doutrinárias causando às vezes divisões e positivo quando se trata em ressocialização do Tenetehara.

As drogas ilícitas influenciam nos conflitos, prostituição, roubos, furtos, além da falta de respeito pelos líderes, atraso no desenvolvimento do povo e enfraquecimento da cultura em geral. As atividades comerciais quebram com a coletividade, elemento importante para a

cultura Tenetehara, pois estas fazem os Guajajaras entrarem em disputas tornando o Tenetehara individualista. O uso frequente da língua portuguesa na comunidade acontece por alguns motivos, primeiro, o matrimônio entre brancos e indígenas; segundo, a falta de motivação dos pais e terceiro o uso das tecnologias. Barboza (2015), ao falar sobre a língua Guajajara em um estudo dos fenômenos linguísticos induzidos pelo contato com o português, afirma que:

O cenário de contato de línguas indígenas minoritárias em contato com línguas majoritárias, geralmente línguas oficiais, tem apresentado indícios de uma desvitalização das línguas minoritárias. No entanto, muitas vezes essa realidade é imperceptível pelos próprios falantes dessas línguas. (BARBOZA, 2015, p. 15)

De acordo com Barboza (2015), nas últimas décadas, o contato entre falantes do Ze'egete com a sociedade que os envolve, nesse caso os que não são indígenas, tem-se intensificado por diferentes influências, tais como a localização de algumas aldeias próximas à cidade, o que possibilita um deslocamento constante entre as aldeias e o centro urbano para resolver questões burocráticas relacionadas a serviços bancários, tratativas de documentação e assistência à saúde e formação educacional.

4.7 Aceitação dos Teneteharas quanto aos elementos que não fazem parte da sua cultura

Fica entendido que a maioria dos Teneteharas resistem aos pontos negativos trazidos ao seu contexto cultural pela influência dos brancos. Contra o uso das drogas ilícitas, os mais velhos orientam os mais novos a não consumirem e a escola torna-se uma importante parceira nesse meio, reforçando o conselho dos anciões. Para reforço e motivação da preservação linguística, os professores bilíngues tornam-se peças fundamentais requisitados em todas as aldeias.

Quanto aos pontos positivos como a educação e saúde, são recebidas de forma espontânea e de boa vontade, detalhe que se encaixa no conceito de Ullmann (1991), quando diz que a aculturação consiste na adaptação de uma cultura à outra, num ou vários traços. Além disso, podemos considerar que esse processo de aculturação de adaptar a educação e a saúde à cultura Tenetehara, acontece de maneira livre e planejada, ou seja, livre porque há boa vontade em recebê-las, sem que haja resistência, e planejada por se organizarem de forma que alcancem os demais Teneteharas.

4.8 Comparação entre as aldeias localizadas na zona rural e urbana.

Ao analisar as diferenças entre as famílias Guajajaras que estão às margens da cidade para aquelas que permanecem na zona rural, conclui-se que as diferenças são mínimas, pois de acordo com os relatos colhidos, os mesmos fatores que influenciam as aldeias próximas à cidade, são os mesmos presentes nas aldeias localizadas na zona rural. Porém, observa-se que as aldeias localizadas na zona rural apesar de sofrerem as mesmas influências que as localizadas na zona urbana, apresentam maior resistência, o próprio ambiente como o espaço o território, permite-os viver conforme o estilo de vida Tenetehara, plantando, colhendo, caçando e pescando.

Observando as aldeias próximas a cidade de Grajaú, nota-se que estas também apresentam resistência, porém são mais vulneráveis, e o espaço, ou seja, o território, não oferece condições de viverem conforme o modo de vida Tenetehara, não há como caçar ou plantar devido a terra ser bem pequena. Nota-se também que os Teneteharas mais suscetíveis à aculturação, são os que não atingiram a fase adulta. Limberti (2009), explica que o contato intenso com a cultura favorecido pela espacialização torna os jovens suscetíveis a essa exposição, além disso, o processo de formação das crianças, adolescentes e jovens é outro fator que coopera. De acordo com o referido autor, os adultos também sofrem as consequências do confronto cultural, porém os valores mais arraigados e internalizados apresentam maior resistência quando comparado à fase não adulta.

4.9 Qualidade de vida das famílias Guajajaras na zona urbana e rural

Ao verificar a qualidade de vida em termos socioeconômicos das famílias Guajajaras emigradas para o entorno do meio urbano em contraste com o padrão vigente no interior da Terra Indígena, percebe-se o seguinte, ao se tratar da aldeia Morro Branco, a maioria dos Teneteharas exercem trabalhos formais tanto pelo município, estado e empresas privadas, são estes: professores, agentes de saúde, técnicos em enfermagem, enfermeiros, agentes de endemias, auxiliares bucal, técnicos em informática, motoristas e tradutores pela FUNAI. Como trabalhos informais, existem aqueles que são artesãos e exercem atividade autônoma e os que trabalham nas atividades comerciais dentro da cidade.

Em relação à aldeia Boa Esperança, a maioria depende dos programas do Governo Federal como bolsa família e a aposentadoria, outros trabalham em fábricas de gessos, carvoeiras e como garis pela prefeitura, até 2018, grande parte dos moradores da Boa

Esperança viviam como catadores em um lixão próximo da cidade de Grajaú, estes catavam materiais recicláveis para a venda, após o lixão ter sido removido pela prefeitura esses continuaram buscando outros meios. Em relação às aldeias Bacurizinho e Ipú, localizadas na zona rural, as principais atividades econômicas continuam sendo a caça, pesca, criações como gado, galinha, porco e o plantio de roças.

Conforme o exposto neste capítulo observa-se que essa pesquisa possibilitou alcançar um entendimento, sobre como o Tenetehara enxerga a realidade que os cerca. Nesse sentido, destaca-se, a preocupação diante das ameaças a sua cultura, o reconhecimento de que estão a resistir contra as influências culturais impostas pelo branco, além da luta pela busca da valorização cultural entre os jovens Guajajaras.

Primeiramente, o povo Tenetehara, assim como outros povos indígenas no Brasil, são minorias quando comparados à população não indígena. Logo, é quase impossível não sofrer influências de uma cultura majoritária como a do branco, isso desperta um sentimento de alerta entre os líderes e anciões do povo Tenetehara. No entanto, esse sentimento de preocupação não é o suficiente para barrar o avanço das ameaças à cultura Tenetehara. Nesse contexto, é imprescindível uma linha de frente que resista aos ataques contra sua cultura milenar.

Infere-se, portanto, que essa frente de resistência tem as novas gerações como o alvo, pois, os jovens, adolescentes e crianças são os mais vulneráveis às influências não indígenas. Entretanto, é necessário agir com urgência para que a base seja fortalecida. Nesse sentido, é essencial que os incentivos aos trabalhos de valorização à cultura, sejam aplicados a todas as esferas da vida Tenetehara, como forma de valorização da sua sociedade. A princípio, essa valorização deve partir de dentro da comunidade, através dos líderes, anciões e respectivamente o povo em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou demonstrar como os Teneteharas pensam ou se comportam diante das influências culturais que advém do branco e como agem em meio ao cenário ameaçador que os cercam, colocando suas raízes culturais em risco de existência. Abordou como vem acontecendo o processo de aculturação, ou seja, a adaptação dos elementos de outra cultura dentro da Tenetehara.

Foi possível compreender através das abordagens no trabalho, os motivos que levaram ou continuam levando os Tenetehara a migrarem para a zona urbana, é importante ressaltar que esse fator é um dos principais responsáveis no que se diz respeito à adequação do Tenetehara a cultura não indígena. Observou-se que o êxodo Tenetehara apesar de, por um lado ser positivo como a busca de melhorias, por outro, o contato intenso com o não indígena alterou parte do seu modo de vida. Limberti (2009) classifica essa situação de relação entre indígenas e brancos como uma relação destinador-destinatário, sendo que o sujeito doador dos valores, que modaliza o modo de ser é o destinador, nesse caso o branco, e o sujeito que os recebe é o destinatário, ou seja, o indígena que, por sua vez, coloca-se como sujeito da ação.

Permitiu identificar quais os principais pontos que não fazem parte da cultura Tenetehara e que possuem força sobre esta, ao identificar estes fatores, nota-se que os Tenetehara distinguem numa perspectiva valorativa aquilo que lhes foram ou são oferecidos pela cultura do branco, esses pontos foram classificados durante a pesquisa como positivos e negativos. Além do mais, essa pesquisa ajudou a analisar as diferenças entre as famílias Guajajaras que estão às margens da cidade, para aquelas que permanecem na zona rural, ajudou também a verificar a qualidade de vida em termos socioeconômicos destas famílias emigradas para o entorno do meio urbano em contraste com o padrão vigente no interior da Terra Indígena.

Foi possível notar, que o povo Tenetehara localizado em torno da cidade de Grajaú, possuem acesso aos mesmos programas que os demais localizados na Zona rural, todos tem acesso à educação diferenciada, ou seja, uma educação que respeita a cultura e que visa a valorização e transmissão dos costumes aos alunos, e acesso a saúde, através da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Em relação à educação, tanto nas aldeias Bacurizinho, Ipú e Morro Branco, possuem até o ensino médio, com exceção da aldeia Boa Esperança que não possui ainda uma estrutura adequada para receber aos anos correspondentes ao fundamental maior e ao médio, nessa ocasião a aldeia Morro Branco, localizada próxima à aldeia Boa Esperança, pode receber os Tenetehara que desejarem cursar esse nível de estudo.

Porém, observa-se que a maioria dos pais preferem matricular os seus filhos em escolas onde o ensino não leva em consideração os costumes Tenetehara do que dentro da própria comunidade, alguns alegam que as escolas na cidade têm uma melhor educação do que nas aldeias, isso acaba resultando na influência sobre a cultura indígena, o principal elemento Tenetehara afetado em meio a essa situação, é a língua Ze'egete. Já em relação à saúde, nota-se um grande esforço por parte dos profissionais desta área, por respeitar os costumes, a maioria dos motoristas que atuam no transporte da saúde, assim como os técnicos e enfermeiros, são indígenas, além do mais vale ressaltar que estes profissionais, têm um bom diálogo com os pajés, que atuam como curandeiros através de ervas medicinais e rezas, o que contribui para a preservação cultural dos Tenetehara.

Não se pode negar que apesar de inúmeras influências que os Tenetehara sofrem sobre a sua cultura, estes lutam e resistem das mais diversas formas, através da arte, das músicas, das festividades e da língua, além do mais a tecnologia que para muitos poderia ser um fator influenciador, torna-se também uma importante ferramenta de divulgação do seu modo de vida, não é tão difícil encontrar indígenas pelas redes sociais, buscando apresentar a sua cultura àqueles que ainda não conhecem. De fato os Tenetehara ocupam lugar de destaque na luta pela preservação cultural, além do mais, superaram expectativas, pois de acordo com Wagley e Galvão (1955) o processo de transformação dos Tenetehara em caboclos estava em vias de se completar, o que aconteceria no espaço de uma geração ou pouco mais, de lá pra cá, 67 anos se passaram e o povo Tenetehara permanece de pé.

Foram essas discussões e contribuições que este trabalho visou desenvolver, não poderia deixar de salientar que algumas limitações foram apresentadas, resalto aqui a mais importante, a inexistência de anciões detentores do conhecimento sobre as questões abordadas na pesquisa. A maioria dos que conheciam detalhadamente parte da história do povo Tenetehara e essa transição cultural, já faleceram. Tenho certeza de que se desenvolvida fosse, essa pesquisa no tempo em que estes viviam, esse trabalho de campo seria mais detalhado. Ao desenvolver essa pesquisa concordo com Limberti (2009) em "Discurso Indígena: Aculturação e Polifonia" ao dizer que toda exposição à cultura não indígena, possibilita que estes sofram alteração em sua identidade, perdendo características que, num conjunto, realizam o reconhecimento de sua individualidade, além disso, ganham outros elementos que, isolados e opostos, neutralizam o real sentido de seus traços distintivos. Esse confronto cultural apresenta um novo mundo com sentido totalmente diverso e que se opõe ao deles, o que permite alterar seus valores de ordem existencial e estética, tornando às vezes ridículo o que era sagrado, vergonha o que era orgulho e sobrevida o que era vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rianne Souza. “**Estudando a Cultura**” Educação escolar indígena: Escola Tatakti Kyikatêjê. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais Araguaia Tocantins, Campus Universitário de Marabá, Universidade Federal do Pará, Marabá, 2010. Disponível em: <https://facsat.unifesspa.edu.br/images/TCC/tcc-Riane-final.pdf> Acesso em: 04 Mar. 2022.

ASSIS, Cássia Lobão, NEPOMUCENO, Cristiane Maria, **Processos culturais: endoculturação e aculturação**, Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. – (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD) 236 p.

AZEVEDO, Marta Maria; PAGLIARO, Heloísa; SANTOS, Ricardo Ventura, comps. **Demografia dos Povos Indígenas no Brasil: um panorama crítico**. In: Demografia dos povos indígenas no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 11-32. Saúde dos Povos Indígenas collection. ISBN: 978-85-7541-254-1. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575412541.0002>. Acesso em: 10 Fev. 2022.

BANGOLIN, Darni Pillar, **O indígena na república velha: as instituições de “proteção” no Rio Grande do Sul**, Passo Fundo, Dezembro, 2009.

BARBOZA, Tereza Maracaipe, **Língua guajajara: Um estudo dos fenômenos linguísticos induzidos pelo contato com o português**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres – MT 2015. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Tereza-Maracaipe-Barboza.pdf> Acesso em: 04 Mar. 2022.

BORIS, Fausto, **história do brasil**, Edusp 1996.

BUENO, Eduardo, **A Viagem do Descobrimento; A verdadeira história da expedição de Cabral**, Objetiva, Rio de Janeiro – RJ, 1998.

CÁSSIA, NEPOMUCENO, **Estudos contemporâneos de cultura**. – Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. – (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD) 236 p.

COELHO, T. Dicionário crítico de política cultural. 3. ed. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 2004.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro, **Índios no Brasil: História, direitos e cidadania**, editora claro enigma Rua São Lázaro, 233 01103-020—São Paulo, 2012.

DIAS, Luciana de Oliveira *et al* - TERRITÓRIO GAVIÃO DO MARANHÃO. **Articulando e Construindo Saberes**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2017. DOI: 10.5216/racs.v2i1.49012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/49012>. Acesso em: 4 mar. 2022.

FERREIRA, Maria. História da República no Brasil: República Velha e Marco Inicial do período republicano. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/09/19/republica-velha-e-marco-inicial-do-periodo-republicano-no-brasil>. Acesso em: 22 Abr. 2021.

GARCIA, Úira Felipe, **Karawara a caça e o mundo dos Awá Guaja**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-26072011-145355/publico/2010_UiraFelippeGarcia.pdf Acesso em: 04 Mar. 2022.

GOMES, Mércio Pereira, **O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. ISBN 85.326.2623-8

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça, Rio de Janeiro 2012.

LARAIA, R.B. Cultura – **um conceito antropológico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco, **DISCURSO INDÍGENA: ACULTURAÇÃO E POLIFONIA**, Editora UFGD DOURADOS-MS, 2009.

LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor, **O mundo da horticultura Ka’apor**: práticas, representações e as suas transformações, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 1, p. 133-158, jan – abr, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222016000100008>.

LUCIANO, Gersem dos Santos, **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje, Coleção Educação para Todos, Brasília, novembro de 2006.

MARQUES, Arkley Bandeira, **Os Tupis na Ilha de São Luís - Maranhão**: Fontes Históricas e a Pesquisa Arqueológica, História Unicap, n. 3, jan./jun. de 2015. 2 v.

NASCIMENTO, L. A. S. Dispersão, Coalescência e Etnicidade: trajetórias e territorialidades de um grupo timbira. Equatorial – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, n. 9, p. 176-205, 31 dez. 2018. 5 v.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo: Unesp, 1998.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne; BARTH, Fredrik; **Teorias da Etnicidade**; Grupos Étnicos e suas Fronteiras, Fundação Editora da UNESP (FEU) São Paulo-SP, 1997.

REZENDE, Hélio Passos; BALTAZAR, Ana Paula, **DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS E INTERCULTURALIDADE DO POVO GAVIÃO KYIKATÊJÊ**: A urbanização como causa. 2018, São Luís. **Anais** [...]. IV Seminário do Programa de Pós-Graduação em

Desenvolvimento Socioespacial e Regional e I Congresso Internacional de Desenvolvimento Regional: Metropolização do Espaço e Direito à Cidade. São Luís, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2018. Disponível em: https://www.ppdsr.uema.br/wp-content/uploads/2016/01/Ebook_sumario-3-1.pdf Acesso em: 04 Mar. 2022.

RIBEIRO, Djamila, **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 04 fev. 2022

SANTANA, Renato, Kum’tum Gamela: A retirada do arame tem sido compreendida como um ato de libertação da terra, **Jornal Porantim em defesa da causa indígena**, Brasília-DF, Maio 2017. Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Porantim-395_mai-2017. Acessado em: 12 Mar. 2022.

SANTOS, Silvio Matheus Alves, O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios, São Paulo: PLURAL, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**.1, 2017. 24 v.

SANTOS, Rafael José; BARRETTO, Margarita, **Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação**: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo, Turismo em Análise, v. 17, n. 2, p. 244-261 , novembro 2006.

SILVA, Daniel Neves. "**O que é genocídio?**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-genocidio.htm>. Acesso em: 12 Abr. 2021.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira; **OS CURSOS DE MAGISTÉRIO INDÍGENA DO ESTADO DO MARANHÃO E AS IMPLICAÇÕES NAS FORMAÇÕES DOS PROFESSORES KRIKATI NUMA PERSPECTIVA ESPECÍFICA E DIFERENCIADA**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís – MA, 2012. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/216/1/DISSERTACAO%20ILMA.pdf> Acesso em: 04 Mar. 2022.

SOUZA, Almir Antonio, A Lei de Terras no Brasil Império e os índios do Planalto Meridional: **a luta política e diplomática do Kaingang Vitorino Condá (1845-1870)**, Revista Brasileira de História. São Paulo, 2015, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472015v35n70007> Acesso em: 10 Fev. 2022.

SOUZA, João Henrique Santos, **Morfossintaxe verbal das variedades Timbira faladas pelos povos Gavião do Pará e do Maranhão**, Polifonia, Cuiabá-MT, n.48, p. 01 a 223, out.-dez., 2020. 27 v.

THOFEHRN, Hans Augusto, **Determinação da intencionalidade, propósito e percurso da viagem de Pedro Álvares de Gouveia (Cabral) ao Brasil pelo método cartográfico**, Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, 1957.

TYLOR, Edward B. **Primitive Culture**. Londres: John Murray, 1920.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.

VARGA, István van Deursen, **A CABEÇA BRANCA DA HIDRA, E SEUS PÂNTANOS: SUBSÍDIOS PARA NOVAS PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS E CAMPONESAS NA AMAZÔNIA MARANHENSE**, rev. hist. (São Paulo), n.178, a 07217, Universidade Federal do Maranhão São Luís – Maranhão – Brasil, 2019.

WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. **Os índios Tenetehara: Uma cultura em transição**. 1955.

WILL, Karhen Lola Porfirio, **Genocídio Indígena no Brasil**, Coimbra, 2014.

Idioma do Brasil. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/idioma-do-brasil>. Acesso em: 13 Abr. 2021.

(CIMI), Conselho Indigenista Missionário. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/11/nota-do-cimi-sobre-o-exterminio-programado-dos-povos-isolados-ao-menos-21-terras-indigenas-estao-invadidas/>. Acesso em: 09 Jul. 2021.

Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%C3%A3o%3F. Acesso em: 09 Jul. 2021.

ENTREVISTAS

GUAJAJARA, Denizar Ribeiro. Entrevista concedida a Taywan Morais Clemente Guajajara. Grajaú, 15 de fevereiro de 2022.

GUAJAJARA, Francisco Rodrigues. Entrevista concedida a Taywan Morais Clemente Guajajara. Grajaú-MA, 13 de fevereiro de 2022.

GUAJAJARA, Genésio Lopez. Entrevista concedida a Taywan Morais Clemente Guajajara. Grajaú, 15 de fevereiro de 2022.

GUAJAJARA, Marciliano Clemente. Entrevista concedida a Taywan Morais Clemente Guajajara. Grajaú-MA, 12 de fevereiro de 2022.

GUAJAJARA, Maruzan Júnior Kamora'i. Entrevista concedida a Taywan Morais Clemente Guajajara. Grajaú-MA, 11 de Fevereiro de 2022.

LOPES, Iara Maria Marizê. Entrevista concedida a Taywan Morais Clemente Guajajara. Grajaú-MA, 03 de março de 2022.

ANEXOS:

Anexo I: Relatório.

Anexo II: Figuras

Anexo III: Caderno de Questões.

Anexo IV: Links para acessar áudios das entrevistas no Google Drive.

Anexo V: Transcrição das entrevistas.

Anexo VI: Termos de Consentimento.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE GRAJAÚ
CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS HUMANAS- GEOGRAFIA**

Relatório de pesquisa

O presente relatório está relacionado às atividades de entrevistas que foram desenvolvidas durante a pesquisa de campo nas aldeias, Morro Branco, Boa Esperança, Bacurizinho e Ipú. Vale ressaltar que neste breve relatório contém, os dias, horários, meses, ano, nomes dos entrevistados e locais de entrevista.

No dia 11 de Fevereiro de 2022, por volta das 20:28 horas, foi entrevistado o jovem Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara, membro da aldeia Bacurizinho e acadêmico de Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA). A entrevista ocorreu na casa da Professora Maristelandia Feitosa de Moraes, localizada no Bairro Expoagra, Grajaú-MA. Na ocasião foi informado o motivo da entrevista, Maruzan Guajajara se prontificou para ser entrevistado e de forma espontânea e com êxito respondeu a todos os questionários. Os materiais utilizados durante a entrevista foram: celular, tanto para a gravação de áudio como para registro fotográfico, caderno de questões ao qual poderá ser verificado nos anexos desse trabalho, caneta e caderno. A entrevista encerrou-se às 21:21:13 horas do mesmo dia.

No dia 12 de fevereiro de 2022, às 10:13:02 horas da manhã, foi entrevistado o Cacique da aldeia Morro Branco, Marciliano Clemente Guajajara, a entrevista ocorreu na sua residência localizada na aldeia. A aldeia faz parte do Município de Grajaú-MA. Na ocasião o entrevistado foi informado sobre o motivo da entrevista, o Cacique se dispôs de a colaborar para o sucesso da entrevista, o mesmo com êxito respondeu a todas as perguntas. Os materiais utilizados durante a entrevista foram: celular, tanto para a gravação de áudio como para registro fotográfico, caderno de questões ao qual poderá ser verificado nos anexos desse trabalho, caneta e caderno. A entrevista encerrou-se às 10:34:20 horas do mesmo dia.

No dia 13 de fevereiro de 2022, às 14:30:37 da tarde, foi entrevistado o Cacique da aldeia Boa Esperança, Francisco Rodrigues Guajajara, a entrevista ocorreu na sua residência localizada na aldeia Boa Esperança, município de Grajaú-MA. Na ocasião o entrevistado foi informado sobre o motivo da entrevista, o Cacique se dispôs de forma a contribuir para o sucesso da entrevista, o mesmo com êxito respondeu a todos os questionários. O Cacique respondeu todas as perguntas em Ze'egete, língua do povo Guajajara. Os materiais utilizados durante a entrevista foram: celular, tanto para a gravação de áudio como para registro fotográfico, caderno de questões ao qual poderá ser verificado nos anexos desse trabalho, caneta e caderno. A entrevista se encerrou às 14:51:07 horas do mesmo dia.

No dia 15 de fevereiro de 2022, 09:13:21, foi entrevistado o Cacique da aldeia Ipú, Genésio Lopez Guajajara, a entrevista ocorreu na sua residência localizada na aldeia Ipú à 26 quilômetros da cidade de Grajaú-MA. Na ocasião o entrevistado foi informado sobre o motivo da entrevista. Depois de informado, o Cacique se disponibilizou a colaborar para o sucesso da pesquisa, o mesmo respondeu a todas as questões. Os materiais utilizados durante a entrevista foram: celular, tanto para a gravação de áudio como para registro fotográfico, caderno de questões ao qual poderá ser verificado nos anexos desse trabalho, caneta e caderno. A entrevista encerrou-se às 09:43:41 horas do mesmo dia.

Na mesma data da entrevista do Cacique Genésio, foi entrevistado também o ancião Denizar Ribeiro Guajajara, membro da aldeia Bacurizinho, a entrevista com este foi o mais informal possível para que o mesmo pudesse ficar a vontade, sem a presença de cadernos ou canetas para a anotação, apenas com áudio gravador do celular, apesar da idade avançada e estar enfermo, de forma espontânea o mesmo foi falando sobre o povo Tenetehara, às vezes falava sobre as festas, e sobre a vida no passado antes de ficar doente. A entrevista teve início às 12:10:06 horas do dia 15 de fevereiro de 2022 e encerrou-se às 12:45:27 horas.

No dia 03 de março de 2022, às 16:04:01, foi entrevistada a Cacique da aldeia Bacurizinho, Yara Maria Marizê Lopes, a entrevista ocorreu na residência da sua irmã Maria Jaidê Marizê Lopes, localizada na aldeia Bacurizinho à 24 quilômetros da cidade de Grajaú-MA. Na ocasião a entrevistado foi informada sobre o motivo da entrevista. Após informada, a Cacique se disponibilizou a colaborar para o sucesso da pesquisa, a mesma respondeu todas as questões. Os materiais utilizados durante a entrevista foram: celular, tanto para a gravação de áudio como para registro fotográfico, caderno de questões ao qual poderá ser verificado nos anexos desse trabalho, caneta e caderno. A entrevista encerrou-se às 16:31:45 horas do mesmo dia

Figuras

Figura 1 - Taywan e Maruzan Guajajara



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2 – Taywan, Cacique Marciliano Guajajara e sua esposa Rosangela Guajajara



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3 – Taywan e o Cacique Francisco Guajajara



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 4 – Taywan, Cacique Genésio Guajajara e um de seus sobrinhos.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 5 – Denizar Guajajara no lado esquerdo e seu irmão Valdir Guajajara ao lado direito



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6 – Taywan e a Cacique Iara Lopes



Fonte: Arquivo Pessoal



CADERNO (1)

O caderno (1) contém questões direcionadas para as aldeias que se encontram às margens da cidade de Grajaú-Ma, ou seja, aldeias Morro Branco e Boa Esperança.

1º Quais foram os motivos que levaram os indígenas Teneteharas/Guajajaras que hoje habitam nessa terra, a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

2º Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas/Guajajaras, ou são poucos que ainda acreditam? Se for não, por quê?

3º As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

4º A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

5º Quais são os hábitos agora adquiridos, quais são as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade?



CADERNO (2)

O caderno (2) contém questões direcionadas para as aldeias que se encontram em regiões mais remotas da cidade de Grajaú-Ma, ou seja, aldeias Bacurizinho e Ipú, ambas localizadas às margens do rio Mearim.

1º Quais são os motivos que levam os Teneteharas/Guajajaras a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

2º Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas, ou são poucos que ainda acreditam?

3º As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

4º A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles que não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

5º No seu ponto de vista quais são os hábitos que os Teneteharas vem adquirindo, que não faziam parte da cultura? Quais são as influências mais presentes mesmo estando distantes da cidade?

Links dos áudios das Entrevistas:

Aldeia Morro Branco:

Entrevista com Marciliano Clemente Guajajara, Cacique da aldeia Morro Branco:
https://drive.google.com/drive/folders/1k9XH8zoFqeB7-b30j_rh41WVx7eQzB62?usp=sharing

Aldeia Boa Esperança:

Entrevista com Francisco Rodrigues Guajajara, Cacique da aldeia Boa Esperança:
<https://drive.google.com/drive/folders/1AeKyiUtELIsR4vfkxGHG-hr50yDySoI3?usp=sharing>

Aldeia Bacurizinho:

Entrevista com Denizar Ribeiro Guajajara, ancião da aldeia Bacurizinho:
<https://drive.google.com/drive/folders/1Wbsy1vCZbtdvijxtHfy8mnd-Q0pZWo1U?usp=sharing>

Entrevista com Yara Maria Marizê Lopes, Cacique da aldeia Bacurizinho:
<https://drive.google.com/drive/folders/1944kOqfhIxuy9dGtYNbK7Mq6FRZHFfaKZ?usp=sharing>

Entrevista com Maruzan Júnior Kamora'i Guajajara:
https://drive.google.com/drive/folders/1PXWY9IDKRjQuGok8ZVZcvwJBjLro3sZ_?usp=sharing

Aldeia Ipú:

Entrevista com Genésio Lopez Guajajara, Cacique da aldeia Ipú:
<https://drive.google.com/drive/folders/1eMdOdyqX68fjjUk8CT8STAn0FL5JUJ-O?usp=sharing>

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO.

Quais foram os motivos que levaram os indígenas Teneteharas/Guajajaras que hoje habitam nessa terra, a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

1º Marciliano

O meu nome é Marciliano é Cacique da Aldeia Morro Branco. É bom, eu quero falar um pouco né, sobre a vinda de a vinda de vários indígenas né, vários Guajajaras né, de outras terras pro Morro Branco, era alguns deles tiveram uma visão né, o foco deles eram trazer os seus filhos para perto da cidade para que os filhos cresciam nas escolas e tivesse melhoria né na educação e na saúde, então a vinda desses Guajajara foi nesse sentido aí de alguns parentes que vieram aqui para a Terra Indígena Morro Branco. Então na vinda deles encontraram também outras situações né que hoje alguns não tiveram aproveitamento alguns tiveram né com seus filhos, com os seus filhos hoje formado nas faculdade, alguns fizeram terminaram seus é pedagogia magistério, também vários já, já estão trabalhando nos órgãos público né, no estadual e municipal e alguns também tiveram também trabalhando nas empresas na cidade, e alguns, alguns, alguns não tiveram proveito, muito já, já morreram né, no alcoolismo droga e muitas coisas que não tiveram proveito, e eles acabaram se perdendo, então é isso nessa vinda desses Guajajara, desses parentes para cá para Terra Indígena Morro Branco. Alguns encontraram melhoria e alguns também encontraram dificuldade, então essas são as a minha, o meu ponto de vista né, que eu até hoje né convivo aqui no Morro Branco né como Cacique, aqui dentro da Terra Indígena Morro Branco existe várias aldeias são hoje são registrados uns 20 aldeias aqui dentro, e cada uma dessas aldeias tem indígena né preparado né, estudado na faculdade que eu falei na faculdade, alguns se perderam no sentido de coisas ruim né então é isso.

Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas/Guajajaras, ou são poucos que ainda acreditam? Se for não, por quê?

2º Marciliano

Bom dia mais uma vez né, vou falar um pouco sobre cultura né, bom muitos é muitos ainda acreditam sobre existência né de Maíra e sobre também ka'a Izar Ywara, então por isso que muitas vezes nós ainda da Terra Indígena Morro Branco a gente ainda prevalece com essa nossa cultura, a gente realiza, ainda que os mais velhos né, nossos anciões eles, muitos deles já faleceram, mas eles deixaram para a gente essa história viva no meio da nossa comunidade, então isso é uma cultura que Deus né deixou para gente, então por isso que nós devemos valorizar por ela, então é isso, mas nós não deixamos também de acreditar em Deus, nós também acreditamos em Deus e que Deus é dono de tudo né, então é isso e é isso essa a resposta né dessa dessa pergunta. Mesmo tendo outras religiões acredita ainda.

As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

3º Marciliano

Bom, as nossas festas tradicionais são mantido e sempre será mantido, a não ser né próximo geração né, não terá não terá mais essa essa incentivação né motivação para para não ter mais né, mas nós enquanto nós né como caciques e lideranças tiver aqui na Terra Indígena Morro Branco, nós vamos ter que realizar as festas tradicionais como no caso o que é bem frequente na nossa Terra Indígena Morro Branco que é festa do moqueado que a gente faz né, e vai prevalecer, e segunda festa a festa dos rapazes também que a gente começou também resgatar, e é isso, e nós vamos nós vamos continuar com nossa nossa festa cultural que é a festa do moqueado, que é festa da menina moça. Mesmo Perto da cidade a gente realiza nossa nossa festa cultural e até mesmo para divulgar né para que a sociedade branco também é reconheçam a nossa cultura né, que é que ainda viva e forte. Apesar de que tá dentro da cidade mas a gente ainda realiza né a nossa festa tradicional isso é muito bom outra questão né apesar de algum lado né tem alguns parentes que não querem mais realizar, mas a gente ainda aqui no Morro Branco que a gente realiza.

A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

4º Marciliano

Respondendo essa quarta pergunta, aqui na Terra Indígena Morro Branco a gente ainda fala a língua Tenetehara né, algumas famílias né, a gente, algumas família não fala principalmente as crianças né, que os seus pais e suas mães moram dentro da cidade aí é o motivo né dele ter perdido né uma parte dessa dessas falas, mas os que convivem dentro da Terra indígena Morro Branco fala e tem um tem alguns também que já, já estão tentando assim falar português não querem mais falar a língua Tenetehara, mas maioria falam a língua Tenetehara.

A gente observa né que alguns tem interesse né que os seus filhos aprenda também né trazendo os seus filhos para Terra Indígena Morro Branco né, e para ter influência com algumas crianças da Aldeia para tentar aprender e também a escola também a escola né juntamente com professor bilíngue também ele também tenta ensinar e essas crianças que perderam a língua voltar a falar, essa parte aí a gente já, já observamos e eu observei essa parte aí.

Quais são os hábitos agora adquiridos, quais são as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade?

5º Marciliano

Bom, então os parentes que vieram de outras terras né, que vieram com um foco né de trazer seus filhos para escola para uma vida melhor, então em primeiro primeiro lugar um deles aprenderam né se formaram, então isso foi um ato bom né, alguns é constituíram também suas famílias né que vieram, alguns encontraram trabalho serviço na sociedade branca em Grajaú,

por outra parte alguns encontraram a dificuldade, então essa parte é muito mais complicado né, uma parte que os parentes vieram com foco com um foco de melhoria e acabaram também encontrando outra dificuldade né uma parte muito complicado para eles né, porque eles encontraram outra cultura né que vem no caso é cultura das festas, encontraram outra cultura aqui no caso é alcoolismo e encontraram também outra cultura que é droga né, que lá na onde eles conviviam não existiam e as e as índias né que vieram também com a fim de aprender algo algo melhor também acabaram se encontrando com a prostituição, e alguns jovens também que vieram para aprender alguma coisa também aprenderam outra cultura aqui no caso é droga alcoolismo e e até mesmo vandalismo né que no caso é roubo se influenciando junto com alguns malas né, que quer da rua então tudo isso nos trouxe um problema para nossa Terra Indígena Morro Branco, e e essa foram perdendo a cultura e muitos deles não vivem mais hoje e muitos deles já, já morreram por causa dessas, dessas dessa vandalismo né, que aprenderam fora, fora do nossa cultura.

Quais foram os motivos que levaram os indígenas Teneteharas/Guajajaras que hoje habitam nessa terra, a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

1º Cacique Francisco

Arezur k àn no Ipú, arezur k tua'u hupi, tua'u purahu a'e wi, arezur a'e haikweromo no, te kutàry. Uiko herazyr a'e Professora a'e a'r mehe no Ipú pe no, heri'irmo no, herazyperomo no, discutiwer a'e a'r mehe, azur a'e or mehe xe kury, ni aixe na pita gaw rehe, àn zeapyr a'e ora mehe xe. Pita xe, i'i Joana ihewe, azekaiw penehe xe. Upiro k herazyr, ipo arer rehe emprego, próprio heri'ir. Pra nun ta discutindo, a'i pe hemyriko pe, zaha pa minha véa, azur k xe kury, apita xe kutàry kury.

Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas/Guajajaras, ou são poucos que ainda acreditam? Se for não, por quê?

2º Cacique Francisco

Heta acreditawe vi ma'a rehe pa, ta'e ikatu ma'e vi à, heta hamete ka'a izar à, Y pe har à, Y izar rehe no, ka'a izar rehe xe, Kaipora nehe tuwe, a'e izar rehe, akwaw nezewe kwehe awer, kwehe mehe azur xe, aze taw pe ncredita kwawy, heta ka'a pe acredita nezewe rehe, ta'e acreditawe vi nungar, kakwez nuzeruzarwer vi nungar rehe xe, katu a'e rupi no, aceita nezewe haw. Teko piahu kwer nu kwaw kwa vi nungar ma'a rehe kury.

As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

3º Cacique Francisco

Heta no pa, uzapo zengar xe, como akwez a'r mehe, zero'ohaw à, zangar haw uzapo ureiko, kuzangwer zemono'og màràn xe wà no, uzapotawi no, um ano mehe, aze nu dá gwa zapo ko ano rehe, zapo ta mo ano rehe, aperriado ko mahy nehe, nezewehaw maki'ir xe taw pw ereiko no, ka'a pe keromo ma'a uzuka wi no, aze hata kwa ka'a pe xe, katu uzuka àn pe no ipu katu zukahaw no, final de semana rehe, sábado, domingo no. Precisar ze'egte purumu'ehaw à, professora aixe zane zepe.

A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

4º Cacique Francisco

Kwaharer uiko xe taw pe, uzekaiw katu português ze'egete rehe kury, uzekaiwe ko nehe no, karaiw iapohaw kower wà, xo karaiw ze'eg uzapo rehe kury karaiw ze'eg rupi, [...] Pemu'e ze'egte, pape mugetahaw [...] Nuze'egte wer ihy izupe kury, karaiw uzeapo ihy ipe kury.

Quais são os hábitos agora adquiridos, quais são as influências mais presentes após se estabelecerem perto da cidade?

5º Cacique Francisco

Ko xe no, xe taw pe, mareko ko wà no, amo mareko carvoeira, amogwer mareko xe taw pe, pe zeapyr wà, prefeito wapyr wà, tamutarer pixik ganhar haw, (inaudível) heta amo recebe bolsa família, heta no, pouco, ma heta, heta aposentado amo wà no, amogwer napusenta kwawy, heta Tenetehar nuzapower kwaw karaiw à, não sei piahu kwer se uzapower karaiw rehe. Areclamar vi ma'e no pa, uwe'u demais, pitimu rehe kury, piahu no numa'e kwaw vi ma'e rehe, amogwer oho haikwezromo aze uwexak zeapo har, uzemu'e nezewe haw. Zimini'ar mehe xe, uzapo zengarhaw, aze nuheta zangar ma'e wà mukuzar karaiw pinik rehe. [...] trapalhar gwa irmão, katu a'e hamete xe, Tupan mume'u haw purupe xe, amogwer teko piahu nohower kwaw a'e pe, ureru pinape nu multe kwaw, quando heta karaiw zemarazhaw no mitai pixik teko a'e or mehe.

1º Quais são os motivos que levam os Teneteharas/Guajajaras a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

1º Maruzan

Olha, no meu humilde conhecimento né, relacionado a isso, a gente que vive o dia a dia, a gente acaba analisando com decorrer do tempo pra necessidade e precariedade que existe né dentro da comunidade, porque é bem distante primeiro porque a distancia dificulta a gente ter acesso a informações ao próprio conhecimento da gente ao desenvolvimento né nosso como povo, como sociedade né, porque a gente sabe da dificuldade que existe né, para quem vive dentro da comunidade, então assim a necessidade ela fez com que a gente fizesse isso aí buscasse uma melhoria para o nosso povo, e através disso é que a gente começa a buscar né, de que forma que a gente poderia buscar uma melhoria pro nosso povo, a gente não viu outro meio a não ser nos deslocarmos da nossa comunidade, sair da nossa aldeia em busca de novidade, em busca de conhecimento em busca de melhoria, né, então é na história, até na época da educação mesmo, a gente tira muito isso, na época que foi trago a primeira parte da educação pela Funai, só existe existia ali até o primário né, e a partir dali não existia mais outro grau de ensino o que foi que os parentes começaram a fazer começaram a se deslocar da aldeia para a cidade de Grajaú, mas só quando eles vinham de lá pra cá, eles não tinham onde ficar , ficavam muitas vezes na casa de um conhecido, ou então era na casa de alguém, a pessoa morava de favor, na casa de um de outro né, então aquilo dali, fez com que os indígenas né, as lideranças na época, repensassem um modo para esses parentes que estavam se deslocando em busca de um conhecimento com grau maior, e pensando nisso foi que surgiu a ideia né, da do Morro Branco, porque o Morro Branco em si, não era para ser um território para ser Aldeia habitado, pra ser aldeia, na verdade ali, era pra ser uma referência dos estudantes, e aí a partir daí começam a vir né, migrar né, parentes que estavam mudando do grau de conhecimento né e vieram em busca de um grau de conhecimento maior, mas o intuito mesmo era buscar esse conhecimento e retornar para comunidade, para levar conhecimento melhoria né, em busca de de uma economia melhor em busca de um de uma organização melhor de como que o nosso povo poderia ter uma autonomia, de como que nós poderíamos desenvolver atividade sustentável para o nosso povo então assim para gente buscar isso aí só através de conhecimento, então uma das um dos fatores que causa a gente a migrar para próxima da cidade, é isso aí, é a própria necessidade de do conhecimento mesmo, porque lá dentro há uma precariedade a gente sabe que o grau de ensino dentro da comunidade não é um nível que tá para quem mora perto da cidade, é um dos fatores isso aí. Mas assim, também questões de conflito a gente sabe que há, né, questões de conflito que acabam causando isso aí, né também a migração dos parentes para próximo da cidade porque eles acreditam que aqui há um certo tipo de refúgio, né, no meio desse povo aonde vai estar distante né, e aqui eles acreditam também que há uma vida melhor né porque aqui se tem com facilidade de acesso à informação acesso ao mercado, acesso ao produto que já vem pronto, enquanto a gente tá lá na aldeia né, tem que produzir, tem que trabalhar, tem que fazer, e mas só que assim, ao meu ponto de vista eu vejo isso como uma ilusão, porque veja bem porque pra gente tá morando a margem de uma cidade você tem que ter preparado, você tem que ter que estar preparado para o mercado de trabalho, aqui não é simplesmente chegar alguém vai me emprestar algo, como é na aldeia, na aldeia a gente tem essa parceria né, bem antes era mais forte nessa essa coletividade e aqui não, existe predomina eu diria que o individualismo, cada família cuida de da sua né trabalha para sustentar sua família enquanto que na aldeia a gente tinha essa forma de organização coletiva, aonde quando a gente ia pro mato matar uma casa, quando chegava tinha aquela sensibilidade de dividir para toda a comunidade né, e já

aqui é diferente, aqui você trabalha na cidade, você trabalha você vive para sustentar sua família, você não vai tirar da boca do o seu filho pra dá pro seu vizinho ali, para aquele que tá no outro bairro não sei aonde que muitas vezes você nem tem contato, então aqui o comportamento já é muito diferente, então eu diria que a necessidade trouxe sim né, essa, essa parte, talvez uma parte dos parentes para vim para perto da cidade, eu acredito que uma certa ilusão em busca de uma vida melhor né, por isso que os parentes deslocam pra cá, e alguns realmente busca do conhecimento, mas com pensamento né com intuito de buscar esse conhecimento mais de levar de retornar para comunidade para quê que ali, haja uma melhora, que a gente possa desenvolver algo melhor é o que eu vejo né, no meu entendimento.

Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas, ou são poucos que ainda acreditam?

2º Maruzan

Olha, ao meu ver, eu acredito que tem sim, tem muita gente que ainda acredita, mas assim, se a gente for analisar hoje a de forma detalhada, a gente observa que é os mais velhos que mantém de forma mais forte isso aí, essa crença nessa que existe né esses espíritos que cuidam da gente, o que eu na minha concepção o que eu vejo que acabou aí de uma certa forma interrompendo essa crença dos mais jovens foi justamente a questão da presença de uma religião né, o catolicismo é o próprio eu não tenho muito conhecimento e nem autoridade pra falar sobre isso, não sei se seria evangelismo a questão da da crença evangélica né, que é um outro segmento né, de religião e isso a gente observa claramente que vem trazendo informações que acabam aí fazendo com que os parentes vão esquecendo a sua origem a sua crença porque nós Tentehar tem também, a crença nossa, né a gente tem as crenças a gente tem essa a história de como o teve o surgimento do povo Tentehar de como foi que teve a criação do mundo a gente tem a eu diria que a cosmovisão sobre de como surgiu né tudo isso aqui a criação do ser humano a criação dos animais de como Tentehar surgiu, mas ele teve interferência a partir do momento que a gente começa a ter contato com uma nova religião com novo pensamento com uma nova ideia, e aquilo dali um decorrer do tempo como hoje a gente já tá numa era moderna onde tem acesso à internet acesso a diversos meios de comunicação, muitos parente hoje da atualidade eles não valorizam mas essa nossa origem o nosso pensamento né a nossa ideia de como a gente existe de como foi a criação do mundo de como as águas tem dono de como ter toda aquela espiritualidade então acredita assim que tem sim muito parente que acreditam, eu mesmo sou exemplo disso, que ainda acredito nisso aí, né eu tenho a plena certeza que isso aí para mim existe né, eu respeito né, mas assim tem muitos jovens hoje que nem sequer história sabem de como foi que o que é Maíra, Y izar, Ka'a Izar, ele se a gente for hoje fazer uma roda de conversa, aí perguntar para os alunos se ele sabe para os parentes mais jovens se sabe de alguma forma ele como foi como é a história de Maíra, como é a história de dois irmãos né, Mucura'yr e Maíra'yr, eles não vão, vão ficar tudo perdido talvez vão saber um pouco disso um pouco daquilo, ou seja, aquilo dali por não saber por não ter conhecimento daquela história ou seja de sua origem, acaba desacreditando de muita coisa, né porque não presenciou mais aquilo na Era que era mais forte e aquilo dali

talvez não sei se por erro ou de alguma forma por por a gente também não se atentar né em buscar conhecer esse conhecimento com mais eu diria que, com mais vontade né, de buscar porque a gente deixa aí vocês mais velhos aí que tão indo partido a gente não tá mais tem essa sensibilidade talvez a coragem ou a força de vontade de ir buscar aquele conhecimento sobre a nossa origem, tem muitos jovens que não se atenta mais para isso e a nossa vitória ela vai se apagando dessa forma, e a gente Dessa era de hoje aí a gente vai se importando mais com que tá surgindo o hoje aqui o agora, não com o que veio o o antes, o que fez a gente ser o que a gente é hoje, é o que eu entendo sobre essa questão, eu não sei se tá alinhado com este questionamento, mas em questão disso é o que eu observo né, os mais velhos que hoje tem mais peso a geração nova tem um conhecimento, conhecimento sobre isso, mas a maioria a maioria tem um conhecimento muito raso, e que leva eles não a crer, eu diria que, de forma por inteira, eles acreditam mais assim, muito variado, ou seja eles tem que ter uma prova daquilo, ou seja, a crença mesmo é mais na do não indígena, que é o evangelho catolicismo em fim.

As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

3º Maruzan

Então, as festas tradicionais ainda são mantidas, né, eu acredito que as demais as mais frequentes aqui na nossa região é o que a gente observa e cresceu né vendo é aqui nessa região do Bacurizinho Morro Branco né foi a festa da menina moça, a festa do rapaz ainda é da teve né, uma época no Morro Branco que foi feita, mas não é tão praticar praticada quanto da menina moça né que a festa do da menina moça que é a Wyro'ohaw, como é chamado por nós, que é um rito de passagem da fase da menina para fase adulta né, daquela que já é da adolescência ali né para parte da Juventude para fase adulta é uma pessoa que já tá virando mulher então tem toda uma festividade que acontece né primeiro ciclo dessa festa lá em inicia quando a moça tem ali é o início nessa na primeira menarca dela onde ela tem essa primeira menstruação, e aonde acontece as primeiras etapas né a partir desse momento aí que ela faz essa primeira etapa que é de ficar ali 7 dias recluso né, ela tem toda um acompanhamento na questão do alimento né até mesmo das visitas ali né, o corpo dela é pintado de jenipapo, e a partir dali acontece todo acompanhamento pelos pais até o dia da festa do moqueado, que aonde vai fechar todo ciclo desse ritual né, e não é só de uma moça são várias moças que acontecem, geralmente o período dessa festa é no período de setembro, outubro. Porque nesse período? É o período que tá ali uma fatura de caça né, que é esse período do final do ano, então há uma preparação toda entre o período de agosto período de julho né, geralmente é esses períodos aí é que a gente vai né fazendo tudo na preparação para aquela festa ocorrer, então assim no nosso meio hoje nessa região, a festa mais praticada é a festa da menina moça, e ela tem todo esse sistema aí de preparação né geralmente a data é como eu falei é o mês de setembro né outubro que ocorre, é aonde tem toda ali aquela junção daquela, vai juntar toda aquelas moças ali que tiveram a sua primeira menstruação durante aquele período e quando chega aquele mês ali, que é para se fazer a festa né tem ali já uma aldeia que vai sediar né aquela festa, por exemplo se for lá na aldeia Bacurizinho ali ela vai sediar a festa na aldeia Bacurizinho, mas não quer dizer que só a moça da aldeia Bacurizinho que vai brincar né, pode

ser que venha a moça do Ipú, da Lagoa Comprida né até mesmo da região do Bananal do Cocal que são outras aldeias ali que não são da sede né que vão se fazer presente ali para fazer parte daquela festa ali. Ela se inicia geralmente 4:00 à 5:00 horas da tarde, essa festa né, tem toda uma preparação também antes, existe a questão da Caçada como eu falei quando essa caça chega tem cantoria, que é feito também para poder fazer né abençoar ali, aquela fartura de caça que chegou para alimentar aquele povo que está presente ali principalmente a moça que tão ali né. E aí existe toda uma norma que é seguida até o fim da festa tão assim tem toda uma questão de norma ali, de regra que a seguir tanto pelas mães pelas moças né, tem um corte de cabelo que é feio a postura que tem que ter a pintura corporal tem que existir, os materiais a plumagem que tem que ter né, até a vestimenta então assim há toda uma norma que é que existe ali antes daquela festas se iniciar, e quando se inicia durante esse horário de 04:00 à 05:00 horas, né que inicia-se o ciclo dessa festa né existe ali os cantores que se faz um presente ali no meio da aldeia né, como é iniciam a cantoria né e chamam as moças para se fazer presente né para para vir né para o meio da festa né por serem donas dessa festa elas tem todo um cuidado para se fazer presente naquele momento ali é por isso que as mães ficam dar todo tempo acompanhando né que é para ir auxiliando, olha não levanta a cabeça né, a curvatura das costas cuidado né tem toda ali uma preparação até feita ali para elas chegarem ali então existe a cantoria quando ela se fazem presente para o público ali o primeiro momento ela fica geralmente até 07:00 08:00 horas da noite, elas vão e já se recolhe né para descansar quando da ali seus horários de 04:00 04:30 05:00 horas elas retornam de novo para festa, porque a festa o ciclo da festa da sincera 06 :00 horas da manhã né, 06:00 horas da manhã ali acontece ali encerramento né daquela festa de moqueado, onde vai ter ali todo já uma preparação da de toda aquela caça que foi traga né pelos caçadores ali, já vai ser preparado ali um banquete naquele bolinho né que é para aquela moça que terminaram de fazer aquela festa que concluíram aquele ciclo da vida para que possam ali ofertar aos brincantes né ali também significa simboliza a fartura do nosso povo né simboliza também a formação de uma de uma criança né de uma jovem para fase adulta, ou seja, a partir da li aquela moça ela tá preparada para seguir uma outra fase da sua vida onde é a fase do acasalamento né dos filhos já é um ciclo de da fase adulta da vida dela por isso que acontece toda essa preparação todo esse cuidado nessa festa que é uma das festas mais importantes do nosso povo. Mas além dela existe a festa do mel existe a festa do rapaz a festa do milho, mas nessa região ela não é mais praticada né a festa do meu ela não é mais praticado por que ela é uma festa muito criteriosa cheio de normas né, não é todo mundo que sabe fazer essa festa, então nessa região os que sabiam uma boa parte já faleceram levaram consigo esse conhecimento e os jovens da época né dá uma se atentaram para aprender, né, por ter ser uma festa cheia de critério que tem toda uma regra que a pessoa tem que cumprir muitas vezes a pessoa não cumprir pode ter consequências para si mesmo ou para sua família por medo disso acontecer foram deixando a festa adormecer, eu não digo que ela acabou né, na minha concepção adormeceu porque em outras regiões ela ainda existe é praticado na Terra Indígena Araribóia uma festa que ainda é praticada, a festa do Mel ela ainda existe, mas é acompanhado por todos os anciões da Aldeia ficam ali auxiliando ficam ali acompanhando o início até o fim mas que tem todo com a norma que tem que ser seguida né, e não por outras regiões tem esse medo de refazer essa festa e de alguma forma fazer ali de forma errada sofrer as consequências por isso que ela não chegou mais acontecer nesse território aqui o

conhecimento que eu tenho sobre a última festa que teve na terra Indígena Bacurizinho foi no ano de 74 né, assim dizia o meu vô Alderico Lopes, que a última festa que teve no Bacurizinho da festa do mel foi em 74, estão assim, há muito tempos atrás que isso aconteceu a festa do mel do rapaz também já tem muito tempo que não ocorre mais, na Terra Indígena Bacurizinho, Mas como eu citei atrás, aqui no Morro Branco teve uma recente, eu não me recordo muito bem, um ano mas teve uma festa do rapaz aqui já em demais regiões é uma festa que eu diria que todo ano ainda é ainda praticado né, Araribóia, Pindaré, ainda é praticado ainda todos os anos e além dessa festa também existe a festa do Pajé que não é mais praticado que é uma bem antiga. A Festa do milho que também é uma festa do nosso povo né que não é mais praticado em todas as regiões é como eu tô falando essa essa falha talvez por essa geração nova de não ter esse atentado em buscar esse conhecimento para que o nosso povo viesse praticar isso até dos dias atuais, talvez foi o que fez adormecer demais regiões da nossa região foi isso, né, a festa até a festa do moqueado hoje lá ameaçada de adormecer na nossa região, porque se a gente for observar nos dias atuais os mestres dos grandes conhecedores dessa festa de como ela se inicia de como é praticada a maioria já se foi, né, já partiu desse mundo para um outro mundo né, então assim os que ficaram da nossa aldeia mesmo no Bacurizinho eu diria que tá talvez todos já se foram né o Manezinho já se foi o Kali já se foi, eu Namiau já se foi, fora, o Malaquias já se foi, então assim era uns mestres que faziam ali todo início, preparo, o encerramento porque tem todo o cronograma que é seguido de cantoria né de de horário o horário de início horário de encerramento todo esse conhecimento eles tinham e essa geração de hoje eu diria que eles têm um pouco desse conhecimento mas não de forma detalhada, e se a gente não tiver esse conhecimento de forma detalhada, a gente pode ter sim consequências negativas né, tanto para moça que tá ali naquele ritual quanto para família né, então pode sofrer sérias consequências é o resumo né que eu tenho sobre isso aí né, eu espero que eu possa ter ajudado um pouco sobre essa questão.

A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles que não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

4º Maruzan

Então eu acredito assim, que todo e qualquer conhecimento que a pessoa adquire né ao longo da vida até mesmo conhecimento sem ser diria que natural um conhecimento natural pode ser dizer, se você não chegar a praticar esse conhecimento você vai pode perder né aquilo dali pode mexer e você ficar ali ao leu sem saber como foi que você perdeu a sua origem o seu conhecimento a sua língua, então assim o que a gente observa hoje também em meio ao nosso povo eu levo isso para minha aldeia ali o Bacurizinho, o que eu vejo é isso né o grande contato com essa outra língua né o contato com essa tecnologia, o contato eu diria dos parentes mesmo de se acasalar com não indígenas causou também isso aí, esse impacto no nosso meio eu diria que a partir do momento que a gente se casa com uma não-indígenas se a gente não tiver cuidado o hábito de ensinar o filho a falar primeiro a nossa origem a nossa língua materna e a gente já começar a trabalhar com ele em cima de um português que é uma é uma segunda língua né que a gente utiliza, para em fim, para conviver né na sociedade tanto não indígena quanto no nosso meio Tentehar né, a gente acaba aqui deixando aquele nosso filho sem um conhecimento nosso originário né sem usar hábitos originários nosso, é o que

ocorre muito hoje na aldeia, olha a gente tem uma presença grande de não indígena hoje na aldeia que casam com as com as indígenas né, e os indígenas também que casam com as não indígenas. Nem todos se atentam para falar com seus filhos na língua materna que é Tentehar e acabam por praticar mais o português por causa do marido que não fala a língua e muitas vezes o marido acaba por falar mais o português por causa da esposa que não fala e aquilo dali a criança ela vai crescendo né, ouvindo aquele português aquela língua que vai crescendo naquele meio ali a pessoa vai observando é como português em si, por exemplo se você nasce aqui você a criança nasce aqui e é levado lá para ir para Espanha, Inglaterra, e o outro país você vai crescer aprendendo aquela língua que você tá ouvindo né ali os seus pais falar ou quem te criou para lá então no nosso meio também é da mesma forma né se a gente não tiver o hábito de ensinar para o filho desde criança né a língua materna nossa, a origem se a gente praticar mais a segunda língua que é o português a gente vai acabar fazendo que o nosso filho acabe aprendendo mais o português e muitas vezes não aprenda Mais o a língua materna que é o Tentehar, você já essa falta de prática que é um dos fatores a gente deixa de falar mais a língua materna e fala mais o português, e isso trouxe é um dos pontos que trouxe esse contato de religiões dentro da aldeia eu acredito que também é um fator porque causa muita presença né de não indígena dentro da área, e a forma com que aquelas pessoas vão ensinando os irmãos parentes que vão seguindo né aquele segmento ali de religião acabam muitas vezes ali também buscando mais aquilo dali praticando mais aquilo dali em outra língua porque nós temos né o meio hoje praticar através da língua materna mais muito prático mais na língua do português que talvez não sei se por achar mais facilidade acaba praticando mais por esse lado e aí acaba consumindo mais esse lado português né, que a gente pode ver até os dias atuais eu digo isso no meio do meus parentes mesmo Eu tenho um primo que não fala a língua materna né não fala de forma alguma não entende né porque primeiro não tiveram o convívio no nosso meio né, os pais se casaram com uma não-indígenas saíram da aldeia né, vieram morar na cidade então ali os filhos já não tem conhecimento nenhum já não já não tem um conhecimento sobre como ocorre uma festa sobre o nosso comportamento sobre a nossa crença, ou seja, eles não tem mais aquele habito que a gente tem que é a cultura em si né, do nosso povo, ele já começaram absorver uma cultura do não indígena né, dentro da dentro da sociedade indígena aqui na cidade cidade de Grajaú não tem Tem parentes tem eu tenho parentes que são assim e muitos que estão hoje na aldeia acabam tendo essa dificuldade por conta disso mesmo dessa presença forte de hoje, principalmente na geração de hoje a gente tem conhecimento de não indígenas que casaram né o nosso parente bem antes mas esses não-indígenas que casaram eu não talvez não todos mas talvez uma boa parte se esforçava em vez de viver com costume daquele povo, ou seja, buscaram aprender e a gente tem exemplos disso também de não-indígenas que aprenderam de fato né, a viver no meio do nosso povo aprenderam a língua materna do nosso povo mas foi com a convivência com a prática e nisso facilitou com que os filhos aprendesse de forma natural a língua materna e depois o português, a gente tem exemplo disso né, o exemplo da própria tia mesmo a Maristelandia é um exemplo disso, conviveu no meio de vocês não é indígena mas aprendeu a falar aprendeu a cultura né e ensinou, vou né ali a convivência de vocês aprenderam a falar. A Rosania é um exemplo disso que não é indígena, mas ela procurou meio de se adaptar de buscar ali aprender né mas os pais não se atentaram para os filhos porque os filhos dela tu sabe, se preocuparam mais consigo mesmo, eu acredito assim que essa falta de comunicação dos pais com os filhos

hoje é um exemplo disso se você não praticar isso aí até a gente que é fluente pode chegar a perder se a gente não praticar nossa língua materna, então se tem que estar todo tempo praticando, praticando né, e se a gente falar demais o português a gente acaba esquecendo de outras palavras e a presença do não indígena, é outro fator a religião né eu acredito que também influencia dentro da nossa comunidade, essa questão da interferência na língua e essa, essa, o deslocamento dos parentes para outros lugares outras regiões que tem muitos hoje saindo da comunidade vindo morar na cidade, daqui vai para outras regiões outros estados e muitas vezes não volta mais, ali a pessoa saiu da sua origem não retornou mais, mas os filhos que cresceram na cidade ou em outro lugar, não aprenderam mais e quando volta para comunidade já não sabe mais a sua língua materna né, eu acredito que é uma das situações também esse o deslocamento do nosso povo, e a falta, na verdade eu diria que engloba tudo a falta de prática né talvez eu diria que isso aí e esse contato acasalamento que o não indígena fez também uma tem também um ponto nisso aí, nessa questão tá da nossa língua hoje ser praticado mas assim eu acredito que uma boa parte lógico né, a gente tem ainda o nosso corpo ainda fala a língua muito bem, ainda é fluente, ainda é forte no nosso meio, mas a gente tá percebendo que a cada dia que passa o nosso povo ele vem sofrendo sim interferência na nossa língua, nossa cultura, por conta dessas, dessas presença mesmo, dessas questões né, evangelismo, até repartição dentro da nossa aldeia já tem né, ou seja tem um povo hoje que não se mistura com o povo que pratica a nossa cultura dentro da nossa aldeia né, e aquilo dali a gente já já nota como uma interferência forte já tem uma e divisão uma divisão de segmentos hoje dentro da aldeia que era uma coisa, que não existia né, hoje você não pinta mais o braço porque aquilo ali não condiz diz né com segmento disso aqui que a gente tá hoje, né, aquilo dali eles fazem é porque dá ou seja como se não fossemos mais da mesma no mesmo povo da mesma cultura. Então tudo isso eu acredito que vai causando interferência vai causando aí essa perda de língua materna de conhecimento tradicional do nosso povo né, eu vejo uma necessidade muito grande hoje dia de prática mesmo dos pais se atentarem para ensinar os filhos para que não se perca nossa língua materna. Claro que dá uma lida muito forte muito falado em nosso meio na nossa aldeia a gente praticar muito, mas hoje o português também tá forte no nosso meio o português hoje é muito utilizado né, a gente tem um contato muito grande hoje para tecnologia, eu acredito que esse contato também faz com que a gente, é outro fator que faz com que a gente vá perdendo essa prática da nossa língua materna dentro da aldeia essa saída nossa de dentro da aldeia para ir buscar um conhecimento lá em outro estado aonde a gente vai ter ali a maior parte do tempo da gente presente com um povo que não fala a sua língua materna, ou seja, você vai falar mais o português que você tá no meio deles ali e a língua materna acaba sendo utilizado poucas vezes muitas vezes quando vai ligar pro teu pai para tua mãe né, e aquilo dali com um tempo ele vai te causar dificuldade, por mais que tu não perceba, mas quando tu for chegar na aldeia e que tu for querer falar depois só na língua materna tu não vai conseguir, hoje em dia é o que mais tem, a interferência do português na língua materna a gente não consegue mais conversar só na língua materna a gente vai colocar o mais, porque eu acho né, a onde. Então assim a gente coloca não todo mas a gente coloca hoje uma palavrinha ou outra quando a gente tá conversando a língua materna, né, não é por todos tem muitos ainda que ainda leva a nossa língua materna mesmo só o Tentehar em si quando tá conversando, mas há uma grande interferência hoje nosso principalmente nessa nova geração é o que a gente mais observa.

No seu ponto de vista quais são os hábitos que os Teneteharas vem adquirindo, que não faziam parte da cultura? Quais são as influências mais presentes mesmo estando distantes da cidade?

5º Maruzan

É, durante esse tempo né a gente vem observando uma mudança grande no nosso meio, na questão comportamental como tu bem falou, na questão econômica em si, eu acredito que até mesmo na união, eu vejo que a gente hoje é um povo muito individualista, a gente não consegue mais ser coletivo, um exemplo disso que eu te dei a uns minutos atrás é na questão do próprio, por exemplo quando a gente antes a gente colocar saia para caçada, na aldeia, quando chegava mesmo que as demais casas o marido não tivesse ido caçar a gente tinha aquela consciência de alimentar cada um aquela aldeia, cada família, né, quando chegava as caças ali na aldeia, ou muitas vezes era eu só eu que ia caçar dependendo do tamanho da aldeia se tinha ali 10 ou 12 casas, eu tinha todo aquele cuidado de mandar um pedacinho para um, um pedacinho para outro, ou seja, alimentava toda aldeia né, quando um colocava a roça muitas vezes aquele que colocou a roça e o outro lá não colocou a roça, ele tinha todo o cuidado também para chamar o fulano ali para ir comigo para colher a roça para ele ganhar o dele também, ou seja, a gente tinha esse cuidado coletivo até trabalho de roça a gente fazer de forma coletiva, hoje é uma coisa muito rara em nosso meio, que é o trabalho coletivo é o que eu venho observando a gente trouxe muito isso do não indígena, a gente observe que o não indígena é assim né, ele é ele é muito a minha família em si, a minha obrigação com a minha família e daqui para fora eu não tenho obrigação né, eu não a minha visão é aqui o meu já é pouco ainda vou dar para outro lá que então que ele se ele quiser que ele vai trabalhar também, é uma visão que o não indígena tem e a gente não bem antes tinha forma coletiva né, hoje na atualidade é o que a gente mais tem, na questão econômica se a gente for analisar hoje na aldeia existe uma série de situações que por exemplo, a gente tem hoje cantina né, o mercado, comércio dentro da aldeia que próprios parentes hoje administra né, mas tem não indígena também que tem, esse tipo de eu diria que busca de valor né, monetário, de dinheiro né, é uma forma de circular ali uma certa economia, para nossa comunidade é uma coisa que a gente trabalha hoje né, dentro da aldeia já existe isso hoje, já é uma coisa que não era tão comum no nosso meio né, a gente tinha o hábito de trocar algo por algo por exemplo eu chegava com uma farinha muitas vezes também tu me dava um feijão, né eu chegava com um pedacinho de carne e muitas vezes tu me dava uma farinha, a gente tinha esse hábito e hoje mudou também né, a gente não tem mais esse hábito também de troca de mercadoria. Hoje quem tem um comércio na aldeia você tem que ir lá com dinheiro para comprar se não tiver o dinheiro para comprar você não compra mesmo se você tiver precisando né, você não tem naquele momento, ou seja, hoje já temos isso também, na questão do eu diria que a questão social em si, a gente observa que nossos parentes ele vem adquirindo muito hábito do não indígena, hoje a gente tem comportamento dentro da aldeia, que levam realmente a semelhança grande do convívio dentro da cidade, né bem antes, da gente não tinha uns exacerbado de droga desse nível que tá hoje dentro da comunidade, hoje em dia nossos parentes não consumindo muito tipo de droga, muito tipo de coisa que vem ali destruindo famílias né, vem ali, trazendo um comportamento de agressividade para dentro da nossa

aldeia onde já houve né até mesmo morte de parente com parente mesmo, com uso de isso aí é uma coisa que para a gente era raro isso aí acontecer e hoje é uma coisa que tá acontecendo muito no nosso meio né o uso de álcool é, de, sem limite dentro da aldeia é o que tá acontecendo muito hoje também, a questão da até mesmo de de hierarquia mudou e muita coisa mudou né, se a gente for observar hoje é raro você ver uma aldeia que existe uma hierarquia forte em questão de liderança, Cacique comunidade né, tem muitos essa geração de hoje, eles não conseguem mais respeitar ao nível que os mais velhos respeitavam antes um Cacique da aldeia né, que era o chefe maior hoje em dia parece que tá cada um por si né não tem mais aquela sensibilidade respeito de chegar consultar um Cacique, eu, não digo todos mas hoje já tem uma parte dessa geração nova que tá causando isso e a gente tem exemplos disso dentro da aldeia, até mesmo um exemplo disso até do próprio um exemplo um exemplo que a gente pode observar disso é o próprio comportamento dessa geração que faz com que haja ali um certo conflito interno, dentro da aldeia por exemplo por consumo de drogas, por consumo de álcool, ali daquele meio ali, acaba tendo atrito entre si, porque o parente ele não tem limite para utilizar aquilo dali né, e quando um chega e quer intervir para com isso que isso não tá certo, ali já vai gerar conflito né, e muito dali se sai da aldeia e vem para cidade e quando chegam na cidade acaba tendo contato com coisas mais piores ainda, hoje em dia a gente tem parente que tá praticando assalto né, que pratica roubo é uma coisa que para gente não existia, ou seja, tem muitas coisas hoje que a gente tá observando né que tá acontecendo no nosso meio que tá mudando o nosso meio hoje por causa desse contato, né desse contato que a gente tem hoje de forma eu diria que mais presente porque antigamente não era tão presente esse contato do povo de fora eu diria que com não indígena né, com a gente dentro da aldeia, eu acredito que isso tudo influenciou, ou seja, eu fui morar na cidade eu vi um eu fui morar em um bairro lá que é perigoso, e lá o povo para ter moral né para ter aquela certa autoridade eles se comportam dessa forma se tatua, bota faz uma tatuagem bota um facão na cintura. É tem que ter esfaqueado alguém né, tem que ter praticado o crime com alguém para a pessoa ser vista como um ser de auto respeito né, uma pessoa que é de respeito ali naquela comunidade e isso eles estão trazendo para aldeia, esse comportamento eles tão trazendo que era que é uma coisa que não era comum em nosso meio. Hoje em dia as criança dentro da outra de 12 13 anos já estão tendo esse comportamento né, de uso de álcool como eu falei de uso de outros tipos de drogas não existe no nosso meio por exemplo o crack em si, já já tá dentro da aldeia de forma presente, à venda desse tipo de droga dentro da Aldeia uma coisa que não existia hoje já é uma coisa comum dentro da aldeia né, que a questão do até mesmo do da prostituição já existe também que era uma coisa que não existia hoje já existe a questão da prostituição dentro da aldeia, ou seja, a decorrer do tempo foi mudando essa presença essa esse contato com essa com essa outra sociedade ela foi causando isso no nosso meio eu digo que é só coisa negativa eu digo que não, a gente tem também os pontos positivos né, que esse contato trouxe para gente como eu bem disse a questão do conhecimento né, foi um ponto positivo o grau de conhecimento que hoje a gente absorve estando dentro de uma cidade, quando a gente vem buscar um conhecimento dentro da cidade, é diferente de quem busca dentro da aldeia o grau de conhecimento é muito diferente lá é um grau de conhecimento eu diria que um pouco defasado comparado ao que era buscado na aldeia se eu tiver dentro da Universidade dentro do ensino médio que é dentro da cidade e se eu for querer comparar aquele ensino que é dado ali dentro da cidade comparar lá com a aldeia, o dele é

muito diferente, ou seja, para eu que eu estudo na cidade para competir para entrar numa universidade fazer o vestibular e vou ter mais chance porque o meu grau de conhecimento foi mais amplo meu grau de ensino foi mais amplo, e quem tá na aldeia, é muito eu diria que não é tão amplo ao ponto de você ter um grau de conhecimento que você possa ali competir de igual para igual para quem tá lá na cidade porque ali existe toda uma dificuldade né, de conhecimento, por isso que existe aí eu diria que essa migração né, desse povo para cá, então junto aí tu vem essa questão também do comportamento do conhecimento, do que é que foi mudando de acordo com o tempo que isso já foi até é um pouco falado né na questão anterior ali que tu colocou e tudo isso vem mudando dentro da nossa aldeia né, então assim, específico nessa questão eu diria que seja isso a questão do uso exacerbado de álcool de droga uma coisa que não existia é um fator a questão do não respeito mais por hierarquias dentro da aldeia, é outro fator, a prática de divisão social dentro da aldeia já existe, a questão do segmento do Evangelho a questão dos ali que são ainda tradicional né do nosso povo que é tradicional, ou seja, a gente observa que um não se mistura mais com outro, não todos! Ainda tem ainda ali aquele que conseguiu absorver um conhecimento mais vasto daquilo dali, do que é que significa o evangelismo de como que tem o segmento ele nunca deixou de praticar sua cultura nunca deixou de estar no meio de nosso povo né, ali praticando cantando batendo maracá no nosso meio, não são todos, mas há uma boa parte que eu diria, que até são leigo de conhecimento nesse segmento que acabam se deixando levar apenas por que o fulano falou, assim quando diz que é isso assim assim, ou seja, a gente observa claramente que há uma divisão, dentro da nossa aldeia hoje né, é um dos comportamentos que eu vejo. Outro fator a questão da economia seja essa questão da gente não ser mais tão coletivo a gente passou a ser eu diria que mais individual né, porque antes a gente era bem coletivo, e hoje a gente não consegue mais ser coletivo, até mesmo prática de atividade coletiva a gente não consegue mais realizar direito, por exemplo um trabalho de roça de estrada, é todo mundo é todos os homens da aldeia que vai? Não é! É no máximo ali 7 8 9 10 que vai. Antes era assim? Não era! Era uma coisa mais era uma coisa mais ampla né, bem antes era uma coisa mais ampla, até você fazer uma roça, fazer uma roça de forma coletiva que ia beneficiar toda a aldeia né, fazia-se roça ele era de alqueires, alqueires de roça. Então assim, ia beneficiar toda a aldeia, ou seja, toda aqueles pais de família daquela comunidade se reunia para fazer parte daquele dali. Hoje em dia a gente não vê mais e se tiver acontecendo é uma coisa rara em nosso meio hoje que antes era tão natural hoje se torne uma raridade né, hoje observe que existe sim isso, a questão da individualidade dentro da aldeia, é outro fator também que eu observo né, dentro da aldeia.

Quais são os motivos que levam os Teneteharas/Guajajaras a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

1º Genézio

É bom dia para todos! Porque no meu ponto de vista que eu acho que vocês parentes, da aldeia para a cidade que hoje estão convivendo da cidade buscando e um desenvolvimento de conhecimento da educação e a saúde, porque de primeiro a gente não tinha uma educação e

qualidade nas aldeias e por isso que os parentes saíram das aldeias e hoje convivem na cidade, e por esse motivo não é por falta de assistência, mas para busca de desenvolvimento para seus filhos e hoje tem parente capacitado na como professor, como agente de saúde, e hoje tem o povo que saíram das aldeias, e então trabalho de gari na cidade é por isso que o povo olharam, teve um olhar, para trazer de volta para comunidade o que eles aprenderam dentro da cidade, e por isso que estamos aqui firme e dando o suporte para eles para trazer aqueles que eles aprenderam dentro da cidade, e por isso parente, que a minha resposta no meu ponto de vista porque eu acho por esse caminho que levaram esses parentes saí das aldeias para busca de conhecimento. Então no momento e hoje tão lá aqueles que aprenderam que hoje que tão como você como você é uma pessoa que dedicou e tá trazendo né de volta buscando realidade o que aconteceu com esse povo que estão morando hoje na cidade, esse é meu ponto de vista que hoje estamos aqui esperando por eles porque ele foram para buscar melhorias e desenvolvimento e conhecimento e por isso que nós estamos aqui de braços abertos parente vem e trazer o que eles aprenderam.

Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas, ou são poucos que ainda acreditam?

2º Genézio

Pois é parente de primeiro esse também até hoje eu acredito ainda, que esse existe mesmo, existe esses kaIapor, esse Maíra, esse que minha vó sempre falava isso daí existe até hoje ainda, porque assim, e no meu ponto de vista que eu acho que isso acontece porque tem os pajé no meio que conhece sobre esse daí, que onde que existe, esse Maíra que nunca vi nem, só ouvi falar até hoje, esse Maíra que a gente, ele anda, sem a pessoa perceber, mas ele existe até hoje, e por isso que eu tô, eu tô, eu tô, eu concordo com o povo que conta essa história, e que sempre eu vejo: não aconteceu uma coisa aqui com esse fulano foi isso que aconteceu, o que aconteceu? Não, foi o Maíra, que chegou por aqui fez isso com ela, com ele, então por isso que esse Maíra que trouxe. Porque ele traz? A Maíra traz o nosso costume também o nosso sobrevivensse também, ele traz o conhecimento pras pessoas, aqueles que querem aprender junto com ele é isso aí minha resposta.

Sempre pajé falava assim: Olha! O fulano aconteceu foi isso, foi porque o Maíra falou isso, por isso que ele viu tal a doença da pessoa, ele é uma pessoa que ele entende da doença, quando, quando a pessoa se a doença. Por isso que eu digo o Maíra, ninguém se esconde dele a gente não vê ele mais ele, ele vê as pessoas de perto. É só isso que eu tenho resposta sobre Maíra, sobre das pessoas que que conviviam que conhecia até hoje eu vejo essas histórias de Maíratá, fala assim Maíratá, eu vi Maíratá, eu vi ele passando, eu vi ele ali, ele existe, porque ele, ele vive sem a gente perceber ele, sem enxergar ele, pois é, esse Maíra é assim, ele vê nós. Nós respeitamos aqueles que não acredita e nós respeitamos eles mas eu acredito que ele existe, porque ele é dono da natureza ele é do pé de árvore, mesmo assim Deus está mas ele é ele é vigia de todos de todos pé de árvore, ele porque ele vive debaixo de qualquer um pé de árvore desse daí ele vive, esse Maíratá é assim irmão.

As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

3º Genézio

Pois é! Hoje, hoje em dia que eu vejo né, a festa cultural, hoje é mantida é festa de moqueado, festa da moça menina moça, e a festa dos rapaz. E no meu ponto de vista que sempre eu acompanho, que a gente faz uma festa bem aqui, aqui nesta aldeia, uma festa que sempre a gente faz é festa de moqueado, e trazendo também pros jovens mostrando o nosso costume o nossa cultura, uma cultura que sempre ficou de pé, e nunca vai acabar porque que nunca vai acabar porque a gente sempre está incentivando as crianças para aprender cada vez mais e por que nós esquecemos uma parte do nosso costume, que as festas dos compade, na época das comades, que a festa de batata de abóbora que a gente fazia fogueiro assava os batata debaixo da cinza e também botava abóbora por cima, para poder nós ter um compade e a comade do lado, essas festas nunca mais foram feito, é porque não tem uma pessoa que se levante para relembrar para fazer né, vai começar mais a gente já tá aqui recordando agora a gente vai tentar fazer novamente para mostrar para aqueles que nunca viram, esta resposta até hoje parente, nossa festa cultural muito diz que os crentes estão acabando, mas não é isso, eu tô aqui de porta abererto para mostrar para aqueles que não é crente ainda aqueles que são crente eu posso dizer o cultura não empata né evangelismo e eu sou uma pessoa que mostra cultura, festa de moqueado eu canto de Maracá, eu mim pinta, a pintura nosso sempre eu boto, esse é o nosso costume o nosso cultura, e sempre vai ficar de pé, e essa vai ficar na história para sempre, porque o nosso antepassados deixaram para nós, e nós tem que carregar ele também está com nossos jovens, para as moças para ter essa costume e não perder a nossa fala como muitos parentes perde as nossas línguas mas que nós estamos aqui no dentro das bases mostrando para ele se nós tem que tem que levar o nossa fala em frente porque a gente nunca deve abandonar nosso costume. Nossa fala, é isso que no meu ponto de vista que eu tenha que falar, aqueles que vão vir aqueles que vão ver que eu tô falando o nosso costumes tem que ficar de pé, mas tem que mostrar não bebida, não droga, não maconha, não, não os outros droga eu sou contra esses nós tem que mostrar o nosso costume uma coisa limpa, nosso costume de qualidade vê que nós tem que fazer uma alegria, nós tem que andar com honestidade, essa é a minha fala que eu tenho para dizer, para mim a resposta é essa. Porque o nosso costume, que o nosso avô, os nossos vós, antepassados deixaram para nós tem que levar esse aqui, tem que mostrar também aqui para frente, porque eles que eu tenho que dizer para os parentes para as pessoas que vão vir e que vão entender também nós tem que cantar com nossa consciência limpa e mostrar o nosso costura, ou nosso costumes e o nosso futuro e o nosso idioma para as pessoas dizer também que existe Tentehar com seu cultura com seu costume, ele tá dizendo a verdade é isso que tem que ser feito. Rapaz, no momento eu ouvi falar sobre a festa do mel, que acontecia né, nas aldeias, no momento eu acho que não aconteceu ,mais por causa, não é porque as pessoas morrem, porque tem a pessoas que não tem interesse de mostrar, as pessoas que conhecem e não querem contribuir com os outros parentes aprender, até hoje eles tão querendo aprender, ter eu eu quero aprender porque eu quero aprender porque eu quero ver como é que é o festa do mel, eu quero saber quem é que vai levantar o mel quem é que vai cantar quem é que vai mostrar como é que dança né qual é

a música que será cantado naquela festa, por isso que eu sou muito curioso demais e que eu quero aprender cada vez mais, a minha preocupação é que eu queria ver também a festa do mel né, tem muitas aldeias que falam, lá na aldeia Juçaral teve umas festas do mel lá, eu queria ir também na época o meu carro já tinha acontecido problema eu não podia né, visitar os parentes, eu tinha vontade de conhecer a festa do mel.

A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles que não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

4º Genézio

Assim, no meu conhecimento parente porque eu, aqui na minha comunidade a gente fala nossa língua ainda, a gente nunca abandonou a nossa língua as nossas falas, e continua firme, esses que perderam as línguas, não é Tentehar original, é um mestiço, mestiço que pegaram muito mais né, com os brancos, e hoje estão transmitindo mais só o português, por isso que eles perderam as contatos com essas linguagens que a gente fala, mais aqui na minha base, aqui na minha aldeia, a gente fala mais a nossa língua, aí deixa um pouquinho português de lado porque essa fala não é nossa, aí é emprestada, e por isso que a gente tá falando nossas crianças dizer assim, olha nós tem que falar a nossa língua, nós tem que aprender cada vez mais, a gente não pode abandonar a nossa língua porque é uma língua que a gente tem, esse daqui para frente vai ter o valor e tá até hoje tem, que a gente tem que mostrar. Se alguém perguntar: porque que se chama o copo? O que que você vai responder? Eu sempre falo, como se chama panela? Você tem que dizer o nome da panela na língua indígena, na panela tá em português, tem que responder na língua também, tupi, né. Então, é por isso que eu tô dizendo os parentes, bora estudar a nossa língua, tem que ter um professor na língua indígena, se não tiver professor na língua indígena, os parentes vai, aqueles mestiços que tão vindo, vão acumulando o português no meio do Tentehar e o Tentehar vai até falar a sua língua, é por isso que eu tô dizendo, olha! Nós tem que mostrar o caminho certo, a gente não pode abandonar a nossa língua, nós tem que dizer assim pro kwaharer Tentehar: "Xi ze'eg Tentehar zane dià pe, Xi mume'u kwaharer wanupe, ta'e ikatu tanataromo zanewe". Então nós tem que falar isso daí, e hoje tem uns parentes aí que não querem nem saber, já sou mestiço mesmo, não vou falar mais aquela língua, porque isso aqui é coisa do passado, e hoje sou civilizado, é aonde que ele está perdendo, é por isso que eu digo, olha nós tem que botar a nossa língua primeiro lugar, essa português que a gente fala que tô elogiando hoje também, que eu aprendi um pouco lá eu trouxe foi de lá, eu sai da aldeia pra buscar, pra falar essa língua português, e hoje eu sei falar em duas línguas, porque que eu sei falar em duas línguas porque eu não deixei a minha língua de lado, eu sempre botei minha língua também presente, essa língua que a gente fala hoje, graças ao bom Deus e hoje nós estamos aqui, eu tô dando um pouco que eu entendo né o que eu conheço, um pouco do meu entendimento eu tô dando hoje, para o povo que vão vir e que vão entender o que eu tô falando, tanto faz como Tentehar como Karaiw, então, estou aqui para responder, né muitão não, mas pelo menos eu tô dando, a porta né para as pessoas entender.

No seu ponto de vista quais são os hábitos que os Teneteharas vem adquirindo, que não faziam parte da cultura? Quais são as influências mais presentes mesmo estando distantes da cidade?

5º Genézio

É bom essa pergunta né, porque uma pergunta que sempre eu queria responder, para sociedade né, sociedade branca e para o povo indígena né, uma coisa que me choca parente, é que os outros parentes hoje, não querem saberem de respeito né, não querem saber mais de respeitar ninguém, se você dizer para ele que para parar ele não para, mais uma coisa que sempre traz prejuízo a bebida alcoólica festa mundano, dentro das aldeias trás droga, prostituição, uma coisa que eu não concordo, eu discordo mesmo sempre, e eu não apoio uma coisa dessa, agora evangelismo tá tá tirando muitos parentes do vício, das drogas, da prostituição, das coisas que não agrada a Deus, e por isso que eu apoio o evangelismo, nas aldeias nas base, e por isso que eu sempre me levantei dizer assim: Porque que eu sou um exemplo hoje aqui na aldeia? Eu sou um exemplo aqui na aldeia! tem respeito, mas aqueles que estão fazendo isso que tão trazendo mudano, que ele não sabe nem o que tá trazendo para dentro da comunidade, tá trazendo o criminoso, estuprador, bebida alcoólica, droga, prostituição, trás até a morte também, isso acontece nas aldeias, é por isso que eu discordo isso parente, e hoje uma coisa que me ofendi, essa coisa mudana, parente hoje, nós convive dentro da sociedade branca, ele aprendi coisas ruins também, ele não vai lá so pra estudar aprender educação, como eu falei ainda agora, olha vai lá, tem uns que vão de interesse, pra trazer desenvolvimento, mas uns não vão lá para aprender a maconha, droga, prostituição, até matar as pessoas, eles vão lá para aprender isso, mas por isso que eu digo, eu discordo disso, se parente perdeu seu costume, não quero mais se pintar, porque ele aprendeu a malandragem lá dentro da sociedade branco, por isso que eu digo aquele que tá aqui dentro das bases, dizendo, dizendo que ele não aceita aquele lá vai dizer para o outro lá, olha aí, diz que o cacique lá não aceita festa mudana lá na aldeia dele, não, vamos ter que fazer, vamos fazer aqui, qualquer coisa a gente mata ele, eles pensam logo assim, por isso que digo, eu não concordo, e isso eu discordo sempre, e eu não vou apoiar, porque que eu não apoio? Porque, as coisas que não traz futuro nenhuma pra comunidade. Primeiro, as meninas moças vão beber a cachaça, vai ser prostituída, vai levada dentro da mata, então até matada, como aconteceu nas festas aqui, do lado aqui, o parente cortou o braço do outro, a cara do outro, furou o outro com a faca. Essa é uma coisa que traz futuro? Não! Não traz futuro, festa de crente só tem alegria e bolo e refrigerante, cheio de unção e com a palavra de Deus sai cheio de Espírito Santo de Deus, e vai na sua casa tranquilo dormir sossegado, porque vai cheio, não vai nem um pingo de droga, não vai nem com coisa nenhuma, só vai mesmo com o poder de Deus. Por isso que eu concordo com Evangelismo nas aldeias, agora, festa do mundo, coisa mudano, esse daí pra min já tá fora, eu não quero tá nem perto, como eu sempre eu falo, eu não vou não, alguém pode matar 20 vaca ali, não tu vai comer um pedaço ali mais nós, eu não vou não, pode ficar lá, come esses bagulhos de vocês que eu não vou querer nenhum pedaço. É desse jeito, essas são minhas respostas sobre isso daí. Tão trazendo uma coisa que não agrada nem a min nem a Deus. Porque? Porque é uma coisa que vem destruindo o nosso costume e a nossa sobrevivência também, porque ele não veio para respeitar ninguém, as

vezes a pessoa ta bem aqui dormindo sossegado e um som do lado, com tanto barulho, um cara gritando matando o outro dentro das matas, ta aí, uma coisa que eu não concordo. Parente, é o seguinte, tem uns meus parentes hoje que convive da roça, mas são poucos, mas aqueles que não convivem mais da roça, só quer saber da cidade. Porque que quer saber da cidade? Porque eles não querem mais mostrar com o tempo, os nossos antepassados viviam eram unidos né, fazia era a roça, só uma roça só, dali daquela roça que ia colher todo tipo de legume, mas hoje não, eu tenho minha rocinha ali, ninguém não pode nem mexer lá, porque li foi só eu e meus esforços né que fez lá, ninguém pode mexer, mas na época que fazia mutirão, que plantava arroz, milho, abóbora, batata, plantava de tudo lá, mas só que aonde era tudo unido, mas hoje se a pessoa quiser fazer a rocinha a pessoa tem que pagar pra ele, eles já pegaram o malandragem da cidade também, é por isso que tô dizendo que pegaram essa malandragem. Quem ensinou isso daí? Foi o homem branco que ensinou isso daí, se vocês trabalharem pro cacique lá, ele vai guardar tudinho e vocês vão comer só na hora que ele liberar, o branco botou essa ideia na cabeça dele e hoje ficou desmantelado esse negócio, porque na época era tudo unido. Olha! A nossa rua ta cheio de mato, porque ta cheio de mato, porque não se reuni, se não pagar pra ele, ele não alimpa aqui na frente, desse jeito, aprenderam esse negócio. E hoje, os parentes, não vivem mais da união né, como de primeiro, se tiver uma autoridade maior vinher aqui, rapaz se tivesse antes, olha, o cacique Taywan vai vir ali, i'i amo o ripe nehe xe, todo mundo tava era aqui, mas avisou foi em cima da hora, então é desse jeito, é desse jeito também que acontece nesse mutirão da roça, hoje não existe mais isso. Então é por causa disso né, de primeiro meu avô, minha vó, meus tios, meus irmãos, se reuniam faziam aquele grupo de pessoas que andavam fazendo as roças, plantava depois, todo mundo em grupo, hoje não, hoje não existe mais isso.

Quais são os motivos que levam os Teneteharas/Guajajaras a migrarem de suas respectivas aldeias para próximo da cidade de Grajaú-MA?

1º Iara

Eu na minha opinião, eu acredito que uns anos atrás, por exemplo, quando no tempo do meu pai né quando ele era chefe de posto, Terra Indígena Bacurizinho, quando eles resolveram levar alunos para perto da cidade em 1986 por aí, era mais com intenção de levar esse jovem para estudar perto da cidade, nesse tempo né nesse ano, mas agora eu acredito que algumas pessoas têm o mesmo foco né, interesse de os filhos estudarem, fazer faculdade alguma coisa assim, mas acredito também que outras aldeias sejam né com as vezes até para ver se leva uma vida eu acredito que uma vida melhor na cidade, pensar deles né eu acredito que seja mas nesse tempo nesse nesses anos 1980 e por aí, nesse tempo os mais velhos levavam os jovem para estudar na cidade, então foi mais pela educação, que eles tinham que estudar para ser uma pessoa na vida, essas coisas, mas hoje em dia eu acredito que algumas pessoas a intensão embora seja, mas que muitos desvia né desse caminho que é para ser seguido, infelizmente às vezes não leva para esse lado que é estudado botar os filhos estudarem, então acredito que nem todos né, mas algumas pessoas foram com essa intenção de levar os seus filhos para estudar em perto da cidade ou até na cidade mesmo.

Geralmente os Teneteharas que vivem em terras mais remotas acreditavam ou acreditam em sua maioria nos sobrenaturais, Maíra, Ka'a Izar, Miar Izar e Y Izar. Essas crenças ainda são comuns entre os Teneteharas, ou são poucos que ainda acreditam?

2º Iara

Eu acredito que não é mais todos né que acreditam, mas nós temos ainda esses os mais velhos né, que ainda não acredita, principalmente das crenças que ainda tem né, e hoje mesmo ali em casa, quase ainda agora a gente tava observando uma índia ali né que acho que ela tem uns 60 anos, que ela tava falando que que a filha dela pariu né e ela tava relatando o que que ela não podia comer o que que ela não podia fazer e ainda que não sei o que fazia mal para ela, então ela é uma família ali que ela acredita muito nesse lado de que faz parte da cultura né, da gente da crença, então assim, e também como hoje em dia tem pessoas que não acreditam, então é uma coisa muito como é que a gente pode falar é uma mistura agora aí que nem todos não tem mais aquela visão né, que pode o que pode acontecer o que que pode ser feito que infelizmente cada um agora principalmente os nossos jovem ele já tem um pensamento diferente. Aí eu acredito também que por um lado quando evangélico chegou também nas aldeias querendo não ele interferiu um pouco ou muito né, com a nossa cultura com relação a isso. O que existia antes o que existe que ainda que acontece de hoje em dia, como por exemplo a nossa festa de moqueado, alguns evangélicos chegaram a falar chegaram a pregar que não poderia existir mais esse tipo de cultura, porque então isso já é querendo ou não tem gente que acredito que eles fica pregando, então assim eles acabaram um pouco como é que faz como é que fala atingindo a nossa cultura, levando para esse lado que não acredita mais que não pode fazer mais por exemplo menina moça quando fica, não pode mais botar na tocaia que não sei o quê, então para nós isso é uma cultura que está se perdendo aos poucos, principalmente com essas mensagens que os evangélicos não digo não tô generalizando, algumas fica pregando, ando fica botando na mente dos nossos parentes tudo, então assim eu acredito que ele veio para diminuir um pouco essa o que antes a gente acreditava muito hoje em dia tem pessoas que não acredita o não acredita mesmo, que não há mais, antigamente a menina moça saía com cantoria hoje já é com culto ou forró mesmo, então é uma coisa muito complicado né, na realidade de hoje em dia, você vê que uma das influências para te diminuir assim ação cultural no caso é o evangelho né, que veio e outros também às vezes é mo envolvimento, dos não indígenas infelizmente com os nossos parentes, com a gentes mesmo quando casa, tem alguns que botam na mente das indígenas, tem alguns que também não fazem questão, mas são tudo isso é uma mistura que pode tá, influenciando nessa parte das nossas culturas.

As festas tradicionais ainda são mantidas? Se a resposta for sim, quais as mais frequentes e se for não, porque não as fazem mais?

3º Iara

A nossa festa sim é mantido principalmente a de festa de moqueado né, que faz parte aqui da nossa Terra Indígena Bacurizinho, agora outros demais não são porque os, os que sabiam né dessa festa antigamente né, hoje em dia eles não estão mais presentes, e os que ficaram não

sabem como é que faz, essas outras mas a festa de moqueada ela é mantido, e espero que daqui para frente seja né como é que fala preservado né essa festa que, felizmente nós temos ainda, e que sabemos fazer né, agora essas outras aí a gente infelizmente que eu falo que a gente não sabe né, mas os que mais do que antes existia também por aqui né, que é festa do mel, e outras festas que que eram comemorado, mas hoje em dia não existe mais, aqui só existe pé de moqueado, na Terra Indígena, mais que maioria na Terra Indígena só esse aí mesmo.

A língua Ze'egete ainda é muito falada na comunidade? Sobre aqueles que não falam mais, o que os levaram a perder a língua?

4º Iara

Eu acredito que as pessoas, eu costumo falar que a nossa língua indígena ele, ele pode até ser a pessoa pode até aprender falar depois dos seus certos anos para lá, mas quando nasce dentro de uma aldeia ele é mais fácil de, de, de aprender, tanto como até, escrever, eu não vou falar escrever porque infelizmente escrever é uma coisa que até hoje até aqueles que falam direito né a língua, infelizmente quando for para escrito a gente não escreve, mas eu acredito que a nossa a perda né, da nossa língua indígena, muitas vezes eu falo né que às vezes nós como pais a gente faz parte até desse bloqueio né, que há entre nossas os nossos filhos que talvez se não aprende a falta de incentivo mesmo, às vezes tem indígena que casa com branco, acho o indígena que casa com karaiw kuzà, acha que é bonito falar só o português, aí não quer que os filhos fala aqui mesmo nós temos muito exemplo, de umas aí que eu conheço que casaram com um karaiu aí não falaram mais a linguagem pros seus filhos, aí os meninos vão até mesmo quando os meninos aprendi a falar com cinco anos até com 10 anos mas os pais vão criticado, no caso os karaiw né, vão criticando aqui que tá falando a linguagem que não é para falar não sei o quê, já eu já tenho alguns casos aqui na aldeia mesmo, então por aí vai eu acho que só pelo fato de a meus filhos só sabe falar a língua de karaiw, não sei o que acho que é bonita aquilo, mas mais na frente esse aí vai fazer vem fazer falta para nós, como muitas vezes tá fazendo, então uma das coisas que eu admiro que as pessoas que não aprenderam na sua infância mas que hoje em dia tão falando, buscaram e falaram, é fácil não é fácil, é difícil. Mas também não é não é uma coisa que que você vai aprender hoje amanhã não, você vai ter que buscar querer mesmo aprender, então assim eu pelo menos eu tive meus filhos dois filhos mas cresceram aqui falaram aprenderem tudo, mas infelizmente o meu neto tá perdendo ele sabia até com 2 anos 3 anos, e agora não tá mais sabendo porque a gente fala, então assim muitas vezes em incentivo dos pais mesmo, eu acredito que mas é incentivo dos pais que que não fala porque se você falar com seus filhos diariamente tudo eles vão aprender sim, porque sempre eu falo assim, você tem que aprender a linguagem primeiro para poder aprender dos karaiu, porque se for ao contrário para você aprender a nossa língua depois é difícil mais difícil.

Eu acho que eu acho que não é tanto assim não, assim, em termos da nossa linguagem eu acho que nem tanto, até porque pelo menos quem mora na aldeia eu acho que não é tanto não, porque aqui maioria das crianças a gente sabe que eles falam, direto também, claro né que eles vão aprendendo aos poucos também, mas eu acho que eu acredito que não seja também

só esse aí. Eu acredito que sim porque eu não tô também generalizando os karaiw aí porque eu também sou casado com um, mas o meus filhos aprenderam a linguagem e principalmente quando aquela família for morar na cidade, aí esquece da aldeia não tem mais aquela convivência de vir visitar pelo menos ou dormir na aldeia e tudo, aí é mais difícil. Eu acho assim, importante é, mas desde que o professor indígena, ele busca realmente aquele ensino que realmente que seja da parte indígena, que o material por exemplo, se tivesse o material específico ou então que seja elaborado pelos professores indígenas com participação dos pais até, eu acho que talvez seria mais fácil, mas é importante, mas eu na minha, na minha, como é que fala? No meu ponto de vista eu acho que eles tem que buscar também mais, mas conhecimento né mas que seja também aplicado, porque antigamente o professor bilíngue ele era muito assim ele era mesmo pelo menos que o pai contava né, tanto que ele se comunicavam pelas cartas que eles eles faziam ela era escrito na linguagem, por exemplo o pai quando dava aula aqui, os cacique que morava nas outras aldeias quando ele mandava bilhete para o pai era escrito na linguagem, eles não sabia escrever em português, tanto vô Kali, o pai conta que naquele tempo o vô Kali era para trabalhar como funcionário da FUNAI, ele só não foi contratado porque ele não ele não passou pelo, pelo, como é que fala? Coisa de português mesmo, ele só sabia escrever na linguagem. É só por isso que o pai contava, que ele contava que não foi contratado só por isso, ele sabia mas não sabia escrito em português, só na linguagem. Então assim, se um professor realmente é para dar a língua indígena e buscar realmente, quais são os pontos que pode, ser que seja né mais fácil para as crianças, principalmente para educação infantil é porque a base né que vai daí que vai.

No seu ponto de vista quais são os hábitos que os Teneteharas vem adquirindo, que não faziam parte da cultura? Quais são as influências mais presentes mesmo estando distantes da cidade?

5º Iara

Bom essa parte, eu acredito que vamos pela organização né, organização dentro de uma aldeia, tanto como organização, tipo, eu lembro na minha quando eu era jovem ou criança mesmo, que o pai fazia muita reunião, eu, eu presenciava assim, que por exemplo tudo que eles iam fazer eles se reuniam combinava entre eles se ajudava né, por exemplo, botar roça eles o trabalho deles era coletivo, eles não trabalhava individual, roçar estrada, eles iam junto, mas de hoje em dia a realidade o dia atual não é mais assim é difícil, a gente tem aquele coletividade de fazer um trabalho todo mundo reunido tudo então é de hoje em dia as coisas mudaram.

E algumas, algumas coisas eu acredito também que as coisas né os acontecimentos também faz com que cada um se manifesta ou vai seguindo da maneira que, que vai entendendo né, como é que deve ser, mas isso ele enfraquece muito o desenvolvimento, organização de uma aldeia. Porque tudo que a gente, por exemplo, eu no meu trabalho como cacique, como eu falo enfraquece a organização dentro de uma aldeia, porque não é fácil a convivência né com a comunidade de hoje em dia principalmente que nossos jovens eles estão aí a disposto a seguir um caminho que também, não, não é agradável, tanto como para família como para a comunidade, envolvimento com, por exemplo, a convivência dentro de uma aldeia, e isso

também ele veio muito como é que fala? Coisar a nossa cultura, como é que fala? Até uma palavra gente fala, que ele atrasou muito o nosso desenvolvimento, porque nosso jovem, porque como eu falei no começo da minha fala, antigamente os pais tinha mais interesse de de botar os filhos na escola, de querer uma coisa melhor, hoje em dia, os pais até podem ter esse interesse, mas infelizmente a influência dentro de uma cidade não é mais como antigamente, se a pessoa ou você deixar seus filhos cidade, lá ele vai aprender o que ele quiser, o que ele quiser, aquele caminho que eu vou pode ser certo ou errado, as duas coisas pode acontecer, então infelizmente de hoje em dia, esse contato que jovens indígenas de hoje em dia, estão tendo com a cidade, é isso aí esse atraso né da deles mesmo nós com a da ideia, então é isso.

Verdade é como eu falo, quando os pais resolvem levar seus filhos na cidade, eles levam, mas o maioria dos pais não fica lá, não fica lá, não tem aquela presença de estar com os filhos, para ver se realmente estão estudando, não tem aquele acompanhamento, então ali eles tão sujeito aprendeu que eles quiserem né, ou praticar o que eles quiserem, aprendi lá e depois traz para aldeia, então isso é isso que eu tô falando, de certa forma, eles acaba envolvendo essas coisas ruins dentro da comunidade, então para nós isso não é não é uma coisa boa, que, que esse jovem tão trazendo para nossas aldeias, antigamente não existia isso, então assim, tem tudo para eles aprenderem porque tem quem quisesse levar o estudo para frente né, tem faculdade e tudo, mas infelizmente não acontece. E muitos dos nossos jovens né, envolvido em álcool, droga, e infelizmente essa é a realidade, que a gente tá aí, enfrentando né, como é que a gente pode tá ajudando nesses casos né.

Entrevista aleatória.

1º Denizar

Eu vou contar, um dia desses o Darlan veio bem ali em casa, eu dizendo pra ele um dia eu vou na chapadinha, eu vou contar tudinho como era no tempo dos pais, o pais mais o tio Alderico, eu vou contar pra vocês, eu sei contar não é só, eu mesmo vi, eu já andei com eles, por isso que eu digo também que nunca vou abandonar, a sanfona acordeom nunca vou abandonar, foi o pai que deixou essa arte pra mim, ele tocava pife também, mas quando era novinho. Então foi assim, papai aprendeu tocar um pouco pife e acho que o pife não tava dando certo né, aí mudaram pra de botão, sanfonazinha pequenininha, ainda vi essa sanfona em cima do giral no quarto, eu era menino véi e ficava olhando a sanfona no quarto e eu dizia, oh que sanfona bonita de botãozinho. Aí depois mudaram pra de palheta, aí andava tocando festa, aí eu andava muito com eles também, aqui município de Bacurizinho aqui em baixo.

Era só papai que era assim, depois que se ajuntaram os outros índios vinheram pra cá também, esses outros que tem por alí, são da culá, da Pedra, da Lagoa Cumprida[...] eu ainda vi os índios véi botando a roça assim, quando era de manhãzinha aquele mais velho gritava, ele plantava muito também nesse tempo, era mandiocaba, aí chamava aquelas pessoas e não era café não, era mingau de tapioca ou de mandiocaba, fazia também era cará e quibero de abóbora, e tapioca também, botava era mel dentro. Em setembro tirava mais era mel [...]e aproveitava também a cera do mel era fazer lamparina, vela, quando caia na pessoa arrancava

o couro. Hoje o povo não quer cortar nem uma varinha de facão de machado, nesse tempo era só de machado.

Nesse tempo caboco, nesse tempo assim, pra trazer alimentação pra li também, ou roupa pra li na cidade, pra fornecer café essas coisas assim, sabão, açúcar, não era de carro que trazia não, era de canoa, tinha aqueles canoa grande, grande mesmo, esse chefão do canoa, levava muito índio, morreu muito índio nesse tempo, so empurrando, empurrando canoa, daqui é que desce direto sem trabalhar né, mas de vinda os índios morriam muito, os índios se adoeceu, não tinha pra onde levar, tinha que morrer dentro da canoa mesmo e enterrava na beira do rio, era sim né. O índio quando sai, saía logo era despedindo da mulher dele porque ele não ia voltar mais.

Com o tempo a pessoa vai esquecendo, porque vai vendo outras coisas né,

Eu nunca estudei em colégio nenhum, só sei assinar mal o meu nomezinho véi, assim mesmo, mas assim mesmo eu sei um pouco de duas língua, eu sei escrever um pouco minha língua e a língua português, isso é muita coisa pra mim também num é?

Aquela cerca que tem la, foi o seu Alderico que mandou fazer aquele ali, foi assim que nós moremos lá, assim com nunca acaba né, esse problema grave né, nesse tempo a gente tinha uma parente, não é quando a gente tem um parente e não manda fazer uma besteira né, ele mesmo faz, nós fumo com, ele matou um parente dele, matou outro, parente mesmo, parente perto, aí disseram que tinha sido nós que tinha arrumado munição pra ele, aí foi o tempo que nós mudamos pro Morro, passamos quase 5 anos no Morro.

Termos de Consentimento:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a) “Povo Tenetehara e o processo de aculturação” desenvolvido por Taywan Morais Clemente Guajajara.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é coordenada, orientada pelo Professor Samuel Correa Duarte a quem poderei contatar consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail scodemira@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos à pesquisa na área das Ciências Humanas, direcionada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Minha colaboração se fará por meio de: entrevista, gravação de áudio, vídeo e imagens fotográficas.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do (a) participante (a): Maurício Júnior R. Guajajara

Assinatura do (a) pesquisador (a): Taywan Morais Clemente Guajajara

Assinatura do (a) testemunha (a): Taywan Morais Clemente Guajajara

Grajaú – MA 11 / 09 / 2022



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a) “Povo Tenetehara e o processo de aculturação” desenvolvido por Taywan Morais Clemente Guajajara.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é coordenada, orientada pelo Professor Samuel Correa Duarte a quem poderei contatar consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail scodemira@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos à pesquisa na área das Ciências Humanas, direcionada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Minha colaboração se fará por meio de: entrevista, gravação de áudio, vídeo e imagens fotográficas.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do (a) participante (a): Maria Maria Marizê Lopes

Assinatura do (a) pesquisador (a): Taywan Morais Clemente Guajajara

Assinatura do (a) testemunha (a): Maria Adelaide Marizê Lopes

Grajaú – MA 03 / 03 / 2022



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a) “Povo Tenetehara e o processo de aculturação” desenvolvido por Taywan Morais Clemente Guajajara.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é coordenada, orientada pelo Professor Samuel Correa Duarte a quem poderei contatar consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail scodemira@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos à pesquisa na área das Ciências Humanas, direcionada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Minha colaboração se fará por meio de: entrevista, gravação de áudio, vídeo e imagens fotográficas.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do (a) participante (a): Francisco Rodrigues Guajajara

Assinatura do (a) pesquisador (a): Taywan Morais Clemente Guajajara

Assinatura do (a) testemunha (a): Claudinei Rodrigues da C. Guajajara

Grajaú – MA 13 / 09 / 2022



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a) “Povo Tenetehara e o processo de aculturação” desenvolvido por Taywan Morais Clemente Guajajara.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é coordenada, orientada pelo Professor Samuel Correa Duarte a quem poderei contatar consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail scodemira@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos à pesquisa na área das Ciências Humanas, direcionada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Minha colaboração se fará por meio de: entrevista, gravação de áudio, vídeo e imagens fotográficas.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do (a) participante (a): Samuel Correa Duarte

Assinatura do (a) pesquisador (a): Taywan Morais Clemente Guajajara

Assinatura do (a) testemunha (a): Rosângela Carlos morais guajajara

Grajaú – MA 12 / 02 / 2022



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a) "Povo Tenetehara e o processo de aculturação" desenvolvido por Taywan Morais Clemente Guajajara.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é coordenada, orientada pelo Professor Samuel Correa Duarte a quem poderei contatar consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail scodemira@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos à pesquisa na área das Ciências Humanas, direcionada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Minha colaboração se fará por meio de: entrevista, gravação de áudio, vídeo e imagens fotográficas.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do (a) participante (a): Genízio Lopes Guajajara
 Assinatura do (a) pesquisador (a): Taywan Morais Clemente Guajajara
 Assinatura do (a) testemunha (a): Bráimundo Sousa da Silva Filho

Grajaú – MA 15 / 07 / 2022